



**GUIA
REDE DE ACERVOS
AFRO-BRASILEIROS
2026**

Guia Rede de Acervos Afro-brasileiros 2026

ISBN: 978-65-89568-12-4
(Origem: CBL)

Vários colaboradores

Museus

Digital

Português (Brasil)

ISBN atribuído em 2025 | Publicado em 2025

Bibliotecária responsável: Janaina França de Melo - CRB8/9353

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7	
GUIA DA REDE DE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS	8	
NORTE		
AMAPÁ		
Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau	12	
AMAZONAS		
Museu de Numismática Bernardo Ramos	14	
NORDESTE		
ALAGOAS		
Família Hündésô	17	
BAHIA		
Acervo da Laje	19	
Casa de Oxumarê	20	
Coletivo Arte Metropolitana	21	
Ilê Axé Inginoquê Omorossí – IAIQ	22	
Ilê Axé Opô Aganju	23	
Memorial Mãe Menininha do Gantois	24	
Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – MAFRO/UFBA	25	
Museu Afro Brasileiro Pai Procópio de Ogunjá – MAPPO	26	
Museu Afrodigital da Memória Africana e Afro-brasileira	27	
Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	28	
Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB	29	
Museu Pai Dadá	30	
Projeto Ewé Lati Wòsán: Folha para curar Museu Digital	31	
Rede de Terreiros Egungún Tradição Itaparica	32	
Rede Museologia Kilombola	33	
ZUMVÍ Arquivo Afro Fotográfico	34	
CEARÁ		
Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados	36	
Museu Arthur Ramos Casa de José de Alencar	37	
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC	38	
Museu do Ceará	39	
PERNAMBUCO		
Engenho Massangana	41	

Mamam - Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães	42	SUDESTE	
Museu do Estado de Pernambuco Coleção Culto Afro-brasileiro - Um testemunho do Xangô Pernambucano	43	ESPÍRITO SANTO	
Museu do Homem do Nordeste	44	Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo – MAPES	61
MARANHÃO		MINAS GERAIS	
Cafua das Mercês Museu do Negro	46	Acervo Fotográfico Nagôgrafia	63
Museu Afro-digital do Maranhão - MAD/MA	47	Biblioteca Universitária da UFMG Acervo Africano da Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras	64
Projeto Terreiro e Seus Mistérios	48	CenPre - Centro de Preservação da Memória Negra de Juiz de Fora e Região	65
RIO GRANDE DO NORTE		Projeto Curas	66
Casa Afropoty Sociedade Afrocentrada - CASA	50	SESI Museu de Artes e Ofícios	67
Museu Câmara Cascudo/UFRN Coleção Arte afro-brasileira	51	RIO DE JANEIRO	
SERGIPE		Acervo Djalma Corrêa	69
Raízes do Quilombo	53	Acervo Fotográfico Maria Buzanovsky	70
CENTRO OESTE		Acervo Nosso Sagrado	71
DISTRITO FEDERAL		Coletivo de Fotografos Negros	72
Instituto Memorial Lélia Gonzalez	56	lê Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira	73
MATO GROSSO		Ilê da Oxum Apara – ACIOA	74
Tenda Umbandista Centro Espírita Pai Jeremias – Seara de Vó Baiana	58	Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros - Ipeafro	75
		Inzo ia Kaiaia	76
		Memorial Cristóvão Lopes dos Anjos - Àsé Olorokè Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman	77

Memorial Oxum Egbe Ilê Iya Omidaye Ase Obalayo	78	Centro Cultural São Paulo Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga	98
Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira – MUHCAB	79	Centro Cultural Tobias Terceiro Projeto Memórias Populares de Bauru	99
Museu do Samba	80	Centro de Estudos da Cultura da Guiné	100
Museu Histórico Nacional	81	Centro de Memória Afro-americanense Dionysio de Campos	101
Museu Memorial Igá Davina	82	Centro de Memória-Unicamp (CMU) Projeto Histórias Negras	102
Museu Nacional/UFRJ	83	Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiaiense "28 de Setembro"	103
Museu Vivo Olga do Alaketu	84	Coletivo Nós - Núcleo do Museu da Pessoa em Peruíbe	104
MuseUmbanda	85	Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira SP/PR - EAACONE	105
Universidade Federal Fluminense Coleção Estudos Africanos	86	Frente Ilê Odé Ilê Asé Odé Ibualamo	106
SÃO PAULO		Ilê Axé Omo Ajunsun	107
Acervo Cultural Afrobrasileiro "Maria Esméria" - ACAFRO	88	Ilê Axé Omon Obá Olooke Ty Efon - Axé Agodó	108
Arquivo Público do Estado de São Paulo Programa Presença Negra no Arquivo	89	Ilé Ìyá Ódò Àsé Aláàfin Òyó	109
Asè Alaketù Ilè Ogun	90	Instituto de Estudos Brasileiros da USP – IEB Fundo Milton Santos	110
Associação Beneficente Cultural e Religiosa Casa de Culto Afro Brasileiro Ilê Asé Sobo Oba Àrirá	91	Jornal do Orixá Afroxé	111
Associação Cultural Cachuera!	92	MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand	112
Baixada do Glicério Viva Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental	93	Memórias de Pompeo	113
Biblioteca Afrocentrada do Estúdio Consciente	94	Museu Afro Brasil Emanoel Araujo	114
Casa Mário de Andrade	95	Museu da Cidade de São Paulo	115
Casa Museu Ema Klabin	96		
Casa Sueli Carneiro	97		

Museu da Pessoa	116	Museu Treze de Maio	136
Museu das Favelas	117	VIELAS Espaço cultural	
Museu do Café	118	Museu de Arte Regina Rodrigues Machado	137
Museu dos Aflitos – MUSA	119	GLOSSÁRIO	138
Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto	120	BIBLIOGRAFIA	144
Museu Itamar Assumpção - MU.ITA	121	FICHA TÉCNICA	146
Museu Paulista - Universidade de São Paulo	122		
Pavilhão das Culturas Brasileiras – PACUBRA	123		
Quilombo São Pedro	124		
Quilombo Urbano Negra Visão Memorial Negro de Atibaia	125		
Soweto Organização Negra	126		
União Social dos Imigrantes Haitianos - USIH	127		

SUL

PARANÁ

Museu Paranaense Coleções Maé da Cuíca e Vladimir Kozák	130
--	------------

RIO GRANDE DO SUL

Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami Projeto “Redescobrindo acervos”	132
Capoeira Park Acervo Pedro Homero	133
Clube 24 de Agosto	134
Museu Afro-Brasil-Sul - MABSul	135

APRESENTAÇÃO

Com satisfação a Rede de Acervos Afro-brasileiros lança o seu Guia 2026 para divulgar iniciativas culturais que colecionam, salvaguardam ou manifestam bens culturais, materiais e imateriais, produzidos ou reconhecidos por pessoas ou comunidades negras para, ou por, referenciá-las enquanto agentes fundamentais da história, da cultura e nas artes brasileiras. Espaços como Museus, Arquivos, Bibliotecas, Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e Matriz Africana, Quilombos, Pontos de Memória, Sítios de Memória e Consciência, Pontos de Cultura e Coleções Particulares, convidados a partir de suas inscrições nos chamamentos lançados pelo Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, nos anos 2024 e 2025.

A criação da Rede de Acervos Afro-brasileiros foi proposta pela Associação Museu Afro Brasil, em outubro de 2022, correspondendo ao Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP) que solicitava a participação do Museu Afro Brasil em uma das redes temáticas de museus, a partir do Programa Conexão Museus SP. Para tanto, foram considerados a ausência de uma rede que reunisse iniciativas para pautas e ações acerca de bens culturais que referenciam os feitos artísticos, culturais e históricos da população negra no Brasil, assim como o momento oportuno para a ampliação de vínculos e parcerias com iniciativas guardiãs de acervos afins, em consonância com a atual definição de museus apresentada, no mesmo ano, pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM).

No lançamento da Rede, em março de 2023, entre os compromissos firmados pelas iniciativas parceiras está o mapeamento de acervos, coleções e bens culturais afro-brasileiros, Brasil afora, e sua divulgação. O Guia da Rede de Acervos Afro-brasileiros visa contribuir com a história, a ancestralidade e a memória da cultura negra no país, o combate ao racismo e à intolerância cultural e religiosa, o afroturismo, a visibilidade, o reconhecimento, o empoderamento e o desenvolvimento das iniciativas e de seus agentes, pesquisas, conexões e parcerias entre acervos. Deixamos aqui o convite para que outras iniciativas se juntem a nós.

Museu Afro Brasil Emanoel Araujo



Nos acompanhe nas redes sociais:



[@acervosafrobrasileiros](#)



[Playlist 1º Encontro da
Rede de Acervos Afro-brasileiros](#)

[Playlist 2º Encontro da
Rede de Acervos Afro-brasileiros](#)

GUIA DA REDE DE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS

A primeira edição do Guia da Rede de Acervos Afro-Brasileiros, publicada em novembro de 2024, representou um marco inicial no esforço de se mapear a presença destes acervos no Brasil. Na primeira edição, foram apresentados os perfis de 41 iniciativas de 11 estados pertencentes às 5 regiões brasileiras, que aderiram ao chamamento do Museu Afro Brasil à Rede e participaram das atividades realizadas entre 2023 e 2024. Abaixo, a apresentação da análise da distribuição seguindo o critério região/estado:

- **Norte:** Amapá (1)
- **Nordeste:** Bahia (8), Ceará (4), Maranhão (2), Rio Grande do Norte (1)
- **Centro-Oeste:** Distrito Federal (1), Goiás (1)
- **Sudeste:** Espírito Santo (1), Minas Gerais (1), Rio de Janeiro (6), São Paulo (13)
- **Sul:** Rio Grande do Sul (2)

Esse primeiro diagnóstico revelou tanto a potência das iniciativas existentes quanto as ausências regionais, evidenciando o desafio territorial do Brasil em garantir o acesso informacional e a inclusão digital a todas as pessoas, o alcance das chamadas públicas e as condições de visibilidade de acervos, sobretudo fora dos grandes centros urbanos. Ainda assim, o Guia de 2024 consolidou a Rede como um território de encontro e reconhecimento mútuo, reafirmando que os acervos afro-brasileiros existem, resistem e produzem memória, mesmo quando não reconhecidos oficialmente pelas políticas públicas.

DIAGNÓSTICO DA EDIÇÃO 2026

Para a edição 2026, com lançamento previsto para dezembro de 2025, o Guia passa a ser organizado por região e por estado, buscando oferecer uma leitura territorial mais precisa do cenário nacional. A nova edição, com 106 iniciativas inscritas, evidencia a ampliação do mapeamento e a diversidade das experiências, reunindo museus institucionalizados, acervos comunitários, coleções independentes, espaços religiosos, terreiros, centros culturais, iniciativas universitárias e projetos autônomos.

- **Norte:** Amapá (1), Amazonas (1)
- **Nordeste:** Alagoas (1), Bahia (16), Ceará (4), Pernambuco (4), Maranhão (3), Rio Grande do Norte (2), Sergipe (1)
- **Centro-Oeste:** Distrito Federal (1), Mato Grosso (1)
- **Sudeste:** Espírito Santo (1), Minas Gerais (5), Rio de Janeiro (18), São Paulo (40)
- **Sul:** Paraná (1), Rio Grande do Sul (6)

Esta ampliação não representa apenas crescimento numérico, em mais de 100% referente à primeira edição, mas demonstra que a Rede de Acervos Afro-brasileiros tem gerado uma maior articulação entre iniciativas; contribuído para fortalecimento das redes locais; ampliação da circulação do Guia; e o reconhecimento progressivo da Rede em diferentes territórios como um espaço de aquilombamento e de resistência cultural coletiva.

Ao mesmo tempo, o diagnóstico permanece claro: o mapeamento ainda está longe de esgotar a realidade brasileira, mas evidencia um crescimento expressivo e qualitativo, não só em número de registros, mas em diversidade de formas de memória (museus, arquivos, coletivos, terreiros, redes, acervos comunitários, arquivos fotográficos etc.).

A Rede é formada por voluntários, e todas as ações dependem da disponibilidade de tempo das pessoas envolvidas. Por essa razão, para edição 2026 não foi possível receber novas proposições fora do prazo estabelecido, devido ao cronograma já avançado de organização e edição.

CHAMAMENTO PÚBLICO E REDES SOCIAIS: MOBILIZAÇÃO VIVA

As duas edições do Guia de Acervos Afro-brasileiros foram fruto de um chamamento público divulgado exclusivamente pelas redes sociais do Museu Afro Brasil e da Rede de Acervos Afro-brasileiros, assim como pela circulação em grupos de conversas da área museológica brasileira. Esse processo, embora orgânico e potente, também revelou limites de alcance, especialmente em estados e regiões com menor acesso às redes institucionais, fazendo-se pensar em novas articulações para os anos vindouros.

É possível que essa realidade explique ausências ou participação reduzida de algumas regiões, o que nos provoca a buscar novos caminhos de comunicação e mobilização. Por isso, a partir de 2026, a Rede buscará trabalhar pela regionalização do processo de mapeamento, assim como buscará uma articulação com os Sistemas Estaduais de Museus dos Estados e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) fortalecendo articulações locais e ampliando o alcance das futuras chamadas públicas e a consequente adesão e participação de iniciativas de todos Estados brasileiros.

É fundamental destacar a necessidade de ampliar as articulações regionais, fortalecendo núcleos locais capazes de mapear, mobilizar e dar

visibilidade às iniciativas em seus próprios territórios. Sabemos que os acervos afro-brasileiros existem em todos os estados, ainda que nem sempre visíveis ou reconhecidos. A Rede cresce quando alcança as bordas, os interiores, as periferias, os quilombos, os terreiros, os arquivos domésticos, os acervos de famílias, as comunidades tradicionais e os espaços já institucionalizados.

UM GUIA NÃO SE ENCERRA EM SI

Este Guia não é um produto final. Não é um ponto de chegada. É uma travessia. É uma caminhada coletiva.

A Rede de Acervos Afro-brasileiros sonha com a construção de um site próprio, funcionando como um repositório documental, em permanente atualização, capaz de abrigar este mapeamento vivo, mutável, em expansão, espelhando a natureza dinâmica da memória afro-brasileira no Brasil. Da mesma forma, a Rede de Acervos Afro-brasileiros reafirma a importância da manutenção dos encontros anuais, presenciais ou virtuais, em São Paulo e em outros estados, como espaços de diálogo, a quilombamento, troca de experiências, fortalecimento político e afetivo entre as iniciativas. Estes encontros são tão importantes quanto o Guia: são neles que a Rede se faz, se refaz, se escuta e se projeta.

Este Guia é um convite. Convite à escuta. Convite à presença. Convite à articulação. Se você cuida de um acervo afro-brasileiro, institucionalizado ou não, este espaço é seu. Se você preserva a memória afro-brasileira, este espaço é seu. Se você luta contra o apagamento e o silenciamento histórico da cultura negra no Brasil, este espaço é seu.

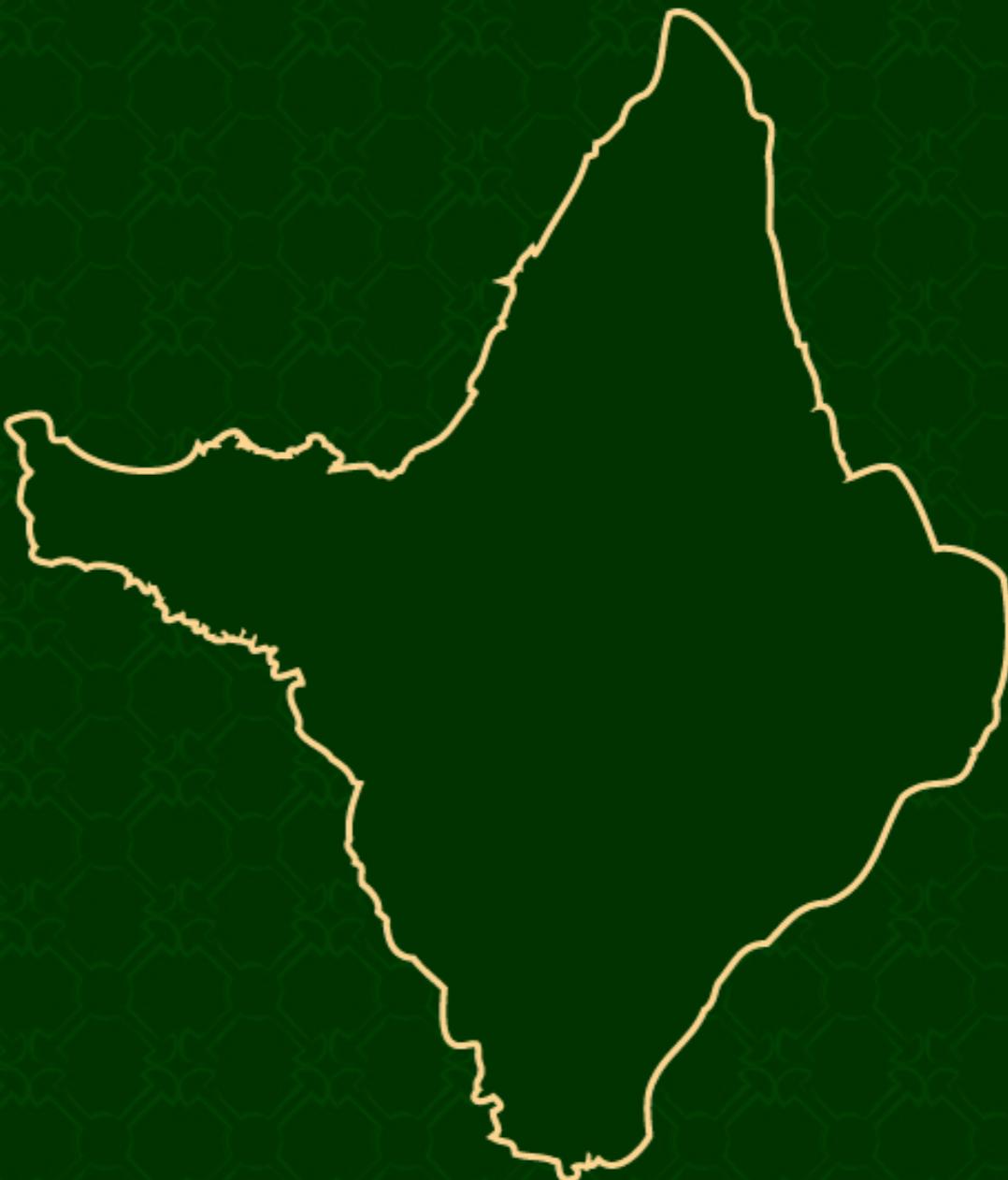
A Rede de Acervos Afro-brasileiros é um organismo vivo, em constante construção e você é parte fundamental dessa história.

**Aline Carvalho
Graciele Karine Siqueira
Janderson Brasil Paiva
Nascilene Ramos
Renata Pante
Silvia Raquel de Souza Pantoja**

NORTE



AMAPÁ



Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau

O Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau é um museu comunitário fundado em 25 de maio de 2023, data simbólica em celebração ao Dia da África. A iniciativa nasceu da transformação da antiga Sala de Memória do Marabaixo, criada em 2019, e foi idealizada pelo Padre Paulo Roberto da Conceição Matias de Souza. O museu surge como resultado de um esforço coletivo para valorizar as expressões culturais afro-amapaenses e promover o reconhecimento da herança africana na Amazônia brasileira. Seu nome homenageia Josefa Pereira Lau, Zefinha, ícone da cultura negra do estado, marabaixeira e mãe, que faleceu em 2019, aos 92 anos.

A instituição tem como missão ser um espaço de inclusão social, educação, cultura, memória e pertencimento, comprometido com a valorização das lutas e vivências do povo negro do Amapá. O Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau busca estimular o diálogo intercultural, fortalecer identidades e contribuir para as mudanças sociais e educativas urgentes que o estado e o país demandam.

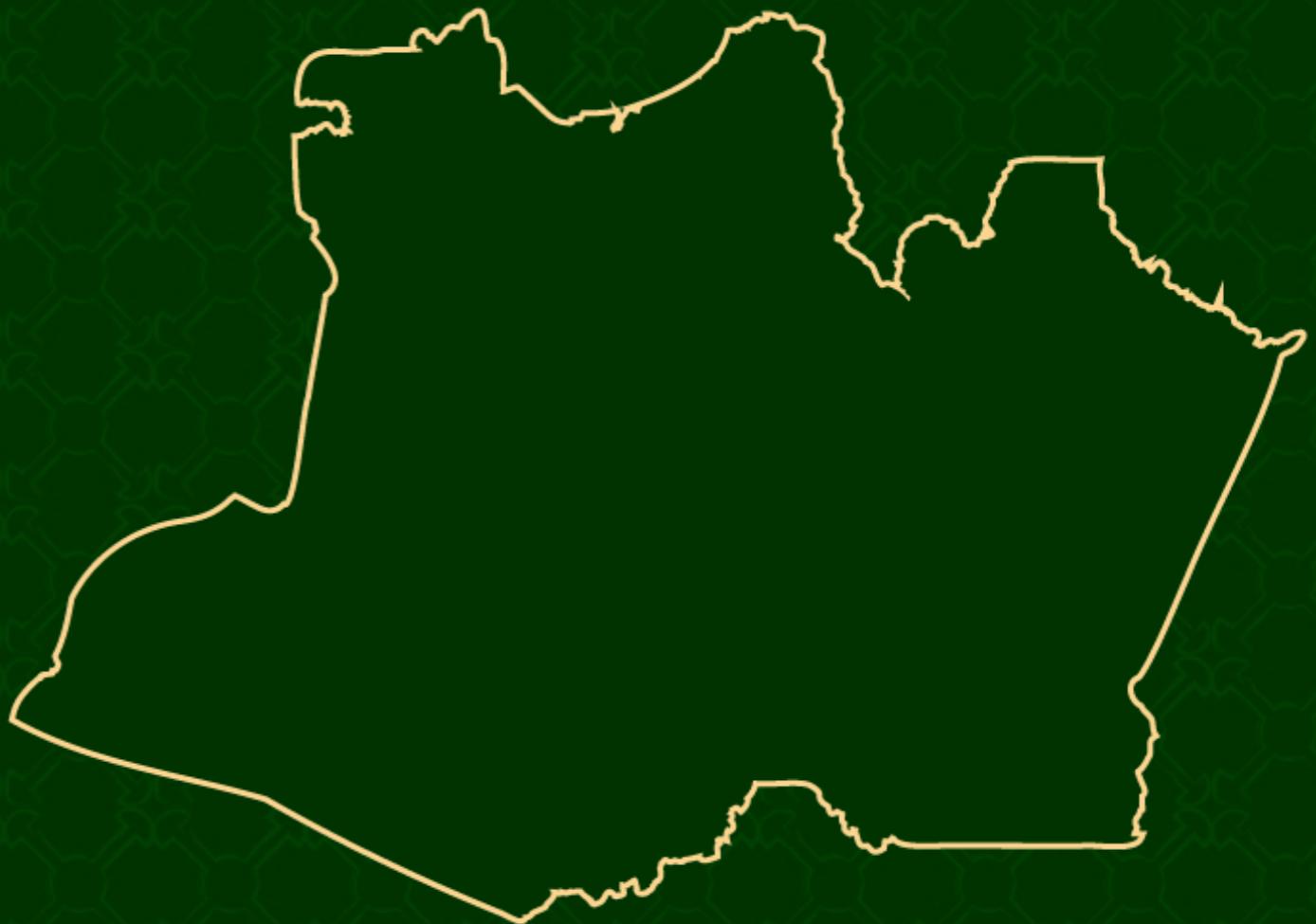
O acervo representa as diversas realidades da população negra no Amapá, articulando saberes, objetos, registros e expressões culturais que refletem a interconexão entre as culturas africanas e amazônicas. A instituição adota o conceito de museu comunitário vivo, no qual a comunidade é protagonista da salvaguarda e da difusão de suas memórias, reafirmando o pertencimento étnico e cultural afro-amazônico. Em 2023, o museu foi indicado ao prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que reconhece iniciativas de preservação do patrimônio brasileiro.



Imagen de Pretos Velhos- entidades da umbanda. Padre Paulo Roberto

- Av. Dr. Silas Salgado, 3586 - Santa Rita, Macapá - AP, 68901-346
- (96) 3222-5675
- <https://www.museujosefapereiralau.com.br/>
- @afro_amazonico

AMAZONAS



Museu de Numismática Bernardo Ramos

O Museu de Numismática Bernardo Ramos (MNBR) é um dos maiores da América Latina em sua área, o mais antigo do Brasil e já foi considerado o quarto do mundo. Seu acervo destaca-se pela coleção de medalhas que valorizam a contribuição histórica e cultural de diferentes povos.

Entre as peças, estão o Conjunto de Medalhas de Bronze da Casa da Moeda do Brasil, em homenagem aos Símbolos Afro-Brasileiros, criadas pelo artista Rubem Valentim, que celebram a cultura e as tradições afro-brasileiras. O acervo inclui ainda a Medalha do Primeiro Centenário da Abolição da Escravatura Negra no Amazonas (1884-1984) e a Medalha da Princesa Isabel (1888), ambas representando marcos na luta pela liberdade e pelos direitos da população negra.

Essas peças constituem importantes registros da resistência e da memória afro-brasileira, contribuindo para o diálogo sobre identidade, diversidade e história. O MNBR atua na preservação, pesquisa e difusão desse patrimônio, promovendo a educação e o respeito à diversidade cultural no Brasil.



Conjunto de Medalhas de Bronze da Casa da Moeda do Brasil, em homenagem "Símbolos Afro-Brasileiros", projetadas pelo artista Rubem Valentim. "Arquivo Institucional"

-  Palacete Provincial - Praça Heliodoro Balbi, s/n - Centro, Manaus - AM, 69005-260
-  (92) 3631-3632 / (92) 3631-6047
-  m_numismatica_br@cultura.am.gov.br
-  <http://www.cultura.am.gov.br>
-  @culturadoam
-  @culturadoam

NORDESTE



ALAGOAS



Família Hündésô

O Hùnkpámè Ayónó Hùndésô, conhecido como Família Hùndésô, é uma Organização da Sociedade Civil de cunho religioso, social, cultural e benéfico, sediada em Alagoas. Criada para preservar e fortalecer as tradições afro-brasileiras, tornou-se referência na resistência cultural e na valorização das religiosidades de matriz africana. Em 2009, fundou o Maracatu Nação Acorte Alagoas, o primeiro grupo do estado com ligação direta a um terreiro de candomblé e com rei e rainha oficialmente coroados após o episódio histórico do Quebra de Xangô de 1912, contribuindo para o renascimento e a reafirmação de práticas antes silenciadas pela perseguição e pelo racismo religioso.

A missão da Família Hùndésô é preservar e difundir tradições afro-brasileiras, promovendo cidadania, direitos humanos, democracia e equidade racial. Por meio de ações culturais, sociais e educativas, busca combater o preconceito e fortalecer a identidade das comunidades negras e religiosas de matriz africana, além de gerar oportunidades de formação, renda e inclusão para populações em situação de vulnerabilidade.

O espaço da instituição abriga expressões como o Maracatu Nação Acorte de Alagoas, o Coco de Roda Catimbó do Coco, o Afoxé e o Bloco Carnavalesco Menino do Arroz, que atuam na valorização da memória ancestral, unindo sagrado, arte e vida comunitária. A organização mantém ainda o Centro de Desenvolvimento Curumim Tobossi, voltado à formação sociocultural e educacional, com foco em empregabilidade, geração de renda e fortalecimento de políticas públicas para a população negra, periférica e de matriz africana. Assim, o Hùnkpámè Ayónó Hùndésô consolida-se como importante núcleo de preservação da memória afro-brasileira e de transformação social em Alagoas e no Brasil. Em 2025 tornaram-se Ponto de Cultura, projeto financiado pela Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa de Alagoas (SECULT), por meio da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) e da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), do Governo Federal.



Rainha Lucineide e Rei Doté Elias em cortejo na Serra da Barriga, em União dos Palmares (AL), em 2011.



Povoado Riacho Branco, Joaquim Gomes - AL



(82) 99925-0064



@familia_hundeso



https://www.facebook.com/hunkpameayonohundeso/?locale=pt_BR



<https://www.youtube.com/@fam%C3%ADliahundeso/shorts?app=desktop>

BAHIA

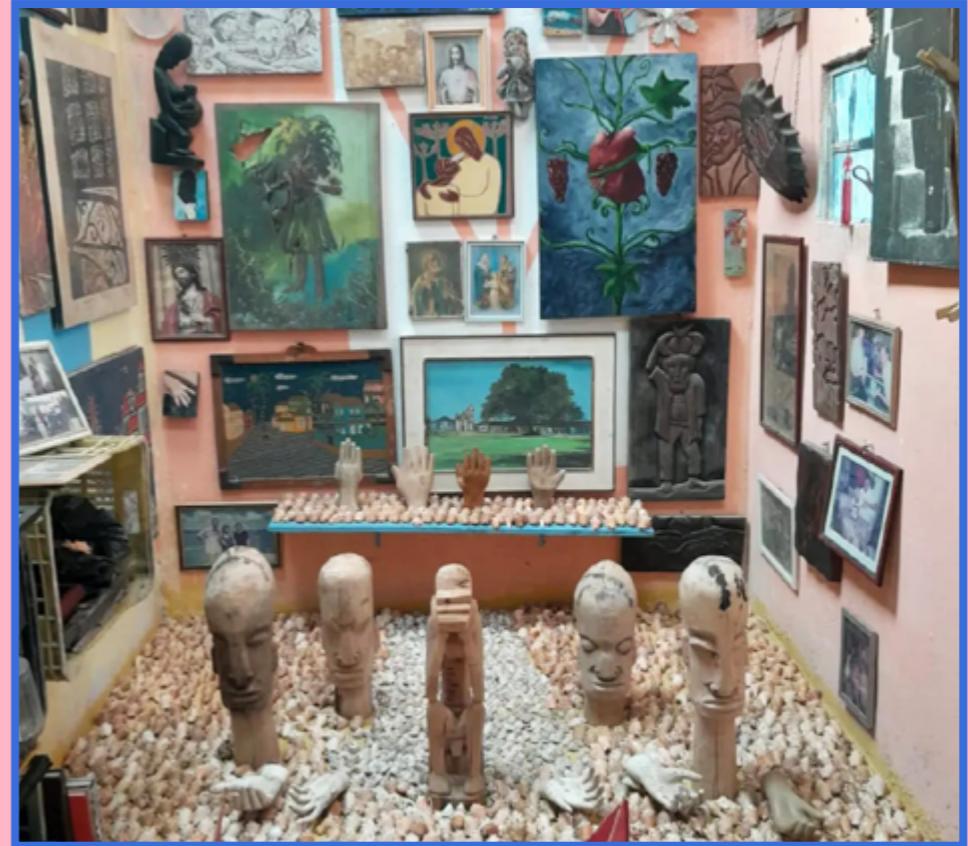


Acervo da Laje

O Acervo da Laje é um espaço cultural, de memória artística e de pesquisa sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS), região que reúne aproximadamente 10% da população da capital baiana, segundo o IBGE. Sua Associação Cultural foi criada em 2010, pelo casal de educadores Vilma Santos e José Eduardo Ferreira Santos.

A iniciativa conta uma história até então invisível e estimula pesquisas e a ressignificação da imagem da periferia ao evidenciar seus valores, memória, cultura e elaborações estéticas, além de realizar o encontro de pessoas com obras e artistas, a partir de exposições e de oficinas. No ano de 2014, o Acervo da Laje participou como espaço expositivo da 3ª Bienal da Bahia e da 31ª Bienal de São Paulo, no Simpósio Usos da Arte.

Definido como Casa-Museu-Escola, atualmente a Associação Cultural Acervo da Laje conta com as Casas 1 e 2 onde salvaguarda o acervo composto por biblioteca, hemeroteca, coleção de discos e CDs, fotografias, documentos, objetos do Subúrbio Ferroviário de Salvador, artes, artefatos históricos, entre outros itens. O arrolamento de parte de suas coleções se deu em parceria com o Goethe Institut (2020) e via projeto financiado pela Fundação Gregório de Mattos (2021), que viabilizou também biografias de artistas presentes na coleção. O Acervo da Laje é aberto para visitação, a partir de agendamento.



"Acervo da Laje – Casa 01", Registo- Jose Eduardo Ferreira dos Santos, 2023

R. Sá Oliveira, 2 - São João do Cabrito, Salvador - BA, 40717-380

[contato@acervodalaje.com.br](mailto: contato@acervodalaje.com.br)

acervodalaje.com.br

[@acervodalaje](https://www.instagram.com/acervodalaje)

[@acervodalaje](https://www.facebook.com/acervodalaje)

[Ocupa Lajes](https://www.youtube.com/occupalajes)

Casa de Oxumarê

A história da Casa de Òsùmàrè remete à época da formação do candomblé no Brasil. A sua origem remonta ao início do século XIX e foi marcada pela luta e resistência de africanos escravizados que, obrigados a abandonarem suas terras e laços familiares, não renunciaram à sua cultura e fé. Seu fundador Bábá Tálábí, oriundo da antiga cidade Kpeyin Vedji, localizada a noroeste de Abomei, aportou em Salvador em 1795 na condição de escravizado. Foi um sacerdote com grande propriedade para introduzir e difundir o culto aos Òrisà no Brasil, por pertencer a uma das mais relevantes famílias de Culto à Sakpata (Ajunsún), na África.

Passando por diversos sucessores através dos tempos, a Casa de Òsùmàrè obteve congratulações importantes. Em 15 de abril de 2002, a Fundação Cultural Palmares reconheceu a Casa de Òsùmàrè como território cultural afro-brasileiro, atestando sua permanente contribuição para a preservação da história dos povos africanos no Brasil; dois anos depois, em 15 de dezembro de 2004, foi registrado em livro de tombo do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC como patrimônio material e imaterial do Estado; em 9 de julho de 2014, a Casa de Òsùmàrè foi finalmente inscrita nos Livros de Tombo Histórico e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, como Patrimônio Nacional do Brasil.

Além de desenvolver atividades religiosas, a Casa de Òsùmàrè é ativamente engajada em projetos sociais e culturais, que contribuem para o desenvolvimento e inclusão das comunidades do seu entorno. Comprometida na luta contra o preconceito e a intolerância religiosa, possui um extenso histórico de realização de atividades e ações que visam a valorização do legado cultural afro-brasileiro e garantir o direito de cada cidadão em professar livremente sua fé. Para melhor desempenhar estas funções, desde 1988, institucionalizou-se sob a denominação Associação Cultural e Religiosa São Salvador.

Sivanilton Encarnação da Mata “Baba Pecê” é o Olori Egbe responsável pelo Ilê Axé Oxumarê em Salvador, Bahia e lidera a instituição desde 1991, no ano de 2026 a casa completara 190 anos.



Fachada da Casa de Oxumarê. Imagem: Divulgação/Casa de Oxumarê

 Av. Vasco da Gama, 343 - Federação, Salvador - BA, 40230-731

 secretaria@casadeoxumare.com.br

 casadeoxumare.com.br

 [@casadeoxumare](https://www.instagram.com/@casadeoxumare)

 [@casadeoxumare](https://www.facebook.com/@casadeoxumare)

 [Casa de Oxumare](https://www.youtube.com/Casa de Oxumare)

Coletivo Arte Metropolitana

O Arte Metropolitana é um coletivo artístico de Simões Filho (BA), atualmente reconhecido como Ponto de Cultura. Formado por criadores, autores e intérpretes de diferentes linguagens e estilos, o grupo nasceu da convicção de que a arte é uma força transformadora capaz de promover inclusão, expressão e identidade.

Seu trabalho se dedica a criar espaços de fruição e produção cultural, valorizando as manifestações artísticas locais e o protagonismo de artistas da região metropolitana de Salvador.

O acervo do coletivo é composto majoritariamente por obras audiovisuais, entre elas: Eu e o mar, Cotidiano, Sentidos, Simões Filho tem dança! (2022), Eu vou te mostrar, Entrevista com Carlos Borges sobre São João, e a websérie e documentário "A Pequena Princesa Negra", veiculados no Cine Glauber Rocha no projeto Stage Pluss. Além dessas produções, o coletivo mantém várias horas de entrevistas e registros não editados, que compõem um importante arquivo audiovisual da memória e da cultura contemporânea de Simões Filho.



Apresentação no Quilombo Caipora Pitanga de Palmares

 R. Monteiro Lobato, 393 - Quadra 03 - Lobato, Salvador - BA, 40470-100

 artemetropolitana.sf@gmail.com

 [@arte.metropolitana](https://www.instagram.com/@arte.metropolitana)

 [@artemetropolitana](https://www.facebook.com/@artemetropolitana)

 [Arte Metropolitana](https://www.youtube.com/Arte Metropolitana)

Ilê Axé Inginoquê Omorossí - IAIO

Fundado em 1992, o Ilê Axé Inginoquê Omorossí (IAIO), localizado na Rua 35, bairro de Castelo Branco, em Salvador (BA), é uma casa de tradição nagô-vodum, dedicada ao culto de Pai Obaluaiê, orixá regente do Ilê, e aos demais orixás da Nação Ketu. Sob a liderança do Babalorixá Edvaldo Jones, o IAIO é descendente do Ilê Axé Ijino Ilu Orossi, tendo raízes ancestrais em Pai Miguel Deuandá, Yá Ylukeran (Alaíde Pereira Santos) e Baba Lokanfu Toluayê (José Antônio de Obaluaiê), linhagem que fundamenta sua tradição e identidade espiritual.

O Ilê tem como missão manter viva a continuidade e a sobrevivência das religiões de matriz africana, compreendendo a religiosidade como força transformadora também no campo social. Ao longo de mais de três décadas de existência, o terreiro consolidou-se como um espaço de fé, cultura e compromisso comunitário, desenvolvendo diversas iniciativas sociais voltadas à promoção da dignidade, da solidariedade e da resistência frente às desigualdades e ao racismo religioso.

Em 2024, foi criado o Memorial Ekedi Onitoju, um espaço permanente dedicado à preservação, valorização e difusão das memórias do terreiro. A iniciativa, viabilizada com apoio da Lei Paulo Gustavo, homenageia a primeira ekedi da Casa, símbolo de zelo, cuidado e ancestralidade. O acervo do Memorial reúne documentos textuais, fotografias, vídeos, livros da Biblioteca Pai Cariri e objetos rituais e tridimensionais, constituindo um importante repositório de memória e fé.

O Memorial também se destaca por seus recursos de acessibilidade, que incluem e-book com audiodescrição, QR codes em braile e piso tátil, assegurando a inclusão de todos os públicos. Com enfoque comunitário e técnico, o espaço reafirma os terreiros como arquivos vivos, fundamentais à preservação da memória e dos saberes afro-brasileiros, e se posiciona como território de resistência frente ao racismo religioso e à desinformação.



Paramentas de Oba. Paramentas mais antigas da Yabá Oba do babalorixá do Terreiro. Arquivo Institucional

-  R. 35, Casa 07, Terceira etapa de Castelo Branco, Salvador - BA, 41.320-010
-  inginoqueomorossi@gmail.com
-  <https://www.iaio.com.br/>
-  [@omorossi](https://www.instagram.com/@omorossi)
-  [Ilê Axé Inginoquê Omorossí](https://www.youtube.com/Ilê Axé Inginoquê Omorossí)

Ilê Axé Opô Aganju

O Terreiro Ilê Axé Opô Aganju, localizado em Lauro de Freitas (BA), foi fundado em 1972 pelo Babalorixá Balbino Daniel de Paula (Obaràyí). Inserido na tradição do candomblé Ketu, o terreiro faz parte da história religiosa e da urbanização da Vila Praiana, destacando-se como um importante espaço de articulação cultural entre o Brasil e a África iorubá.

Ao longo de sua trajetória, o Ilê Axé Opô Aganju consolidou-se como referência espiritual, social e cultural, comprometido com a preservação da memória afro-brasileira, o fortalecimento das práticas religiosas de matriz africana e a valorização das lideranças negras que compõem essa tradição. Sua missão inclui acolhimento comunitário, educação e a continuidade dos ensinamentos transmitidos por Obaràyí e por outras figuras centrais do candomblé baiano, como Pierre Verger e Egbomi Cici de Oxalá.

O acervo do terreiro reúne fotografias históricas feitas pelo Pai Fatumbi, recortes de jornais sobre Mãe Senhora e sobre a trajetória religiosa de Obaràyí, além de registros de festividades, livros, esculturas, objetos pessoais e rituais produzidos no Brasil e em países africanos, muitos deles adquiridos nas viagens de Pai Balbino. Parte desse conjunto recebeu documentação museológica inicial com apoio do Ministério da Igualdade Racial/Fiocruz (Edital Mãe Gilda de Ogum) e realizado em parceria entre filhos da casa e museólogos de Salvador. Trata-se de um acervo que revela os trânsitos culturais, religiosos e intelectuais vividos por Obaràyí e por sua geração, preservando a memória do candomblé Ketu e suas conexões afro-diaspóricas.



Oxê de Xangô (escultura). Autoria_ Mário Cravo Júnior
Atrás: Fotografia de Pai Balbino por Pierre Fatumbi Verger



R. Sakete, 36 - Vila Praiana, Lauro de Freitas - BA, 42704-610



ileaxeopoaganju.com.br



[@ileaxeopoaganju](https://www.instagram.com/@ileaxeopoaganju)



[Ilê Axé Opô Aganju](https://www.facebook.com/IleAxéOpôAganju)

Memorial Mãe Menininha do Gantois

Criado em 10 de fevereiro de 1992, o Memorial Mãe Menininha do Gantois é um espaço pioneiro dedicado à preservação da memória e da religiosidade de matriz africana na Bahia. Considerado o primeiro espaço museal do país voltado à trajetória de uma personalidade religiosa afro-brasileira, o Memorial está integrado ao espaço sagrado do Terreiro do Gantois, em Salvador, o que reforça sua relação direta com o universo simbólico e ritual que o fundamenta. Sua criação representa um marco na história da museologia afro-brasileira, reafirmando o compromisso com a valorização da tradição egbá-arakê/jeje-nagô e com o reconhecimento das comunidades de terreiro como guardiãs da memória e do patrimônio cultural brasileiro.

O Memorial Mãe Menininha do Gantois tem como missão preservar, documentar e difundir o legado espiritual, social e cultural de Mãe Menininha, uma das mais importantes lideranças da religiosidade afro-brasileira. O espaço busca articular memória, devocão e identidade, promovendo o entendimento da museologia como prática social e instrumento de valorização das culturas de matriz africana. Ao revelar o sentido de cada objeto, documento ou registro dentro de seu contexto simbólico e religioso, o Memorial cumpre sua função de educar e sensibilizar o público sobre o valor do patrimônio imaterial e material afro-brasileiro.

O acervo do Memorial reúne mais de 500 peças que testemunham a trajetória de Mãe Menininha e a história da tradição egbá-arakê/jeje-nagô na Bahia. Trata-se de uma coleção aberta, dividida em três núcleos expositivos: o espaço da mulher, Maria Escolástica; o espaço da sacerdotisa, Mãe Menininha; e a ambientação de seu aposento. O conjunto inclui objetos civis e religiosos, registros fotográficos, documentos e elementos litúrgicos, que expressam a integração entre a vida cotidiana e o sagrado. Além do acervo expositivo, o Memorial conta com a obra Memorial Mãe Menininha do Gantois – Seleta do Acervo – Coleção História e Patrimônio Vol. 1 (2010), publicação bilíngue que apresenta aspectos da história, cultura e patrimônio da comunidade-terreiro. Reconhecido como Ponto de Memória pelo Ibram e Prêmio de Educação pelo Ibermuseus, o Memorial é mais uma tecnologia social de uma comunidade tradicional de matriz africana, detentora e transmissora de saberes e testemunhos memoriais, reafirmando o compromisso legado pela ancestralidade diante de seus pares.



Módulo I - Aposento de Mãe Menininha do Gantois, com mobiliário, iconografia religiosa, objetos, obras de arte, fotografias, indumentária religiosa - Foto: Rubens Caldas

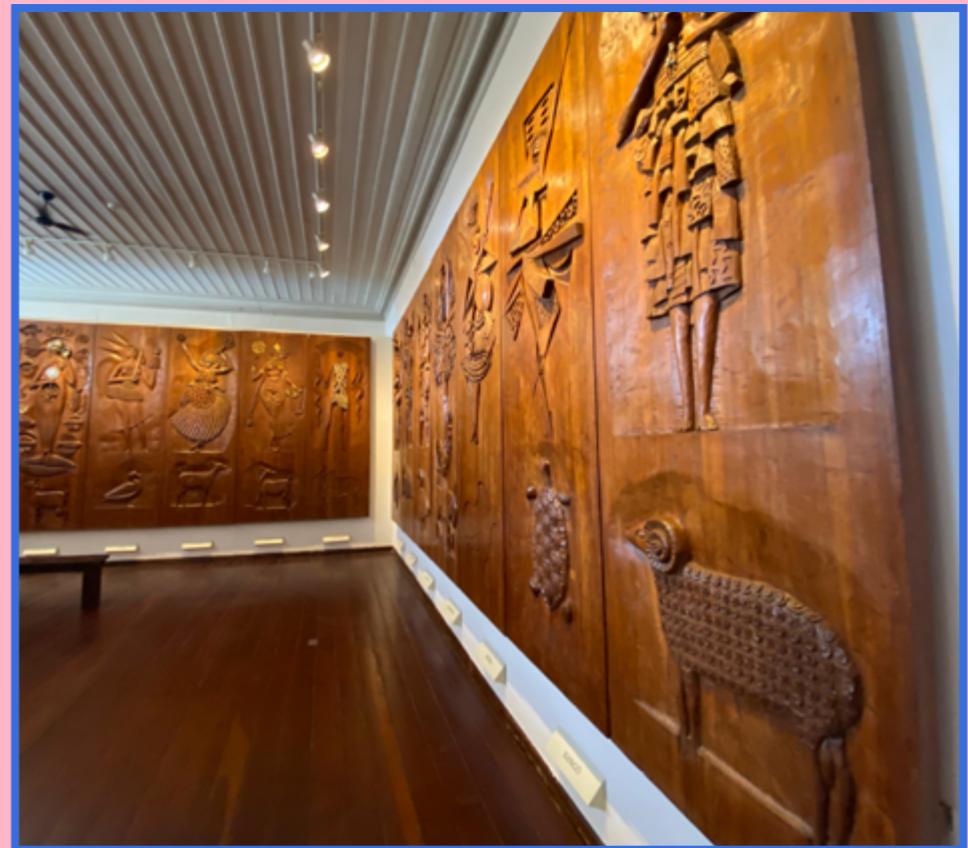
- R. Mãe Menininha do Gantois, 23 - Federação, Salvador - BA, 40215-150
- memorialmaemenininha@gmail.com
- terreirodogantois.com.br
- [@terreirodogantois](https://www.instagram.com/@terreirodogantois) | [@memorialgantois](https://www.instagram.com/@memorialgantois)
- [Terreiro do Gantois - Ilé Íyá Omi Àsé Íyámase](https://www.facebook.com/Terreiro-do-Gantois-Ilé-Íyá-Omi-Àsé-Íyámase)

Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia - MAFRO/UFBA

O MAFRO – Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – foi inaugurado em 7 de Janeiro de 1982, no local onde entre os séculos XVI e XVIII funcionou o Real Colégio dos Jesuítas, e a partir de 1808, a primeira Escola de Medicina do Brasil. Seu projeto original, datado de 1974, foi concebido pelo antropólogo e fotógrafo Pierre Verger e desenvolvido no início da década de 1980 pela arquiteta Jacyra Oswald e pela etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, dentre outros professores e pesquisadores da Universidade e consultores externos.

No âmbito do “Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia”, sua criação correspondeu aos anseios da existência de um espaço de coleta, preservação e divulgação de acervos referentes às culturas africanas e afro-brasileiras, tendo por objetivo estreitar relações da comunidade local com a África, e compreender a importância deste continente na formação da cultura brasileira.

Entre os anos de 1997 e 1999, sob a coordenação do Museólogo Marcelo Cunha, o MAFRO passou por um processo de renovação de sua exposição, que vem sendo redimensionada nos últimos anos. Desde os anos 1990, a sua gestão técnica administrativa é realizada por docentes do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia, afirmando-se como local de investigação e ensino relacionados à museologia e seus processos operatórios, promovendo cursos, exposições temporárias, atividades de pesquisa, publicações, ensino e extensão, procurando oferecer subsídios aos pesquisadores e inúmeros estudantes que visitam o museu.



Mural as Áfricas. Imagem: Hilma Passos

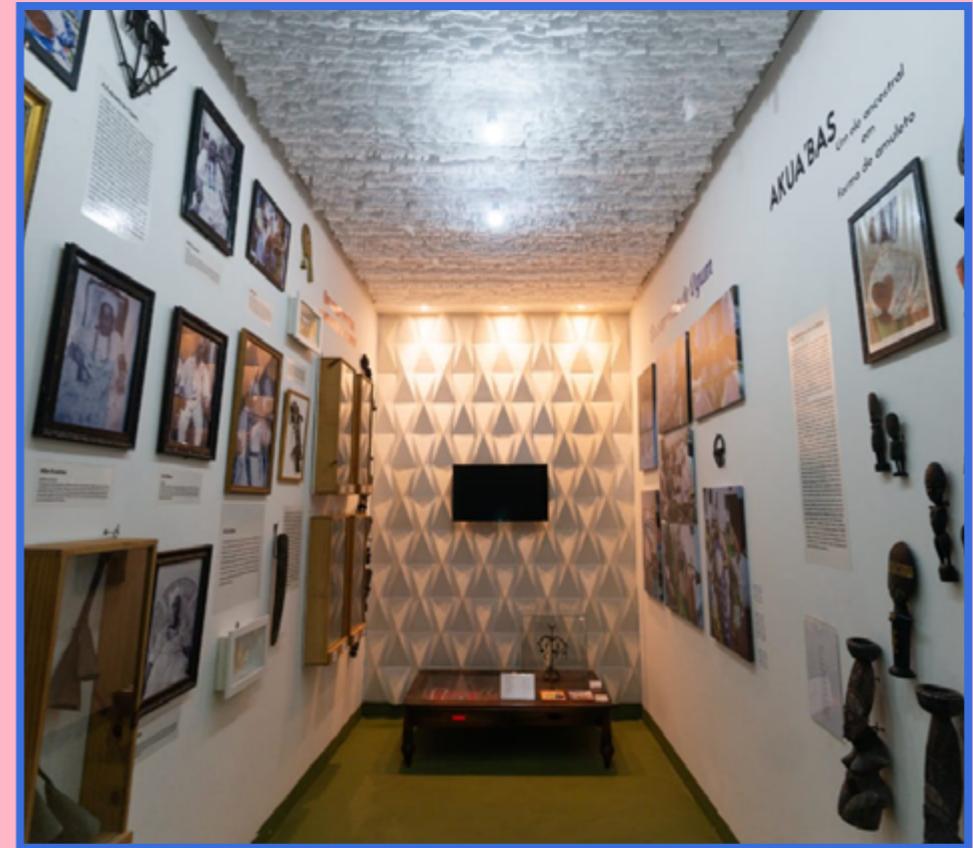
- Largo Terreiro de Jesus, s/n - Centro Histórico, Salvador - BA, 40026-010
- (71) 3283-5540
- mafro@ufba.br
- <http://www.mafro.ceao.ufba.br>
- [@mafroufba](https://www.instagram.com/mafroufba)
- [@museuafro2](https://www.facebook.com/museuafro2)
- [mafro ufba](https://www.youtube.com/mafro ufba)

Museu Afro Brasileiro Pai Procópio de Ogunjá - MAPPO

O Museu Afro-brasileiro Pai Procópio do Ogunjá (MAPPO) está localizado no Terreiro Ilê Axé Ojisé Olodumare, em Camaçari, Bahia, e foi inaugurado no dia 07 de novembro de 2025. A instituição traz a história do Babalorixá Pai Procópio, figura marcante do candomblé baiano, reconhecido por sua resistência às perseguições policiais na década de 1930 e citado em obras como as de Jorge Amado. O museu nasce como espaço de preservação da memória familiar e religiosa ligada à comunidade de axé.

O objetivo do MAPPO é resgatar e valorizar a história, estética e imagética do culto afro-brasileiro, fortalecendo a memória da linhagem de axé e da religiosidade afro diáspórica. Sua proposta se orienta pela construção de uma narrativa conduzida pela própria comunidade, configurando-se como um museu de território que envolve, além da galeria expositiva, os espaços do terreiro, o barracão, as áreas comuns, o rio Pojuca e a trilha ecológica preservada pela comunidade.

O acervo é composto por cerca de 100 peças físicas que narram a história familiar, de luta e resistência da religiosidade afro-brasileira, incluindo fotografias, joias e objetos simbólicos de culto. O conjunto inclui também uma coleção de aproximadamente 50 peças dedicadas ao patrono da Casa, Exu. Além de um vasto acervo fotográfico digital, com mais de mil itens que registram as festividades da Casa do Mensageiro. O MAPPO articula esses elementos como testemunhos materiais da memória cultural africana e afro-brasileira, comunicando a trajetória da linhagem de axé até o atual Babalorixá da Casa do Mensageiro, Babá Rychelmy Esútobi.



Galeria expositiva do MAPPO. Foto do Ogan Arthur Seabra.

- Estrada da Tiririca, s/n, Barra de Pojuca, Cachoeirinha, Camaçari - BA
- casadomensageiro@gmail.com
- @mappomuseu
- [Casa do Mensageiro](#)

Museu Afrodigital da Memória Africana e Afro-brasileira

O Museu Afro Digital da Universidade Federal da Bahia (UFBA) é um projeto voltado à preservação, difusão e valorização da memória africana e afro-brasileira por meio de tecnologias digitais. A iniciativa teve início em 1998, no antigo Centro de Estudos Africanos da Universidade Candido Mendes (RJ), e, em 2009, estabeleceu-se na Bahia, passando a ter sede no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA), no bairro do 2 de Julho, em Salvador. Desde 2010, integra o Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e articula, ainda, estações de memória em universidades federais de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão e Rio de Janeiro.

O projeto tem como objetivo reunir, organizar e disponibilizar online documentos, fotografias, depoimentos, recortes de jornais, artigos científicos e exposições temáticas ligados aos Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, com ênfase na produção afro-baiana. Sua proposta inclui fomentar uma reflexão crítica sobre a presença negra nos museus, nas curadorias e nas narrativas expositivas, promovendo a tecnologia como ferramenta de resistência, pertencimento e construção de narrativas próprias.

O acervo reúne materiais atualmente dispersos em instituições públicas e coleções privadas, no Brasil e no exterior, disponibilizando-os em ambiente digital para acesso público. Essa organização possibilita a difusão de pesquisas, a preservação da memória e a ampliação da visibilidade das culturas africanas e afro-brasileiras. Ao transformar o espaço virtual em território de afirmação e ancestralidade, o Museu Afro Digital reafirma a centralidade da experiência negra na formação da identidade nacional.



Arquivo Institucional



Praça Gen. Inocêncio Galvão, 42 - Dois de Julho, Salvador - BA, 40060-055



afrodigital@ufba.br / curadoria@museuafrodigitalufba.org



<https://museuafrodigitalufba.org>



[@museuafrodigitalufba](https://www.instagram.com/@museuafrodigitalufba)

Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão

O Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, localizado em Lauro de Freitas/BA, foi criado, em 2003, pela Associação São Jorge Filho da Goméia, entidade responsável pela sua administração. O museu nasce no interior do Terreiro São Jorge Filho da Goméia, espaço religioso de matriz bantu que foi liderado por Mãe Mirinha de Portão, entre 1948 e 1989, importante mameto de nkise reconhecida por sua liderança espiritual e atuação comunitária. Pioneiro na região, o museu surgiu com a proposta de preservar e difundir a história de Mãe Mirinha, da comunidade do terreiro e do entorno onde está inserido, valorizando a herança cultural afro-brasileira e a contribuição das religiões de matriz africana para a identidade local.

Sua missão é preservar, valorizar e comunicar a memória, os saberes do povo de santo, fortalecendo a identidade negra e promovendo o respeito à diversidade religiosa e cultural. O espaço, objetivamente, atua como centro de educação, desenvolvendo ações de valorização da negritude, das tradições orais, das expressões artísticas e filosóficas do terreiro. Suas atividades (oficinas, rodas de conversa e visitas guiadas) buscam combater o racismo estrutural, promover cidadania e a autoestima da juventude negra.

O acervo do museu, segmentado em institucional e temático, reúne bens materiais e imateriais relacionados à trajetória de Mãe Mirinha, à história do Terreiro São Jorge Filho da Goméia, assim como salvaguarda a lembrança das vivências comunitárias. O conjunto inclui objetos pessoais da sacerdotisa, instrumentos sagrados, documentos, fotografias e gravações. Soma-se a isso, o próprio espaço do terreiro, com suas casas de minkisi, junto aos elementos naturais preservados (árvores, flores e paisagens sagradas). O museu também documenta e promove manifestações culturais como dança afro; capoeira; percussão; tecelagem; e bordado, expressões transmitidas por gerações no território.



Exposição Caminhos das Memórias - 100 Anos de Mãe Mirinha de Portão - Foto Helena Neves.



Terreiro São Jorge filho da Gomeia - Av. Queira Deus, 78 - Portão, Lauro de Freitas - BA, 42700-000



tsjfgomeia@gmail.com



@filhodagomeiaoficial

Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB

O Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB, é um importante centro de preservação, produção e difusão da cultura afro-brasileira, diaspórica e africana nas Américas, tendo como papel fundamental o diálogo e intercâmbio entre países africanos e o Brasil.

O MUNCAB tem como objetivo preservar o patrimônio cultural afro-brasileiro, contribuindo para a promoção da igualdade racial, o respeito à diversidade cultural, a valorização e preservação da memória e das expressões culturais afro-diaspóricas, assumindo o compromisso com a educação e a inclusão social. E em colaboração e parceria com instituições e comunidades afins, busca prezar pela excelência na gestão museológica e na prestação de serviços ao público.

Por sua vez, a Sociedade Amigos da Cultura Afro- -Brasileira – AMAFRO, é uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, reconhecida como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), fundada em 15 de março de 2002, sendo a instituição responsável pela gestão do MUNCAB.

Localizado em Salvador, Bahia, o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira é sobretudo uma instituição que busca promover a representatividade, o diálogo e o reconhecimento da contribuição histórica, social e cultural da população negra no Brasil. Após a sua reabertura em novembro de 2023, o museu recebeu mais de 135 mil visitantes.



Balangadã de prata. Autoria desconhecida. Imagem: Divulgação/MUNCAB

- R. das Vassouras, 25 - Centro Histórico, Salvador, BA, 40020-056
- (71) 3022-6722
- contato@muncab.org
- <https://www.muncab.com.br/> muncab.com.br
- @muncab.oficial
- [Muncab – Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira](#)
- [Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira \(Muncab\)](#)

Museu Pai Dadá

O museu Pai Dadá, criado em 2024, tem por objetivo salvaguardar as tradições ancestrais, preservar e perpetuar a cultura das famílias da Reserva da Sapianga e Praia do Forte. O nome do museu se deu em homenagem ao Pai de Adauto Poeta, Pai Dadá, Juiz de Paz, pescador, nativo de Praia do Forte, da primeira geração das famílias que deram origem à Vila de Praia do Forte. O Museu é gerido pelo Adauto Poeta, nativo, líder comunitário, benzedeiro, cantor, compositor, ator, artista e ativista ambiental. O Museu está sempre aberto pronto para oferecer aos visitantes uma atmosfera única em meio a Mata Atlântica, conferindo ao público um local artístico, cultural, educativo, gastronômico e turístico. É um espaço comunitário onde acontecem diversos eventos como festivais de música, oficinas, saraus de poesia, dança e gastronomia, protagonizada pela comunidade local.



Museu Pai Dadá - Arquivo Institucional

-  Pov. Pau Grande, s/n - Reserva da Sapianga, Praia do Forte - BA, 48.280-000
-  poetaadauto@gmail.com
-  [@recantodopoetasapianga](https://www.instagram.com/recantodopoetasapianga) [@adautopoeta](https://www.instagram.com/adautopoeta)

Projeto Ewé Lati Wòsán: Folha para curar Museu Digital

O Ewé Lati Wòsàn: "Folha pra Curar" é um Museu que funcionará enquanto espaço de produção e reprodução de conhecimentos sobre o saber- -fazer do uso das ervas relacionados às práticas litúrgicas e comunitárias de saúde, expressas na cosmovisão particular dos religiosos de candomblé, em que corpo, mente e espiritual estão interligados, não cabendo tratamento separado.

O Museu é parte da pesquisa doutoral "Ewé Lati Wòsàn: Folha pra curar – Museu Digital sobre a Memória do Saber-Fazer de utilização das Ervas como formas de cura pelos religiosos de Terreiros de Candomblé em Cachoeira e São Félix, Recôncavo Baiano", em andamento no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. Possui a meta inicial de lançar dados já coletados nas cidades de Cachoeira e São Félix, Recôncavo Baiano, produzidos pela pesquisadora Daniela Moreira, quando esteve em campo.

Porém, com um sistema aberto e colaborativo, o Museu Digital tem como meta receber informações de terreiros de qualquer parte do país que estejam dispostos a fornecê-las. A criação desse acervo também é importante na medida em que oferecerá conhecimento sobre a potencialidade de uso de cada erva, seja nos terreiros, seja no uso cotidiano.



O Museu Digital incluiu a pesquisa de campo em terreiros para compor o acervo. Imagem: Daniela Moreira



pesquisaposafro@gmail.com



[@ewelatiwosan](https://www.instagram.com/ewelatiwosan)

Rede de Terreiros Egungún Tradição Itaparica

A Rede de Terreiros Egungún Tradição Itaparica foi criada formalmente em 8 de setembro de 2024, durante a festa do patrono da casa matriz Omo Ilê Agboulá, situada na Ilha de Itaparica (BA). A iniciativa, idealizada pelo Alapini Balbino Daniel de Paula, nasceu da articulação de um conselho religioso voltado à preservação da memória afetiva e das estratégias de resistência ancestral ligadas aos espaços sagrados e suas comunidades. Atualmente, a Rede reúne 27 terreiros cadastrados, incluindo o Omo Ilê Agboulá, o Tuntun e o Axipá, além de outras casas tradicionais localizadas na Bahia, Espírito Santo, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

A Rede tem como principal objetivo criar uma metodologia de prospecção coletiva de futuro para as comunidades de terreiro Egungún, promovendo a preservação e continuidade do culto no Brasil. Atua no fortalecimento da governança comunitária, na construção de pactos intergeracionais e no desenvolvimento de redes de diálogo e solidariedade entre casas de culto. Também busca incidir na formulação de políticas públicas de salvaguarda e valorização dos patrimônios materiais e imateriais dessas comunidades, reconhecendo sua relevância para a diversidade cultural e histórica do país.

O acervo imaterial da Rede é composto por um vasto conjunto de saberes, práticas rituais e memórias coletivas transmitidas entre gerações, expressas nos cultos, festejos e aparições públicas que celebram os ancestrais africanos, como Babá Olokotun, Babá Bakabaká e Babá Agboulá, e os antepassados brasileiros ligados às famílias sacerdotais. A Rede mantém também um acervo digital em constante atualização, por meio de seu site institucional, que disponibiliza informações sobre ciclos festivos, hierarquias religiosas e a história de cada terreiro. A comunicação com o público se dá tanto no ambiente virtual quanto nas celebrações e encontros presenciais, que reforçam o papel da Rede como base de resistência da memória negro-africana no Brasil.



Conselho Religioso da Rede de Terreiros Egungún Tradição Itaparica. foto: Andréa D'Amato. 8/9/23

📍 Omo Ilê Agboulá - Rua Ipê, 118 - Alto da Bela Vista, Ponta de Areia, Itaparica - BA, 44.460-000

🌐 <https://www.redeegungun.org/>

Rede Museologia Kilombola

A Rede Museologia Kilombola (RMK) é uma articulação criada em 4 de novembro de 2019, no Recôncavo da Bahia, a partir das inquietações de estudantes de museologia oriundos de quilombos, atuantes e marginalizados no ambiente acadêmico. Atualmente, é composta por um grupo plural de pessoas negras residentes em zonas rurais e urbanas, incluindo quilombolas e não quilombolas, entre estudantes e profissionais das cinco regiões do Brasil.

A RMK é uma organização independente, de caráter coletivo, que atua na promoção de políticas de inclusão e na defesa de práticas museais contracoloniais e antirracistas no campo da museologia brasileira. A Rede também se dedica à valorização de referências negras na área, destacando-se a pesquisa sobre o acervo pessoal da museóloga Neyde Gomes de Oliveira, reconhecida como a primeira museóloga negra em exercício no Brasil. Dessa pesquisa surgiu a Medalha pela Reparação da Memória Negra na Museologia Neyde Gomes de Oliveira, criada em sua homenagem.

Com atuação voltada à preservação do patrimônio cultural e simbólico de povos negro-diaspóricos, a RMK busca fomentar diálogos que expressem as memórias e oralidades coletivas e afetivas, abordando conflitos, disputas de poder e dimensões culturais, profissionais e epistemológicas afro-brasileiras. A Rede consolida-se como um espaço de articulação e resistência, comprometido com a reparação histórica e com a construção de uma museologia plural e antirracista.



Medalha pela Reparação da Memória Negra na Museologia Neyde Gomes de Oliveira. Imagem: Lucas Ribeiro

- [!\[\]\(2db03af98131304521eb5bbaa12180d1_img.jpg\) museologia.kilombola@gmail.com](mailto:museologia.kilombola@gmail.com)
- [!\[\]\(4a77986520ce333763e6f0d85c5a4a64_img.jpg\) @museologiakilombola](https://www.instagram.com/@museologiakilombola)
- [!\[\]\(c8ad3ce9ecefbf62ef989a7cd29c4fd9_img.jpg\) Museologia Kilombola](https://www.facebook.com/Museologia-Kilombola-102153407111111)
- [!\[\]\(db8f59cdd1767b93f0c2eb148a0cbf46_img.jpg\) MUSEOLOGIA KILOMBOLA](https://www.youtube.com/MuseologiaKilombola)

ZUMVÍ

Arquivo Afro Fotográfico

O ZUMVI Arquivo Afro Fotográfico é uma instituição idealizada em 1990 por Lázaro Roberto, Aldemar Marques e Raimundo Monteiro, três jovens negros das periferias de Salvador que viveram em um contexto histórico adverso em meio à ditadura Militar e os percalços de serem negros na cidade mais negra fora do continente Africano. Fotógrafos afrodescendentes comprometidos com o registro das atividades culturais políticas e produção de imagens da cultura Afro-Brasileira. Tudo girava em torno do campo da documentação e memória: "fotografar para o futuro", era assim que eles pensavam. Sem tal pretensão, esses fotógrafos criaram um "Quilombo visual", desenvolvendo uma afro maneira de registrar e criar um arquivo de memórias imagéticas dos negros, algo jamais feito no Brasil contemporâneo.

O nome "Zumví" é uma palavra fotográfica criada a partir de "Zum", da lente, e "VI", do olho; "É a capacidade que a lente Zum tem de buscar a realidade que está longe, para perto". Ao longo de mais de 30 anos, o Zumví vem registrando sistematicamente as manifestações do movimento negro e o cotidiano dos afrodescendentes em diversas temáticas e contextos populares, principalmente a memória do movimento negro baiano e outros temas que compõem o acervo, com cerca de 30.000 negativos sobre a cultura afro-baiana.

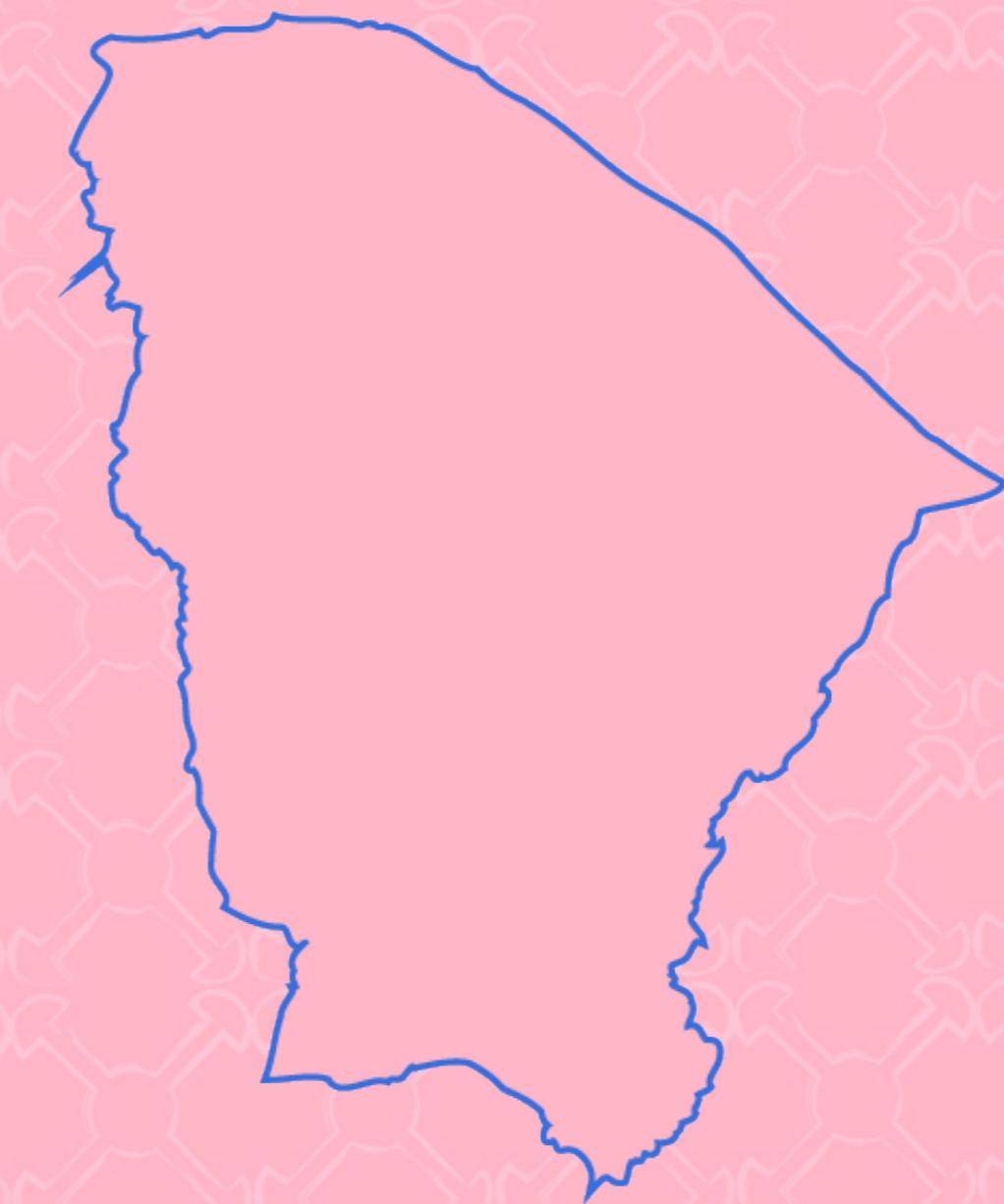
Nos últimos 10 anos, Lázaro Roberto e o historiador José Carlos Ferreira travaram uma campanha nacional pela digitalização de todo o arquivo, conseguiram organizar a instituição, ampliar a equipe e vencer alguns editais estratégicos para digitalização e produção de exposições como a 35º Bienal de Arte de São Paulo. A instituição também está começando atuar no campo da educação, com o curso de fotografia para juventude negra, onde a cada ano irá formar 10 jovens da escola pública na Bahia. Hoje o Zumví conta com uma sede no pelourinho, com galeria de arte, sala de digitalização e conservação, bem como um cômodo para armazenar todo acervo com armário corta fogo, desumidificador e ar condicionado. Desta forma, será possível a salvaguarda de acervos permanentes e acervos de terceiros em estado de risco.



Aula Inaugural da Cooperativa Educacional Steve Biko. Primeiro Curso de Pré-Vestibular Para Negros no Brasil, 1991. Arquivo Zumví/Imagem: Lázaro Roberto

-  Ladeira do Carmo, 28 - Centro Histórico, Salvador - BA, 40301-410
-  <https://www.zumvi.com.br/>
-  [@zumviarquivofotografico](https://www.instagram.com/zumviarquivofotografico)
-  [Zumvi arquivo fotográfico](https://www.youtube.com/Zumvi arquivo fotográfico)

CEARÁ



Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados

O Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados é uma iniciativa dedicada à preservação da memória sonora das religiões afro-brasileiras, reunindo um expressivo conjunto de fonogramas que documentam a trajetória da música de terreiro no Brasil. O acervo abrange registros produzidos entre as décadas de 1930 e 1990, majoritariamente em discos de cera e vinil (33, 45 e 78 rpm) e fitas cassete, constituindo um raro e valioso patrimônio cultural. A iniciativa está sediada em Fortaleza (CE) e, desde 2024, integra a Rede de Acervos Afro-Brasileiros.

O projeto tem como missão salvaguardar, difundir e valorizar os saberes ancestrais expressos por meio da música dos terreiros, reconhecendo nos cânticos de Macumba, Umbanda e Candomblé manifestações de espiritualidade, resistência e criação coletiva. Além da preservação física e digital dos fonogramas, o Acervo dos Santos atua na educação patrimonial e nas relações étnico-raciais (ERER), promovendo ações formativas e audições públicas que aproximam comunidades, pesquisadores e devotos.

O acervo sonoro do projeto constitui um importante documento de memória e resistência afro-diaspórica, reunindo repertórios de rituais, cantos e performances que registram a presença viva dos Orixás, Caboclos e Encantados na cultura brasileira. Esses registros atestam tanto a consolidação da radiodifusão cultural quanto a inserção dos cânticos de terreiro na indústria fonográfica nacional e internacional. O projeto também realiza ações de difusão, como o programa de rádio Saravah Soundz na Universitária FM 107,9, e oficinas culturais e escutas coletivas em terreiros de Umbanda de Fortaleza, promovendo a partilha dos saberes e das sonoridades sagradas.



Item do acervo / década de 70 - foto por Éden Barbosa

✉ barbosa.eden@gmail.com

⌚ [@acervodossantos](https://www.instagram.com/acervodossantos)

Museu Arthur Ramos | Casa de José de Alencar

O Museu Arthur Ramos faz parte da "Casa José de Alencar", que é um dos equipamentos culturais da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Ceará. Neste espaço, existem sete coleções: Arthur Ramos, Luíza Ramos, Rendas do Ceará, Arqueologia e Pré-história, Coleção Arte Popular, Sincretismo Religioso e Coleção Benevides. Localizado no bairro de Alagadiço Novo em Fortaleza, Ceará, o Museu possui duas exposições permanentes: Exposição de Rendas de Bilros e Cultura e Religião Afro-Brasileira.

Uma de suas exposições conta com uma das maiores coleções de rendas de bilros do mundo. São mais de 3.000 exemplares de rendas coletadas em todo o Estado do Ceará, na maioria dos Estados Brasileiros e em alguns outros países; a exposição de Cultura e Religião Afro-Brasileira é composta por peças de arte e artefatos sagrados que se referem às espiritualidades africanas, afro-brasileiras e indígenas, como os Candomblés e Umbandas. É uma das principais coleções brasileiras de cunho etnográfico sobre as religiões afro-brasileiras e parte expressiva das peças pertenciam ao acervo pessoal do antropólogo Arthur Ramos (primeira metade do Século XX).

Existem também peças religiosas que foram apreendidas pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) e pela Delegacia de Investigações e Capturas (DIC) do Ceará, em data desconhecida, e doadas ao Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará (IAUC), que funcionou de 1958 a 1968, primeira morada desses acervos antes de pertencerem à Casa José de Alencar.

Atualmente, cada uma dessas coleções está passando por um cuidadoso processo de organização, que envolve etapas de higienização, catalogação, identificação de documentos associados e digitalização. Esse trabalho visa ampliar a sociabilidade dos acervos e fortalecer sua dimensão educativa, em sintonia com a criação do Núcleo Educativo da Casa José de Alencar. A proposta é que, ao final, cada coleção disponha de seu próprio catálogo e de materiais didáticos que promovam novas formas de mediação cultural e aprendizado.



Ibejis. Fonte: Texto adaptado de Raul Lody. Coleção Arthur Ramos. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore; Fortaleza; Universidade federal do Ceará, 1987. Imagem: Equipe CJA



R. Gentil Gomes, 6055 - Alagadiço Novo Fortaleza - CE, 60830-525



(85) 3366-9276



casarosedalencar@ufc.br



<https://casarosedalencar.ufc.br>



[@casarosedalencaroficial](https://www.instagram.com/casarosedalencaroficial)



[casarosedalencaroficial](https://www.facebook.com/casarosedalencaroficial)



[Casa José de Alencar UFC](https://www.youtube.com/casarosedalencarUFC)

Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC

O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc/UFC), inaugurado em 25 de junho de 1961 e vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da universidade, promove a interlocução entre o contexto regional cearense e as tendências universais das artes visuais, atuando nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e preservação cultural. O Museu de Arte da UFC consolidou-se como importante espaço de difusão artística, oportunizando a diversos artistas a exposição de suas obras e a participação em ações formativas, extrapolando os limites da Universidade e fortalecendo a circulação, valorização e democratização do acesso à cultura.

Tem como missão “Promover o conhecimento cultural através da arte, desenvolvendo ações no âmbito da preservação, pesquisa e comunicação de seu acervo, visando à difusão das artes no estado e ao acolhimento do público para uma experiência memorável”. Desde sua estruturação como museu universitário, com um acervo diverso e representativo da produção artística brasileira, especialmente a cearense, a instituição exerce relevante papel formativo, oferecendo palestras, cursos, workshops, rodas de conversa, além de apoiar pesquisas acadêmicas e disponibilizar biblioteca e arquivo especializados.

O acervo do Mauc/UFC reúne cerca de oito mil obras, abrangendo arte sacra, arte popular, como xilogravuras e esculturas em cerâmica e madeira, além de pintura, gravura, desenho e produções modernas e contemporâneas. Destacam-se obras de Antônio Bandeira, Raimundo Cela, Chico da Silva, Aldemir Martins e Descartes Gadelha, bem como uma expressiva coleção dedicada à cultura popular nordestina. Atualmente, o museu mantém seis salas de longa duração, que evidenciam a diversidade cultural e a presença de artistas negros, pardos e afro-indígenas. Complementam o acervo, o Arquivo Institucional/Histórico Jean Pierre Chablop e a Biblioteca Floriano Teixeira, que preservam documentos desde 1961 e o fundo do artista Jean-Pierre Chablop, fundamentais para a pesquisa e a memória artística do Ceará.



Coleção Descartes Gadelha. Imagem: Acervo MAUC

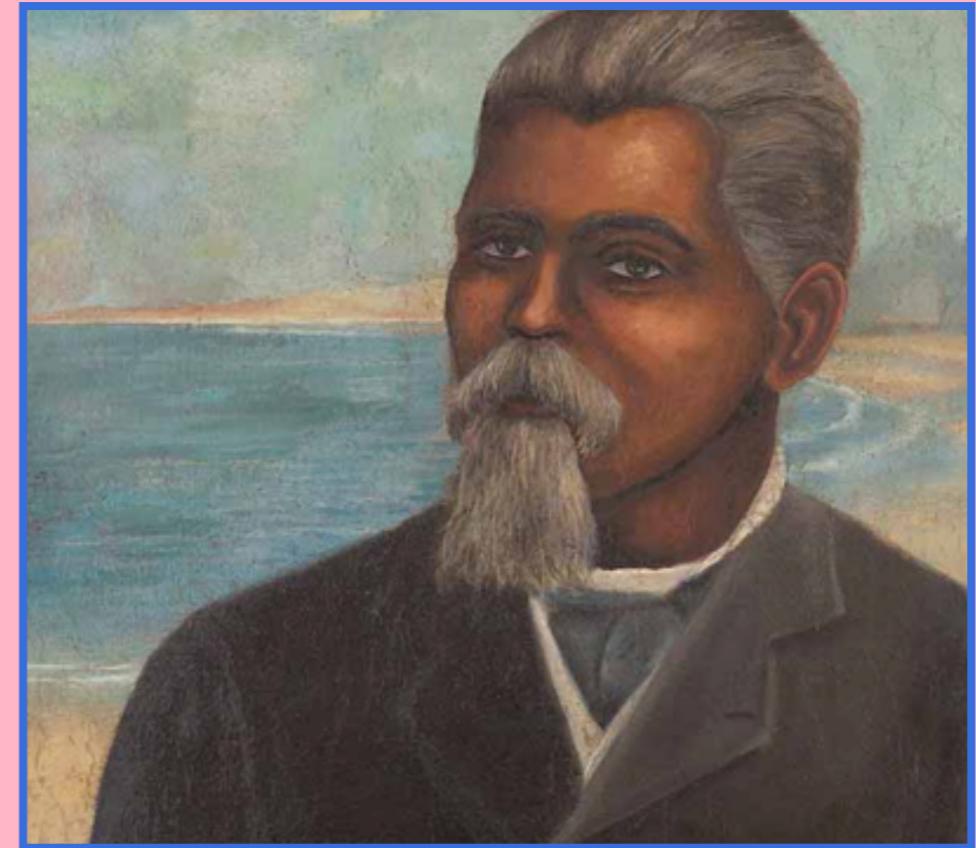
- Av. da Universidade, 2854 – Benfica, Fortaleza - CE, CEP 60020-181
- (85) 3366-7481
- mauc@ufc.br
- <https://mauc.ufc.br/ufc.br>
- [@museudeartedaufc](https://www.instagram.com/@museudeartedaufc)
- [@museudeartedaufc](https://www.facebook.com/@museudeartedaufc)
- [Museu de Arte da UFC - Mauc](https://www.youtube.com/Museu de Arte da UFC - Mauc)
- [Mauc Podcast](https://open.spotify.com/show/1033333333333333)

Museu do Ceará

O Museu do Ceará (MUSCE) é a primeira instituição museológica criada pelo Governo do Estado, instituída pelo Decreto nº 479, de 3 de fevereiro de 1932, e aberta ao público em janeiro de 1933 com a denominação de Museu Histórico do Ceará. Localizado em Fortaleza, o museu atua há mais de nove décadas na preservação do patrimônio cultural cearense, reunindo coleções que testemunham diferentes períodos históricos e expressões sociais do estado.

A missão do MUSCE é preservar, pesquisar e comunicar a história e a memória do Ceará, fortalecendo a identidade coletiva e promovendo o reconhecimento das lutas e experiências de seus povos. Nesse contexto, destaca-se o compromisso com a valorização das populações negras, indígenas e populares, buscando ampliar a compreensão sobre seus papéis históricos, especialmente na trajetória do movimento abolicionista cearense, pioneiro na libertação das pessoas negras escravizadas em 1884.

O acervo do museu é diversificado e interdisciplinar, composto por objetos de numismática, mobiliário, iconografia, indumentária, história natural, paleontologia, etnografia e arqueologia, entre outros. Entre seus destaques, encontram-se conjuntos documentais e materiais relacionados ao abolicionismo cearense e às práticas culturais, religiosas e artísticas das populações afro-cearenses. Este patrimônio é constituído por itens de inestimável valor histórico e simbólico, que subsidiam pesquisas, ações educativas e exposições, tornando o MUSCE um espaço de referência para o conhecimento e a difusão da memória social do Ceará.



J. CARVALHO - FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO (1839-1914) - Óleo sobre tela 64 x 52 cm - Pintado sob encomenda do diretor do Museu do Ceará, Eusébio de Sousa, em 1935. Chico da Matilde, como também era conhecido, nasceu em Aracati - CE. Era filho e neto de pescadores. Tornou-se jangadeiro. Em janeiro de 1881, ele e outros colegas se recusaram a transportar em paquetes vários escravos, do cais de Fortaleza para o navio que os levaria ao Rio de Janeiro. Por esse episódio, ganhou o epíteto de Dragão do Mar e se tornou um dos maiores símbolos da abolição da escravatura negra no Ceará - Arquivo Institucional

-  R. São Paulo, 51 – Centro, Fortaleza - CE, 60030-100 | Anexo Bode Ioiô - R. Major Facundo, 584, Praça do Ferreira, Centro Fortaleza - CE, 60025-100
-  musce@secult.ce.gov.br
-  <https://www.secult.ce.gov.br/museu-do-ceara/>
-  [@museudocearaoficial](https://www.instagram.com/@museudocearaoficial)
-  [@museudoceara](https://www.facebook.com/@museudoceara)

PERNAMBUCO

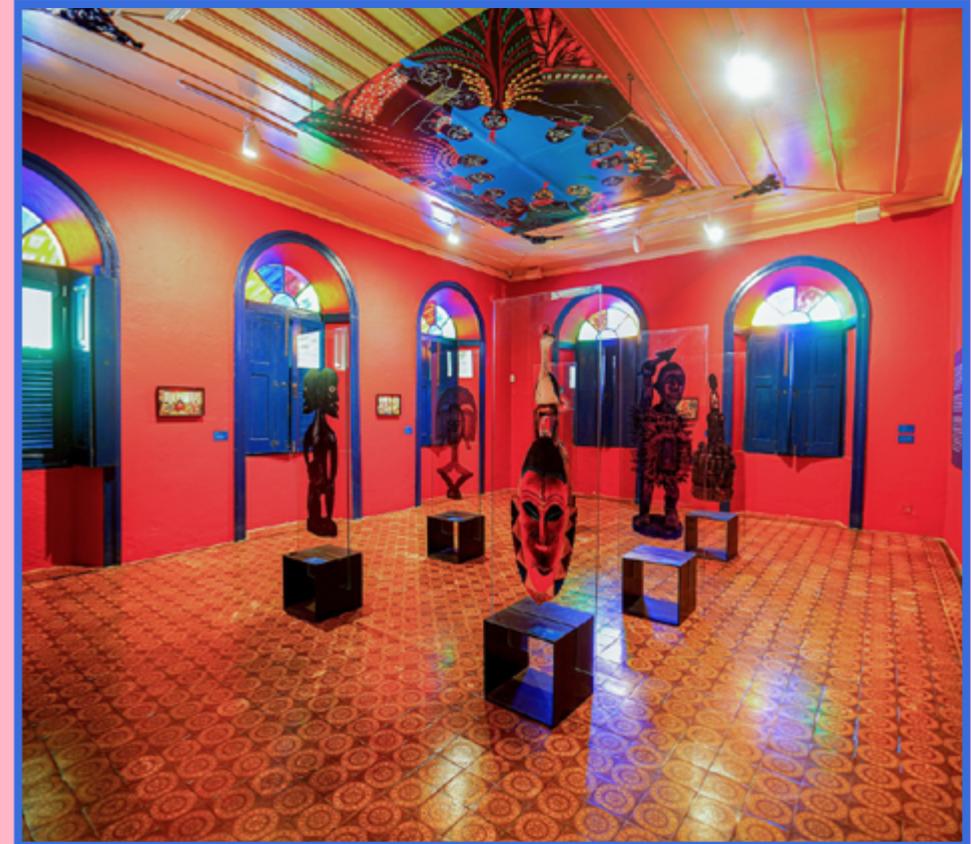


Engenho Massangana

O Engenho Massangana é um conjunto arquitetônico rural do século XIX, composto pela Casa-Grande e pela Capela de São Mateus, localizado no Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, em uma área de dez hectares. Tombado em nível estadual como Parque Nacional da Abolição, foi o lugar onde o abolicionista Joaquim Nabuco viveu durante a infância, sendo mencionado em seu livro “Minha Formação” (1900) como base de seus ideais abolicionistas. O espaço recebe visitação espontânea e público estudantil, sendo administrado pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) desde 1984.

A partir de 19 de agosto de 2022, passou-se a adotar uma perspectiva museal voltada à reflexão crítica sobre a história da escravização de pessoas negras no Brasil e suas permanências na contemporaneidade. Nesse contexto, foram inauguradas exposições que colocam no centro do discurso os sujeitos negros que viveram e trabalharam no Engenho, buscando promover diálogos entre documentos históricos, obras de arte e narrativas de memória que reconstruem e ressignificam essa experiência histórica.

Entre as ações museais recentes, destacam-se as exposições inauguradas no Engenho: “Masanganu: memórias negras”, que traz documentos históricos em diálogo com obras de Zózimo Bulbul, Gê Viana, Marcelo D’Salete e Olívia Gerônimo, tratando das trajetórias de pessoas escravizadas que conviveram com Joaquim Nabuco na década de 1850; e “Jeff Allan: Para deixar de ser ‘para inglês ver’”, com pinturas que visibilizam personalidades negras. Na Capela, foi inaugurada a exposição “A sua casa não tem porta e nem janela” (2023), com releituras de fotografias do século XIX realizadas pela artista Amanda de Souza, com referências à Jurema Sagrada. Já a exposição “Para que as estátuas não morram” (2024) apresentou objetos étnicos africanos do acervo do Museu da Abolição, provenientes de diferentes regiões do continente, restaurados pela equipe da Fundaj.



Exposição “Masanganu: memórias negras”, inaugurada em agosto de 2022. Imagem: Teresa Maia.

- Rodovia PE-60, km 10, Cabo de Santo Agostinho - PE, 54500-000
- (81) 3527-4025
- engenho.massangana@fundaj.gov.br
- <https://www.gov.br/fundaj/pt-br>
- [@engenho.massangana](https://www.instagram.com/@engenho.massangana)
- [Fundação Joaquim Nabuco](https://www.youtube.com/FundaçãoJoaquimNabuco)

Mamam - Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães

O Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (Mamam), sediado no casarão histórico nº 265 da Rua da Aurora, é uma das principais instituições dedicadas à arte moderna e contemporânea no Nordeste. Criado em 1981 como Galeria Metropolitana de Arte do Recife e oficializado como museu em 1997, o Mamam consolidou-se como espaço de referência em preservação, pesquisa, formação e difusão das artes visuais.

Seu acervo e sua programação reúnem um amplo conjunto de linguagens — pintura, gravura, fotografia, instalação, performance, audiovisual, fotografia, arte postal, livro de artista, fotoperformance, vídeo performance, arte cartaz, live performance — com especial atenção, nos últimos anos, para a equidade racial, de gênero e classe. Nesse compromisso, o museu tem acolhido e destacado a produção de importantes artistas negros, como Mayara Ferrão, Ana Lira, Renata Felinto, Sheyla Ayo, Inalda Xavier, Rose Afefé, Corbiniano Lins e Izidório Cavalcanti, integrando suas obras, pesquisas e poéticas ao diálogo institucional.

O setor educativo fortalece esses vínculos com ações que aproximam o museu da cidade e de seus diversos públicos, por meio de mediações, oficinas, parcerias comunitárias, formação de professores e projetos itinerantes. Assim, o Mamam reafirma sua missão de democratizar o acesso à cultura e promover experiências significativas com as artes visuais.

Com atuação voltada à preservação, experimentação e reflexão crítica, o Mamam se mantém como um polo fundamental da cena cultural do Recife, estimulando a circulação da arte contemporânea e contribuindo para a valorização da diversidade artística local e nacional.



Foto Sol Pulquério



Rua da Aurora, 265 – Boa Vista, Recife – PE



mamamrecife@gmail.com



[@mamamrecife](https://www.instagram.com/@mamamrecife)

Museu do Estado de Pernambuco | Coleção Culto Afro-brasileiro - Um testemunho do Xangô Pernambucano

A Coleção Culto Afro-Brasileiro – Um Testemunho do Xangô Pernambucano, acervo do Museu do Estado de Pernambuco, reúne um conjunto expressivo de objetos provenientes de terreiros do Recife e de sua periferia urbana. Seu surgimento está relacionado ao contexto de repressão policial aos cultos afro-brasileiros no Recife, durante o governo de Getúlio Vargas, especialmente no período do Estado Novo (1937-1945), quando muitas peças foram retiradas de seus espaços sagrados.

A coleção constitui um testemunho da presença e da ação do elemento africano na construção pluricultural do povo brasileiro, evidenciando a importância do Xangô pernambucano como prática religiosa e símbolo de identidade coletiva. Seu reconhecimento e preservação fortalecem a valorização da cultura afro-brasileira e de seus sistemas rituais.

Composta por 307 peças produzidas em materiais diversos, como madeira, tecido, folha-de-flandres, ferro, cerâmica, gesso, couro, cabaças, chifres, conchas e cascos de tartaruga, a coleção revela técnicas, formas e usos característicos do culto de Xangô. Esses objetos registram a vida religiosa dos terreiros, incluindo expressões de sincretismo entre divindades africanas e santos católicos, e seguem sendo referências para a interpretação, exposição e comunicação da religiosidade afro-brasileira.



Núcleo expositivo Xangô Pernambucano na exposição "Pernambuco, Território e Patrimônio de um povo". Posicionados ao centro da sala, os Ilús e a fotografia (impressão em tecido) da fotógrafa Roberta Guimarães. Na vitrine ao fundo, objetos sagrados de Odé e Oxóssi, ferro de Exu, ferramentas de Ogum, Gonguês, Edja, Xeque Xeque, instrumentos musicais de Orixás.

-  Av. Rui Barbosa, 960 - Graças Recife - PE, 52050-000
-  museu.mepe@gmail.com
-  museudoestadope.com.br
-  [@museudoestadope](https://www.instagram.com/@museudoestadope)
-  [Museu do Estado de Pernambuco - MEPE](https://www.youtube.com/Museu do Estado de Pernambuco - MEPE)

Museu do Homem do Nordeste

O Museu do Homem do Nordeste (Muhne) é uma unidade da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), vinculada ao Ministério da Educação, sediada no Recife. Foi inaugurado em 1979 a partir da reunião dos acervos do Museu de Antropologia, do Museu de Arte Popular e do Museu do Açúcar, estando instalado na antiga sede deste último, com espaço expositivo de 1.080m² distribuídos entre dois pavimentos. Desde sua criação, o Muhne se propôs a desenvolver uma leitura original sobre os modos de vida dos povos do Nordeste, fundamentada na abordagem antropológica, artística e histórica formulada por seu idealizador, Gilberto Freyre.

A missão da instituição está orientada para a produção e difusão de conhecimento científico e cultural sobre a formação social nordestina. Sua proposta curatorial busca interpretar e comunicar aspectos da vida cotidiana, das relações sociais e das práticas culturais da região, articulando diferentes linguagens e perspectivas. Dessa forma, o museu se apresenta como um espaço de reflexão sobre identidades, memórias e representações sociais do Nordeste.

O acervo do Muhne é composto por cerca de 16 mil peças de tipologias diversas, expostas tanto em sua mostra de longa duração quanto em exposições temporárias. Entre os itens relacionados a temas afro-brasileiros, há aproximadamente 1.100 objetos, incluindo objetos de cultos afro-brasileiros doados entre 1961 e 1970; indumentárias, instrumentos musicais e adereços do Maracatu Elefante; assentamentos e vestimentas de orixás do Candomblé adquiridos em 1979; além do acervo pessoal do babalorixá Mário Miranda. Também integram a coleção cerâmicas figurativas de Mestre Vitalino e Zé Caboclo, que representam cenas da vida de homens e mulheres negras do agreste pernambucano.



Exposição inaugural do Muhne, em julho de 1979. Sala dedicada ao orixás do Candomblé, com curadoria de Manoel Papai, babalorixá do terreiro Ilê Obá Ogunté, no Recife. Imagem: Josenildo Freire.

-  Av. Dezessete de Agosto, 2187 - Casa Forte, Recife - PE, 52060-485
-  (81) 3073-6340 / (81) 3073-6331
-  museologia@fundaj.gov.br
-  <https://www.gov.br/fundaj/pt-br>
-  [Museu do Homem do Nordeste](#)
-  [@museudohomemdonordeste](#)
-  [Fundação Joaquim Nabuco](#)

MARANHÃO



Cafua das Mercês | Museu do Negro

A Cafua das Mercês ou Museu do Negro fica situada em São Luís do Maranhão e foi inaugurado em 5 de fevereiro de 1975, tendo como principal missão divulgar e preservar a história afrodescendente do seu Estado. O acervo é constituído por peças e documentos referentes à história da escravidão, objetos de religiosidade afro-brasileira, peças de arte africana dos países Benim, Costa do Marfim, Gabão, Guine Bissau, Mali, entre outros.

Seu nome "Cafua" tem origem na língua africana banto, que dentre diversos significados quer dizer "cova", "caverna", "lugar escuro". Sua localização, próxima ao antigo Porto do Desterro, era onde desembarcavam os navios vindos de África, sendo o prédio um antigo depósito de guarda de material e também do comércio de pessoas escravizadas, onde depois eram ofertadas nos mercados públicos de São Luís.

Hoje, o museu possui objetos de culto de cerimônias religiosas afro-maranhenses, como tambor de mina que cultua os voduns, cura e pajelança. O prédio, construído no século XVIII, passou por algumas intervenções na sua estrutura e foi adaptado para receber o museu. A museóloga Jenny Dreyffus e o escritor José Jansen foram responsáveis por reunir seu acervo inicial. A Cafua das Mercês recebe diariamente centenas de visitantes e desenvolve atividades e parcerias com casas de culto afro-brasileiro, como exposições, oficinas e visitas mediadas.



Altar do Divino Espírito Santo: com bandeiras, roupas de imperador e imperatriz. Imagens Divino Espírito Santo, caixas e baquetas da caixearias do Divino
Material das roupas e das bandeiras: veludo, galões e miçangas. Coroas: metal e miçangas.
Caixas do Divino: madeira, corda e couro. Montado na Cafua das Mercês, procedência: terreiros diversos.

 R. Jacinto Maia, 43 – Praia Grande, São Luís - MA, 65030-005

 smmuseus_sl@yahoo.com

 [cafua.ma | @museuhistoricoartistico](https://www.instagram.com/cafua.ma/)

Museu Afro-digital do Maranhão - MAD/MA

O Museu Afro-digital do Maranhão – MAD/MA, fundado por Sérgio Figueiredo Ferretti, está vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia – DESOC/UFMA da Universidade Federal do Maranhão, que mantém e atualiza o acervo etnográfico, histórico-social e artístico de culturas afro-brasileiras e africanas no seu Estado.

O MAD/MA é uma linha de pesquisa do Grupo Religião e Cultura Popular – GP Mina, que conta com um rico acervo de fotografias e filmagens que contribuem para a valorização e (re)construção de memórias das identidades negras no Estado do Maranhão. Esse material, composto de estudos etnográficos de pesquisadores como Mundicarmo Rocha Ferretti, Sérgio Figueiredo Ferretti e Pierre Verger, é diversificado e atual. Associa-se, atualmente, a fotografias e filmes de pesquisadoras e pesquisadores que fazem parte do Museu Afro-Digital do Maranhão.

Seus membros, antropólogas, historiadoras, mestres em tecnologia, artistas plásticas, bem como alunas de graduação e pós – graduação em ciências sociais, ciências da computação, artes visuais e história, atuam desenvolvendo estudos que articulam o MAD/MA aos temas da educação, cultura e tecnologia em diálogo constante com as relações de gênero. O MAD/MA é ainda um espaço de estágio para os alunos e alunas desses cursos, que compreendem e dialogam com a necessidade de inserir o ancestral no mundo digital.



Casa de Nagô – São Luís/MA (Festa do Mocambo – 2000)
Foto: Mundicarmo Ferretti

- Av. dos Portugueses, 1966, Bacanga, Cidade Universitária Dom Delgado, Sala 07, São Luís – MA, 65085-580
- (98) 3227-8127
- mdafro.desoc@ufma.br
- <https://museuafro.ufma.br/>

Projeto Terreiro e Seus Mistérios

Fundado em 15 de março de 2023 pelo repórter e cineasta brasileiro de nome artístico Alpha Trix, o Terreiro e Seus Mistérios é um projeto independente e voluntário dedicado à preservação e valorização das tradições afro-brasileiras. Surgiu a partir de pesquisas em Itapecuru Mirim (MA), motivadas pela percepção do desinteresse e desvalorização das culturas de matriz africana na região.

O projeto tem como missão combater a intolerância religiosa e o preconceito, promover a inclusão e fortalecer a identidade cultural das comunidades tradicionais. Para isso, realiza documentários, entrevistas, registros fotográficos e pesquisas, divulgando de forma gratuita o material produzido para fins educativos, culturais e de pesquisa.

O acervo do projeto é formado por registros fotográficos, entrevistas e produções audiovisuais realizados durante as atividades de campo e a criação dos documentários. Esses materiais são disponibilizados gratuitamente ao público, servindo como fontes de pesquisa, instrumentos educativos e expressões artísticas da herança cultural afro-brasileira. Além de possuir um caráter documental e histórico, esse acervo é também um patrimônio imaterial em construção, composto pelos relatos orais, memórias e saberes das comunidades de matriz africana da região de Itapecuru Mirim e arredores. O projeto prevê a realização de pelo menos dez documentários, a coleta de vinte entrevistas com pessoas de diferentes faixas etárias e a ampliação de sua abrangência intermunicipal, consolidando um repositório de memória e identidade coletiva acessível ao Brasil e ao mundo.



Manifesto tradicional de matriz africana na comunidade quilombola Tenda Nossa Senhor dos Remédios em Juçaral dos Pretos na cidade de Presidente Juscelino-MA. A comunidade para manter seus festejos e manifesto produz artesanato regional e tradicional para angariar recursos para poderem por fim pagar as respectivas despesas.

-  Rua Manfredo Viana, 320 - Centro, Itapecuru Mirim-MA
-  estudioalphatrix@gmail.com
-  <https://sites.google.com/view/agenciaiac>
-  [Alpha Trix Kids](#)

RIO GRANDE DO NORTE



Casa Afropoty Sociedade Afrocentrada - CASA

A Casa Afropoty Sociedade Afrocentrada é uma organização negra potiguar formada por pesquisadores-artistas comprometidas com a valorização e disseminação da cultura e artes afro-brasileiras. Localizada no Rio Grande do Norte, seu objetivo é ir contra narrativas de não existência, contando histórias afro potiguares através de pesquisa e arte. As ações da CASA têm atualmente 3 eixos: "cuidado e segurança" que envolve cuidados psicológicos, espirituais, protocolos e treinamento de segurança e primeiros socorros para ativistas negras; "educação e culturas tradicionais", atividades desenvolvidas pelo Quilombo Flor de Milho que envolvem o Grupo de Estudos de Capoeira Angola Dona Cora, um espaço de estudo e fortalecimento na prática de capoeira de angola com metodologia orientada ao acolhimento de mulheres, pessoas negras, LGBTQIAP+ e crianças; e o eixo de "pesquisa, arte-educação e criação" que tem como principais ações o ateliê coletivo, o Festival de Arte Urbana Cores do Beco e o trabalho de identificação e organização de acervos de referências culturais, religiosas, políticas e intelectuais do Rio Grande do Norte. Neste ponto se concentram ações de promoção de pesquisas em relação às estéticas negras potiguares, através do desenvolvimento de um conceito de arte entregue ao público em forma de narrativas afro referenciadas em múltiplas linguagens criativas como as artes visuais, a performance e o audiovisual. Nossa acervo fotográfico e filmográfico provoca o campo de representações das diversidades de vivências, identidades e trajetórias relacionadas às culturas afro potiguares.



Fotografia de Monsenhor Expedito, acervo da fotógrafa Maria Davina, meados dos anos 1950. Pesquisa de mapeamento das expressões culturais, religiosas e artísticas negras da região do Potengi Potiguar da Casa Afropoty, 2022

- R. Maestro Tom Jobim, 12A - Neópolis, Natal - RN, 59086-377
- casaafropoty@gmail.com
- [@casaafropoty | \[@quilomboflordemilho\]\(https://www.instagram.com/quilomboflordemilho\)](https://www.instagram.com/casaafropoty)

Museu Câmara Cascudo/UFRN

I Coleção Arte afro-brasileira

As primeiras pesquisas do Instituto de Antropologia (IA), atual Museu Câmara Cascudo/UFRN, voltadas à temática afro-brasileira, tiveram início em 1963. Coordenadas pelo professor Veríssimo de Melo, com participação dos pesquisadores Raimundo Teixeira da Rocha, Nássaro Antônio e Elizabeth Mafra Cabral, as investigações envolveram visitas a bairros de Natal/RN para gravações de áudio e coleta de dados em espaços como a Casa de Dona Cícera (terreiros nas Rocas), o Catimbó de João Toscano de Brito (Alecrim) e os grupos de Bambelô Asa Branca (Boa Sorte) e Bambelô de Calixto (Rocas). Ainda nos anos 1960, o IA estabeleceu parceria com o Museu do Dundo (Angola), que doou ao acervo um conjunto de quatro máscaras africanas.

O objetivo dessas pesquisas e ações foi compreender, documentar e tornar visíveis manifestações culturais afro-brasileiras presentes no Rio Grande do Norte, destacando práticas religiosas, musicais e simbólicas. Esse processo resultou na construção de uma narrativa museológica que reconhece e valoriza a herança cultural africana e afro-brasileira, com orientação e diálogo constante com lideranças religiosas e especialistas, como o Babalorixá Joãozinho de Iemanjá (Nação Nagô).

Como resultado das pesquisas, foi montada uma exposição de longa duração sobre a cultura afro-brasileira, que permaneceu ativa até 2010, apresentando um altar sagrado (peji) com objetos ceremoniais, esculturas, vestimentas e instrumentos rituais. Em 1988, a coleção foi incorporada ao projeto "Estudos de Coleções Africanas e Afro-brasileiras nos Museus Brasileiros", coordenado por Raul Lody, resultando na publicação do livro-catálogo *Introdução ao Xangô, Umbanda e Mestria da Jurema* (1994), de autoria de Raul Lody e Wani Fernandes Pereira. Composta por 298 itens etnográficos adquiridos por compras e doações, a coleção reúne objetos ceremoniais, esculturas votivas, indumentárias, instrumentos musicais e demais elementos simbólicos ligados às religiões afro-brasileiras.



Exposição Afro do Museu Câmara Cascudo - Peji. Foto:Arquivo Institucional

- Av. Hermes da Fonseca, 1398 - TirolNatal - RN, 59020-650
- (84) 3342-2289
- comunica@mcc.ufrn.br / educativo@mcc.ufrn.br
- <https://mcc.ufrn.br/>
- @mccufrn
- @museucamaracascudoufrn
- [Museu Câmara Cascudo UFRN](#)
- @mccufrn

SERGIPE



Raízes do Quilombo

O acervo preserva elementos da memória do nosso povo preto, reunindo objetos e histórias que remetem aos tempos em que eram utilizados materiais como madeira, barro, ferro e palha. Também guarda fotografias e relatos de nossos ancestrais. Meus avós trabalharam nos engenhos de açúcar de Santa Luzia do Itanhi, transportando a produção em carros de boi até o Crasto, de onde seguia pelos navios.

Entre os objetos já catalogados estão potes, porrões, pilões e mãos de pilão, vassouras de palha, armações para a pesca de camboa, redes de pesca, peneiras de palha, chapéus, pandeiros, zabumbas e outros instrumentos e utensílios tradicionais. Além disso, reunimos um documento com os nomes e as histórias de nossas raízes quilombolas, utilizado na Rota do Quilombo como ferramenta de educação e valorização da memória coletiva.

Ainda buscamos recursos para ampliar as fotografias e expor, em tamanho maior, as biografias de nossos antepassados, bem como adquirir novos materiais relacionados à pesca e à mariscagem, práticas que seguem vivas entre pescadores e marisqueiras de nossa comunidade.



Reisado Função da Belezinha

📍 Comunidade Quilombola do Crasto - Território Luziense - Av. Beira Mar, 36 - Povo Crasto - Santa Luzia do Itanhi - SE

✉️ guapanil@gmail.com | 1numeq@gmail.com

CENTRO OESTE



DISTRITO FEDERAL



Instituto Memorial Lélia Gonzalez

O Instituto Memorial Lélia Gonzalez (IMELG) surge a partir do compromisso familiar e comunitário com a preservação, difusão e atualização do legado intelectual, político e cultural de Lélia Gonzalez — referência central do pensamento negro brasileiro e latino-americano. Criado como uma organização sem fins lucrativos, o Instituto atua na salvaguarda do acervo pessoal da autora, composto por documentos textuais, iconográficos, correspondências, objetos, fotografias e registros audiovisuais, além de desenvolver ações educativas e culturais que aprofundam o acesso do público às suas ideias.

Ao longo de sua trajetória, o IMELG vem consolidando sua presença em diferentes espaços culturais, instituições de ensino e centros de pesquisa por meio de exposições, seminários, conferências, rodas de conversa e atividades formativas. Essas ações constituem um percurso institucional marcado por parcerias estratégicas e pela construção de uma rede de interlocução nas áreas de cultura, educação, museologia, memória e patrimônio afro-brasileiro.



Reprodução: Lélia Gonzalez

-  Quadra SHCES Q 1505, Bloco D, apto 410 - Cruzeiro Novo, Brasília - DF, 70658-554
-  <https://imleliagonzalez.com/>
-  [@imleliagonzalez](https://www.instagram.com/imleliagonzalez)

MATO GROSSO



Tenda Umbandista Centro Espírita Pai Jeremias - Seara de Vó Baiana

A Tenda Umbandista Centro Espírita Pai Jeremias – Seara de Vó Baiana reúne um conjunto iconográfico constituído ao longo de 67 anos de dedicação espiritual da mãe de santo Maria José da Silva Matos. As peças que integram os pejis foram, em sua maior parte, ofertadas por filhos de santo e frequentadores, resultando em um acervo formado entre as décadas de 1970 e 2020. Em 2024, parte desse conjunto – composto por imagens de Pretos(as)-Velhos(as), Caboclos(as) e Crianças – foi fotografada e catalogada para compor a dissertação de Gilda Portella Rocha, dedicada a registrar e interpretar o significado dessas expressões no universo ritual do terreiro.

A instituição tem como missão preservar, valorizar e transmitir a memória religiosa, estética e comunitária da umbanda, compreendida como espaço de resistência, afirmação identitária e continuidade cultural. Suas ações buscam fortalecer o sentimento de pertencimento, promover inclusão e conferir visibilidade às narrativas afro-brasileiras que se manifestam no cotidiano sagrado da casa de axé.

O acervo reflete o caráter funcional, simbólico e ritualístico da arte afro-brasileira, tal como analisado por Kabengele Munanga: uma produção essencialmente comunitária, anônima e intrinsecamente vinculada ao uso religioso. Formado por 30 peças de Pretos(as)-Velhos(as), 27 de Caboclos(as) e 27 de Crianças, o conjunto expressa pluralidades, hibridismos e diálogos entre matrizes africanas, ameríndias e o catolicismo popular.

Ao salvaguardar bens materiais e imateriais da umbanda, este acervo mantém viva a memória e a iconografia do terreiro, reforçando a relação da comunidade com suas práticas, histórias e ancestralidades – e afirmando a força da espiritualidade que atravessa gerações.



Arquivo Pessoal



Rua Veiga Cabral, 115 - Bairro Dom Aquino, Cuiabá, MT, 78030-450



gildaportella.art@gmail.com

SUDESTE



ESPÍRITO SANTO



Museu de Arte das Panelas do Espírito Santo - MAPES

O Museu de Arte das Panelas do Espírito Santo - MAPES é situado em Vitória - ES e se dedica à preservação de memória e valorização das Panelas de Goiabeiras, cujo ofício é reconhecido como o primeiro bem cultural registrado como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O espaço foi criado com a participação ativa da comunidade, reunindo um acervo diversificado composto por contribuições dos próprios moradores locais. Além das tradicionais panelas de barro, o acervo inclui fotografias, indumentárias, materiais sonoros e literários, documentos históricos e uma valiosa coleção de bonecos de barro da artista Panela Ana Ferreira da Conceição - "Mãe Ana".

O MAPES não é apenas um repositório de objetos de cunho contemplativo, mas um ponto de encontro cultural, onde o imaterial se torna tangível através de oficinas, rodas de conversa, palestras, exibições de documentários, e tantas outras manifestações que fazem dele, um espaço vivo e dinâmico de artivismo; proporcionando uma experiência de aprofundamento sobre a identidade das mulheres protagonistas do barro capixaba e de outras manifestações culturais da comunidade de Goiabeiras Velha, desde a Banda de Congo Panela de Barro, Folia de Reis, Festa do Boi Estrela, Procissão de São Sebastião e até os modos de vida tradicionais de quem vive entorno do Manguezal de Vitória - ES.



Frigideira desenvolvida pela panela Palmira Rosa Siqueira de Alvarenga. Doada ao MAPES por membro da Família Alvarenga. Direitos autorais: @babadobar. Imagem: @andre_sopon

- R. Leopoldo Gomes de Sales, 10 - Goiabeiras, Vitória - ES, 29075-100
- mapesmuseu@gmail.com
- [@mapesmuseu](https://www.instagram.com/mapesmuseu)

MINAS GERAIS



Acervo Fotográfico Nagôgrafia

Nagôgrafia era inicialmente o nome dado a um projeto fotográfico, localizado em um espaço-tempo delimitado, mais especificamente na comunidade do bairro Concórdia em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde há uma grande parcela demográfica de povos de terreiro e comunidades tradicionais de matrizes africanas concentradas. Em 2019, uma dessas comunidades, o Ilê Axé Afonjá Oxeguiri, estava sendo contada para ser inventariada, para a partir deste documento se tornar patrimônio da cidade de Belo Horizonte, neste ensejo a pesquisa prestou serviços e auxiliou o departamento de patrimônio responsável pelo dossiê por 3 anos, uma vez que o Nagôgrafia, expandiu sua metodologia de captura fotográfica, o projeto, fotografou outras tradições afrobrasileiras, constituindo acervo e recebendo reconhecimentos e premiações, se tornando em 2024, um dos Acervo Afro-brasileiro, reconhecido pela Rede de Acervos Afro-brasileiros do Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, Recebendo o Prêmio Dona Generosa do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanas MUQUIFU. E sendo o primeiro Acervo comissionado para o Projeto Afro - Plataforma de Mapeamento e Difusão artística afro-brasileira, ao longo de 6 anos o projeto fotografou 30 comunidades tradicionais e participou de 20 exposições de fotografia e exposições coletivas de arte e 10 projetos audiovisuais com seu acervo fílmico.

O nome Nagô faz menção ao povo nagô e sua diáspora cultural, presente também em Belo Horizonte pelos candomblés da Nação Ketu, presentes pela contribuição e ramificação da família espiritual de Carlos Olojukan, liderança que fundou o Ilé Wòjòpò`Olójukàn (1964) reconhecido até hoje como o primeiro terreiro da nação Ketu em Belo Horizonte. Através da pesquisa fotográfica e das entrevistas realizadas pelo projeto, o agora: 'Nagôgrafia - Museu dos Caminhos Negros', realizou uma linha do tempo evidenciando as encruzilhadas e canônes negros em Belo Horizonte, se ramificando para outros lugares do Brasil afim de criar fio-condutores, que se interconectam pelo território diaspórico através de seu acervo.



Performance 'Corpocontinente' de Massuelen Cristina.
Fotografia: Vitú de Souza



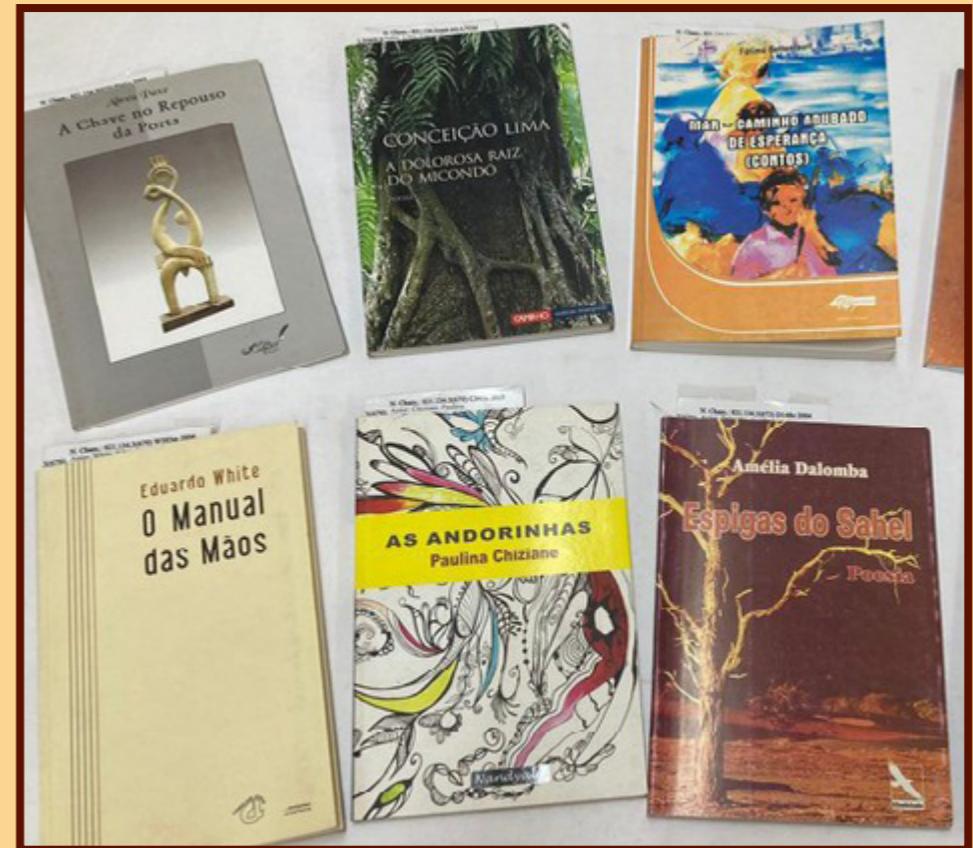
@nagografia

Biblioteca Universitária da UFMG | Acervo Africano da Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras

O Acervo Especial Africano da UFMG foi constituído a partir de uma parceria estabelecida por volta de 2014 entre a Diretoria da Biblioteca Universitária / Sistema de Bibliotecas e o Centro de Estudos Africanos / Diretoria de Relações Internacionais da UFMG.

A iniciativa busca constituir uma fonte de referência especializada em estudos africanos, promovendo o acesso qualificado a obras que permitem o aprofundamento sobre culturas, histórias, saberes e produções intelectuais do continente africano. O acervo visa ainda contribuir para o fortalecimento de uma perspectiva acadêmica que reconheça e valorize autores africanos e narrativas diversas, ampliando o repertório de pesquisas e reflexões na universidade e entre pesquisadores interessados.

O acervo é composto por mais de dois mil exemplares, que abrangem temáticas variadas relacionadas às diferentes realidades socioculturais, políticas, históricas e artísticas dos países africanos. Sua tipologia inclui livros e outras publicações acadêmicas produzidas em territórios africanos. A comunicação e o acesso ao acervo são realizados mediante agendamento, com a coleção institucionalizada, patrimoniada e normatizada conforme a Resolução n. 02/2010 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG, o que garante sua preservação e consulta como parte das coleções especiais da Biblioteca Universitária.



Novos títulos incorporados ao Acervo Africano, doados pela Profa. Dra. Emérita Maria Nazareth Soares Fonseca. Foto de Carla Pedrosa.

- 📍 Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-901
- 📞 (31) 3409-4615
- ✉️ coesp@bu.ufmg.br / wmarcal@bu.ufmg.br
- 🌐 https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/especiais-e-raros/acervos-especiais/estudos-africanos/
- ▶️ [Biblioteca Universitária UFMG](#)

CenPre - Centro de Preservação da Memória Negra de Juiz de Fora e Região

O Centro de Preservação da Memória Negra de Juiz de Fora e Região (CenPre), integrado à Secretaria Especial da Igualdade Racial (SEIR), foi criado em 30 de junho de 2025 como um espaço dedicado à preservação e difusão da memória negra. Localizado no Paço Municipal, o CenPre se fundamenta em princípios da museologia social, estruturando-se a partir da participação direta da comunidade negra da cidade e região, além de artistas, pesquisadores e demais pessoas que colaboram com a formação do acervo e das ações institucionais.

Sua missão é fortalecer a memória, a cultura e os saberes da população negra, promovendo ações educativas, encontros, exposições e atividades culturais que valorizem patrimônios tangíveis e intangíveis, estimulem o diálogo intergeracional e fortaleçam identidades. Nesse sentido, o CenPre organiza atividades como o ciclo de apresentação de pesquisas Episteneurologias Insurgentes, o encontro de compartilhamento de memórias, Chá Preto, o Cineclube Cine Fanon e, em parceria com a Secretaria de Educação, está estruturando a Afroteca, voltada a crianças e adolescentes.

O acervo é constituído de forma colaborativa por meio de doações, empréstimos e termos de guarda. Reúne vestimentas, fotografias, quadros, esculturas, utensílios domésticos, ferramentas, imagens sacras, variados registros escritos, documentos, discos e livros, muitos deles ligados a memórias familiares e, portanto, de valor sobretudo afetivo.

O CenPre é território de afirmação de direitos por meio das ações museais e museológicas.



Fachada do Paço Municipal, prédio do início do século XX atualmente ocupado pelo Centro de Preservação da Memória Negra de Juiz de Fora e Região (CENPRE) e pela Secretaria Especial da Igualdade Racial (SEIR) de Juiz de Fora.



Avenida Barão do Rio Branco, 2234 - Centro Juiz de Fora - MG, 36016-310



secdaigualdaderacialpjf@gmail.com / gianelisagp@gmail.com



[@seir.pjf](https://www.instagram.com/seir.pjf)

Projeto Curas

O Projeto Curas é uma plataforma de registros que atua desde 2018 no Sul de Minas Gerais, envolvendo pesquisa, documentação, construção e circulação de acervos afetivos, familiares e artísticos. Suas ações têm ocorrido em cidades como Poços de Caldas, Caldas, Três Pontas, Machado, Alfenas, Cabo Verde e regiões vizinhas, e mais recentemente também em outras localidades do Sudeste e Nordeste, devido à expansão das atividades de pesquisa e intercâmbio da equipe. O núcleo coordenador do Projeto Curas é composto por Gabriela Pereira, Débora Romano, Mãe Ana de Iansã, Robson Américo, Pedro Delboni e Lucas Santos, que estruturam as ações em parceria com coletivos, instituições, comunidades e associações locais.

A missão do Projeto está orientada para a valorização de experiências e presenças afro-indígenas nos territórios em que atua, considerando memórias familiares, conhecimentos ancestrais e práticas espirituais. Suas iniciativas buscam construir e compartilhar acervos que fortaleçam debates sobre políticas de reparação, direito à memória, equidade racial e processos de descolonização das imagens e narrativas históricas. O projeto também desenvolve ações de mobilização cultural e mapeamento territorial, articulando-se com planos e políticas culturais públicas, especialmente após a seleção das coordenadoras Gabriela e Débora como Agentes Territoriais de Cultura na região Sudeste.

O acervo envolve registros audiovisuais, documentos, produções artísticas e depoimentos que articulam experiências de espiritualidade, saúde, devoção e saberes intergeracionais. Esses acervos dialogam com arquivos comunitários e com acervos institucionais (museus, cartórios, arquivos públicos e coleções privadas), buscando reconstituir e ampliar narrativas que historicamente foram silenciadas ou exotizadas. A plataforma promove a circulação dos materiais por meio de publicações, ações culturais, eventos e compartilhamento coletivo, reposicionando e fortalecendo os legados afro-indígenas na região.



Equipe Projeto Curas



R. Luís Maran - Vila Guapore, Poços de Caldas - MG, 37704-428



(35) 3721-7380



projetocuras@gmail.com



<https://projetocuras.com.br/>



[@projetocuraslabsul](https://www.instagram.com/@projetocuraslabsul)



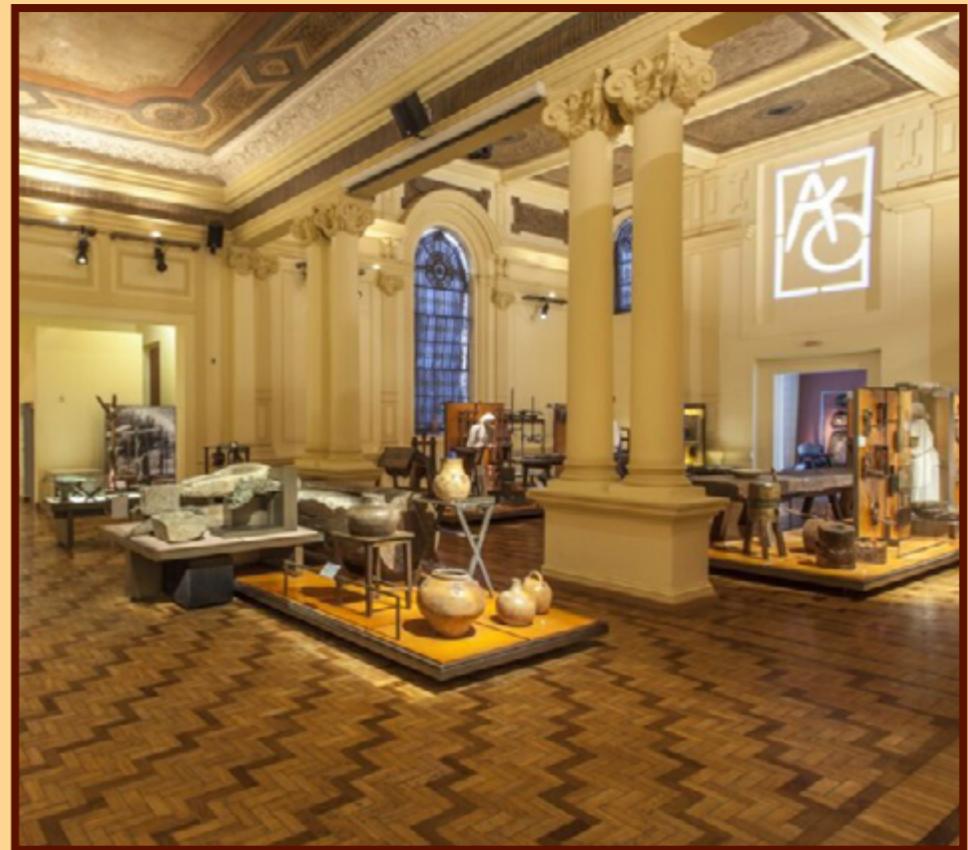
[Projeto Curas](https://www.youtube.com/Projeto Curas)

SESI Museu de Artes e Ofícios

O SESI Museu de Artes e Ofícios (SESI MAO) é uma instituição localizada em Belo Horizonte, inaugurada em 2005. Sua criação foi uma iniciativa do Instituto Cultural Flávio Gutierrez e, atualmente, é gerido pelo SESI-MG. O museu dedica-se à preservação e divulgação da história do trabalho no Brasil pré-industrial.

A missão do MAO é preservar a história dos fazeres, artes e ofícios praticados no país antes da industrialização, destacando os conhecimentos técnicos e culturais presentes nas práticas laborais que contribuíram para a formação da identidade brasileira.

O acervo do SESI MAO é composto por cerca de 2.500 peças tombadas pelo IPHAN, incluindo utensílios, ferramentas e instrumentos que ilustram atividades produtivas realizadas no período. Essas peças evidenciam, entre outras contribuições, a forte atuação de pessoas negras, escravizadas e livres, que detinham saberes especializados e foram fundamentais para a produção de bens e serviços no Brasil. O museu utiliza esse acervo como meio de comunicação histórica e educativa.



Uma das galerias do museu - Daniel Mansur

-  Praça Rui Barbosa, 600 – Centro, Belo Horizonte - MG, CEP 30160-000
-  (31) 2116-0419 / (31) 99408-0192
-  sesimao@fiemg.com.br / educativomao@fiemg.com.br
-  <https://mao.com.br>
-  [@museudearteseoficioessesi](https://www.instagram.com/@museudearteseoficioessesi)
-  [sesimuseudearteseoficios](https://www.facebook.com/sesimuseudearteseoficios)
-  [SESI Museu de Artes e Ofícios](https://www.youtube.com/SESI Museu de Artes e Ofícios)

RIO DE JANEIRO



Acervo Djalma Corrêa

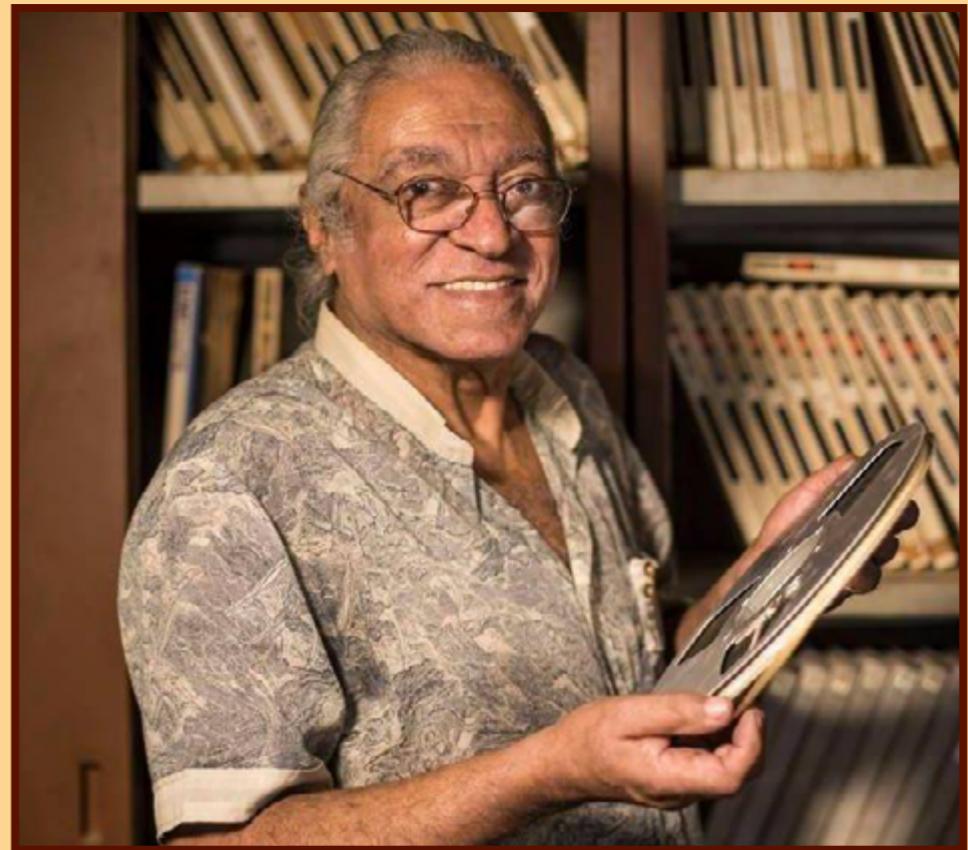
O Acervo Djalma Corrêa é dedicado à preservação, difusão e estudo da obra do percussionista, compositor e pesquisador Djalma Corrêa (1942–2022), figura de grande destaque na música afro-brasileira e na cena musical brasileira do século XX. Desde 2022, o acervo é gerido pelo Instituto Djalma Corrêa, sediado em Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, comprometido com a salvaguarda da memória sonora e visual do artista, cuja trajetória atravessa os terreiros de candomblé da Bahia, os Seminários Livres de Música, o pré-tropicalismo, a música instrumental, os festivais de MPB dos anos 1960 e circuitos internacionais de jazz e world music.

A iniciativa tem como propósito assegurar a preservação dos materiais originais, promover sua digitalização integral e catalogação técnica, e viabilizar gradualmente o acesso público ao acervo. Suas ações são orientadas pela valorização da memória e da cultura afro-brasileira, com atenção aos territórios culturais que marcaram a vida e a obra do artista, bem como pelo diálogo com comunidades e instituições comprometidas com patrimônios culturais afrodescendentes.

O Museu Virtual sobre a vida e obra de Djalma com materiais do Acervo já digitalizados e disponibilizados para pesquisa e educação se mantém sob desenvolvimento contínuo no site www.djalmacorrea.com.br. É um espaço de difusão da obra de Djalma e compartilhamento dos materiais do Acervo que busca atingir um público amplo e se pensa a partir de medidas de acessibilidade.

O acervo reúne mais de 10 mil itens já digitalizados a partir de suportes analógicos originais que seguem em fluxo de trabalho de preservação. São cerca de 6.000 fotografias; 100 filmes em películas Super 8; 500 registros sonoros de campo; 200 documentos iconográficos; 100 gravações de shows e entrevistas em vídeo-magnético e 100 gravações de shows em fitas magnéticas de áudio.

As coleções preservam registros raros de manifestações populares da cultura afro-brasileira na Bahia da década de 1960 e 1970, experiências pioneiras de Djalma Corrêa com música eletrônica no Brasil e materiais inéditos relacionados à cena da MPB, como gravações de shows e ensaios, além de partituras, roteiros e iconografia de reconhecido valor histórico e artístico.



Djalma Corrêa à frente da reserva técnica de audio de fitas de carretel aberto - Foto: Aline Massuca

- 📞 (21) 9.8195.2925
- ✉️ acervodjalmacorrea@gmail.com
- 🌐 <https://www.djalmacorrea.com.br> | <https://www.djalmacorrea.blogspot.com>
- 📷 [@institutodjalmacorrea](https://institutodjalmacorrea) [@acervodjalmacorrea](https://acervodjalmacorrea)
- FACEBOOK [AcervoDjalmaCorrea](https://www.facebook.com/AcervoDjalmaCorrea)
- YOUTUBE [ACERVO DJALMA CORRÉA](https://www.youtube.com/ACERVO_DJALMA_CORRÉA)

Acervo Fotográfico Maria Buzanovsky

O Acervo da fotógrafa Maria Buzanovsky teve início em 2009, no Rio de Janeiro, a partir de seus registros fotográficos de manifestações culturais afro-brasileiras. Desde então, Maria acompanhou e documentou o universo do Funk, do Passinho, do Carnaval e, de forma especial, a Capoeira no Brasil e no exterior. Seu trabalho se desenvolveu em diálogo com diferentes grupos culturais, mestres e mestras, integrando também projetos de memória e salvaguarda voltados à valorização das expressões negras no país.

A principal missão do acervo é preservar, difundir e fortalecer a memória das manifestações culturais afro-brasileiras, registrando seus protagonistas, territórios e dinâmicas sociais. Ao acompanhar eventos, rodas tradicionais e práticas cotidianas, o trabalho contribui para o reconhecimento da importância histórica, artística e comunitária dessas expressões, ampliando sua visibilidade e oferecendo subsídios para ações educativas, acadêmicas e patrimoniais.

O acervo reúne um conjunto expressivo de fotografias que retratam mestres e mestras de Capoeira, rodas emblemáticas, grupos de dança e música, festas populares e cenas do cotidiano das periferias e centros urbanos. Suas imagens integram coleções institucionais como as do Museu de Arte do Rio, Museu Janete Costa de Arte Popular e do Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos no Brasil (Unesco), além de exposições e projetos gráficos, reafirmando seu valor documental, artístico e cultural.



Imani e Mestre Sapoti, Roda de Yemanjá. Salvador-BA, 2017.
Fotografia: Maria Buzanovsky

 fotosdecapoeira@gmail.com

 [@fotosdecapoeira](https://www.instagram.com/fotosdecapoeira)

Acervo Nosso Sagrado

O Acervo Nosso Sagrado representa um marco histórico de resistência e luta pelos direitos das religiões afro-brasileiras. Formado através de batidas policiais em terreiros de Candomblé e Umbanda no Rio de Janeiro durante as primeiras seis décadas da República, este acervo simboliza décadas de perseguição religiosa e racismo institucional. Entre 1890 e 1946, sob ordens racistas que criminalizavam as práticas religiosas afro-brasileiras, a polícia interrompia cerimônias, prendia praticantes e confiscava objetos sagrados como “provas de crime”, vinculando erroneamente o Candomblé e a Umbanda ao curandeirismo e charlatanismo.

O acervo reúne 519 itens, incluindo indumentárias, fios de contas, estatuetas, espadas, instrumentos musicais e assentamentos. Em 1938, 126 desses bens sagrados foram tombados pelo IPHAN, constituindo o primeiro tombamento etnográfico do país. Mãe Menininha de Oxum, desde os anos 1980, liderou o movimento pela retirada dos objetos do Museu da Polícia Civil. A campanha “Liberte Nosso Sagrado”, iniciada em 2017, mobilizou diversas instituições e a sociedade civil. Em setembro de 2020, o acervo foi transferido para o Museu da República, e em junho de 2021 foi assinado o Termo de Doação definitiva.

Mais que um acervo museológico, o Nosso Sagrado é instrumento pedagógico antirracista que preserva saberes ancestrais das diferentes nações do Candomblé e Umbanda. Representa a rica pluralidade étnica brasileira e serve como elemento de conscientização social democrática, honrando a memória dos povos africanos que reconstruíram suas práticas culturais no Brasil, transformando-se em ferramenta fundamental para combater o racismo religioso e resgatar a dignidade histórica dessas tradições.



Sereia (Yemanjá)

Ibram / Museu da República / Grupo de Gestão Compartilhada Acervo Nosso Sagrado

Foto: Oscar Liberal (2021)

 R. do Catete, 153 - Flamengo, Rio de Janeiro - RJ, 22220-001

 gruponossosagrado@gmail.com | mr.secretaria@museus.gov.br

 <https://artsandculture.google.com/story/mwWx9m6ZCuqk5A?hl=pt-BR>

 [@nossosagrado_pesquisa](https://www.instagram.com/nossosagrado_pesquisa)

 [Nosso Sagrado](https://www.facebook.com/NossoSagrado)

 [Acervo Nosso Sagrado - Pesquisa e Documentação](https://www.youtube.com/c/AcervoNossoSagrado)

Coletivo de Fotógrafos Negros

O Coletivo de Fotógrafos Negros reúne artistas de diferentes gerações que atuam no campo da fotografia a partir de uma perspectiva de ativismo, resistência e afirmação da negritude. Em 2019, o grupo realizou uma residência artística no Centro Cultural Pequena África (CCPA), em um contexto de forte desmonte das políticas culturais na cidade do Rio de Janeiro, durante a gestão do prefeito Marcelo Crivella. O coletivo é formado por Fernanda Dias, Hiago de Farias, Marina S. Alves, Paula Miranda, Rodolfo Viana, Thais Ayomide e, em memória, Valda Nogueira. O grupo contou ainda com a curadoria de Januário Garcia e Adriana Medeiros, artistas e referências para as novas gerações.

A residência teve como propósito criar, preservar e difundir a memória fotográfica e estética negra em um processo de criação coletiva e ancestral, atuando fora das redes institucionais tradicionais. O projeto valorizou o intercâmbio entre gerações de artistas e buscou construir uma narrativa visual afirmativa sobre a presença negra nos espaços urbanos e culturais.

O processo resultou na expografia apresentada no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, onde os fotógrafos se tornaram também produtores de sua própria mostra. As obras, hoje sob a guarda dos próprios artistas, constituem um importante registro da arte negra contemporânea carioca — marcada por experimentação, memória e afeto. A exposição também prestou homenagem póstuma à artista Valda Nogueira, reafirmando o caráter coletivo, ritualístico e político do projeto, que se tornou a única curadoria feita em vida por Januário Garcia.



Arquivo pessoal



<https://laccops.wixsite.com/laccops/post/o-trabalho-abrindo-a-caixa-preta-da-fotografia-e-da-arte>

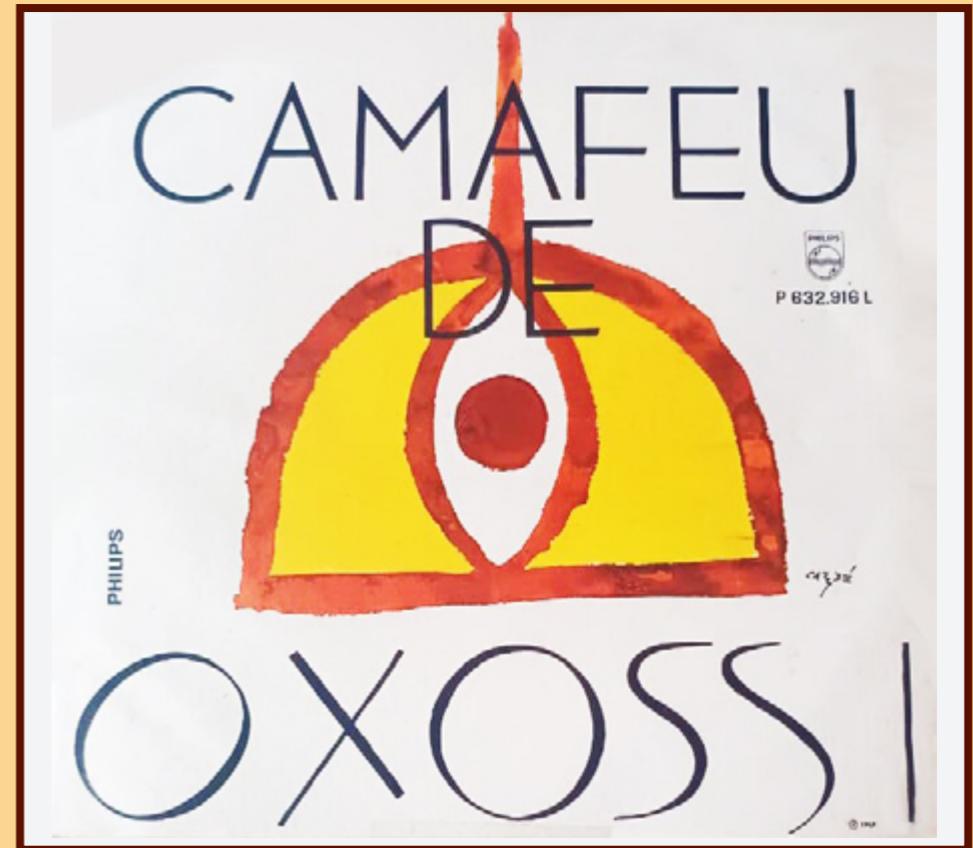
IÊ Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira

Associação de Capoeira Kilombarte, reconhecida pelo IBRAM como Ponto de Memória e Instituição responsável pelo Ponto de Cultura Rádio Capoeira, pela Revista Íbamò, pela Gunga TV e pela Universidade da Capoeira, lançou, no dia 21 de outubro de 2023, no bairro de Vila Olímpia, na cidade de Guapimirim, Estado do Rio de Janeiro, o IÊ – Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira.

O IÊ – Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira é reconhecido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa – SECEC-RJ, por intermédio do Sistema Estadual de Museus do Rio de Janeiro – SIM-RJ, como integrante do Cadastro Fluminense de Museus, colaborando com o Sistema Estadual de Museus e contribuindo para os processos museológicos no estado do Rio de Janeiro.

O Museu foi concebido a partir do recolhimento de peças transferidas por doação, e especialmente do acervo pessoal do Mestre Paulão Kikongo, que reúne uma diversidade de materiais relacionados ao mundo da capoeira, entre livros, jornais, revistas, documentos diversos, vídeos, cartazes, fotografias, troféus, mídias, equipamentos de audiovisual, berimbau, xequerê, agogôs, reco-reco, macumbas e outros instrumentos da Roda de Capoeira. O acervo começa a ser adquirido desde o final da década de 1970.

A partir de seu acervo, o IÊ tem como finalidade a sensibilização da comunidade local e do público em geral, por meio da oferta de atividades educativas, artísticas e culturais e da disponibilização de coleções bibliográficas e audiovisuais para consulta, sendo portanto uma iniciativa associada à salvaguarda da capoeira, representando e saudando a todos os Mestres e Mestras que no passado envidaram esse patrimônio e àqueles e àquelas que mantém viva a memória e o encantamento por essa arte.



Camafeu de Oxossi. Philips, 1968. LP, vinil, cat. no. P632.916L. Brasil.

-  Avenida do Sol, 659 - Vila Olímpia - Guapimirim - RJ - CEP: 25940-163
-  museu@kilombarte.org.br
-  <https://museudacapoeira.com>
-  [@iermuseudacapoeira](https://www.instagram.com/iermuseudacapoeira)

Ilê da Oxum Apará - ACIOA

O Ilê da Oxum Apará (IOA) é uma comunidade tradicional de matriz africana fundada em 1972, que ocupa um território de aproximadamente 70 mil m². O espaço é caracterizado como histórico-antropológico, étnico-ecológico e étnico-botânico, articulando cultura, meio ambiente e sociedade de forma interdependente. O território constitui um espaço de salvaguarda da biodiversidade, da cultura e dos cultos tradicionais de matriz africana, assim como da memória e do legado do Babalorixá Jair de Ogum. Lélia de Almeida Gonzalez, cofundadora da comunidade, passou à massa de origem em 1994, ano em que parte de sua memória material foi doada ao IOA.

A missão da comunidade se fundamenta na preservação, manutenção e continuidade da memória, do legado e do patrimônio material e imaterial do Babalorixá Jair de Ogum. Orienta-se também pelo compromisso com a promoção da justiça e da equidade racial, cultural, social, política e econômica. Sua visão busca contribuir para uma consciência humanitária que reafirme a importância dos legados dos povos tradicionais de matriz africana, considerando as cosmologias, epistemologias, processos históricos, valores civilizatórios, filosofias e ontologias que estruturam essas tradições.

O Acervo Cultural do IOA foi inaugurado em 2002 pelo Babalorixá Jair de Ogum e reúne o Memorial Lélia Gonzalez de Oxum, o Memorial Jair de Ogum, a Igreja Imaculada Conceição, duas bibliotecas e um amplo acervo etnográfico. Entre os itens preservados estão fotografias, cartazes, postais, cartas, livros, textos datilografados, manuscritos, documentos pessoais, jornais, títulos, diplomas, medalhas, quadros e objetos diversos, totalizando um conjunto estimado em cerca de 40 mil peças.



Assentamento de Ogum a céu aberto, construído de elementos de ferro. - "Arquivo Institucional



R. Carlito José da Silva, Santa Cândida, Itaguaí - RJ, 23821760



iledaoxumapara@gmail.com



@ileoxumapara



Ilê da Oxum Apará

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros - Ipeafro

O Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) é uma associação sem fins lucrativos com sede no Rio de Janeiro, cuja missão é preservar, gerir, articular e difundir, em múltiplas linguagens, o acervo e o legado de Abdias Nascimento e das organizações que ele criou. Fundada em 1981 por Abdias Nascimento e sua esposa Elisa Larkin Nascimento, o Ipeafro atua em quatro áreas: ensino, pesquisa, cultura e documentação. Fonte única de informações sobre a matriz africana na cultura e na história brasileira, o acervo contém imagens, documentos impressos e manuscritos, obras de arte e registros audiovisuais produzidos e recebidos por Abdias Nascimento e pelas instituições que ele criou ao longo de sua vida ativa. Os itens datam de 1926 até o presente. O trabalho com o acervo dá suporte às atividades do Ipeafro na área do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira através de exposições, fóruns, cursos e publicações. O conteúdo do acervo também é disponibilizado e difundido por meio de seu site e outros canais na internet.

Abdias Nascimento (1914-2011) é referência nacional e internacional na luta pela valorização das culturas africanas e afro-brasileiras. Foi artista visual, jornalista, ator e diretor de teatro, dramaturgo, escritor, deputado federal, senador da República, secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro e professor da Universidade do Estado de Nova Iorque. Devido ao conjunto de sua obra, Abdias foi oficialmente indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2009. Em 2024, seu nome foi inscrito no livro de Heróis e Heroínas da Pátria. O acervo Abdias Nascimento é reconhecido pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) como de interesse nacional, e pela UNESCO, inscrito no registro Memória do Mundo nos níveis Brasil, América Latina e Caribe.



Abdias Nascimento - Oke Oxossi

- R. Benjamin Constant, 55 – Apto 1101 - Glória, Rio de Janeiro – RJ, 20241-150
- (21) 2509-2176 / (21) 3217-4165
- ipeafro@gmail.com
- <https://ipeafro.org.br>
- [@ipeafro](https://www.instagram.com/ipeafro)
- [@ipeafro](https://www.facebook.com/IPEAFRO)
- [IPEAFRO](https://www.youtube.com/IPEAFRO)

Inzo ia Kaiaia

A Inzo ia Kaiaia é um barracão da Nação Angola localizado em Seropédica, na Baixada Fluminense (RJ). O terreiro encontra-se em processo de construção, simbolizando a consolidação de um espaço sagrado dedicado à tradição bantu-angolana. Sua dirigente é Andreza Ramalho, conhecida como Mam'etu Kaiahundê, iniciada na raiz Tumba Junsara em 2007. Além de dirigente religiosa, Andreza é professora e universitária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), atuando no campo da Educação do Campo e fortemente engajada com as pautas ambientais, religiosas e de povos e comunidades tradicionais.

A Inzo ia Kaiaia tem como missão fortalecer as tradições da Nação Angola e afirmar a ancestralidade africana por meio de práticas religiosas, culturais e educativas. Busca promover o diálogo entre espiritualidade e sustentabilidade ambiental, valorizando os saberes tradicionais, a oralidade e as relações comunitárias como fundamentos de resistência, identidade e pertencimento.

Por estar em fase de construção, a Inzo ia Kaiaia ainda não possui um acervo formalmente estruturado. No entanto, o espaço se configura como um território de memória viva, no qual objetos litúrgicos, símbolos rituais e saberes orais expressam a herança espiritual da Nação Angola. Esses elementos constituem um acervo imaterial em formação, que reflete o compromisso da casa com a preservação das práticas religiosas afro-brasileiras e com a transmissão dos valores ancestrais às novas gerações.



Representação do Mukixi Hongolo. Foto: Laura Ramalho, 2025.

 R. 41, 6 - Quadra 204 - Campo Lindo Seropédica - RJ, 23890-000

 [@ramalhoandreza](https://www.instagram.com/ramalhoandreza)

 [Andreza Ramalho](https://www.facebook.com/Andreza.Ramalho)

Memorial Cristóvão Lopes dos Anjos | Àse Olorokè Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman

O Àse Olorokè Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman – Lokiti-Efon, por meio do Memorial Cristóvão Lopes dos Anjos, está localizado no município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro. A instituição é vinculada à Nação Efon e foi criada com o propósito de preservar a trajetória e os saberes associados às tradições religiosas de matriz africana, especialmente aquelas relacionadas ao culto de Ògún. O memorial homenageia Cristóvão Lopes dos Anjos, figura de referência e liderança espiritual, cuja memória e legado fundamentam as ações da instituição.

O Memorial tem como missão preservar, valorizar e difundir a memória, a história e as expressões culturais da Nação Efon, assegurando a salvaguarda dos patrimônios materiais e imateriais ligados às tradições afro-brasileiras. Atua como um espaço de resistência, celebração e ensino, promovendo a visibilidade e o reconhecimento das religiões de matriz africana no cenário cultural e museológico brasileiro.

O acervo do Memorial é formado por materiais bibliográficos, acadêmicos, artísticos, arquivísticos, videográficos e fotográficos, que documentam e testemunham aspectos da história e da prática religiosa da Nação Efon. O conjunto preservado constitui um importante patrimônio material e imaterial, reunindo registros de rituais, festividades, ensinamentos e vivências religiosas que refletem a riqueza simbólica, estética e espiritual das tradições afro-brasileiras. Por meio da documentação e da difusão de seu acervo, o Memorial contribui para a manutenção da memória ancestral e o fortalecimento das identidades afrodescendentes.



Fotos por Robson Bento Outeiro

📍 R. Eça de Queiroz, Lote 17 - Quadra 69 - Pantanal, Duque de Caxias - RJ, 25040-004

📷 [@aseolorokepantanal](https://www.instagram.com/aseolorokepantanal)

🌐 [@aseolorokepantanal](https://www.facebook.com/aseolorokepantanal)

[Ebook Nação Efon](#)

Memorial Oxum | Egbe Ilê Iyá Omidaye Ase Obalayo

O Memorial Museu Oxum nasceu do projeto Matrizes que Fazem Memórias, com o objetivo de preservar e difundir a cultura dos Povos Tradicionais de Matrizes Africanas. Está vinculado ao Egbè Ilè Iyá Omidaye Asé Obálayo, terreiro da nação Ketu dedicado a Oxum e Xangô, fundado nos anos 1950 em São Gonçalo (RJ) por Mãe Ivone de Oxossí. Hoje é liderado por Mãe Márcia D’Oxum, ambas iniciadas pela lendária Mãe Menininha do Gantois (BA). O Omidaye é reconhecido como território de fé, ancestralidade e ação comunitária, integrando redes culturais, sociais e religiosas de forte impacto.

O Memorial tem como missão salvaguardar acervos materiais e imateriais das tradições afro-brasileiras, fortalecendo o respeito aos saberes, à religiosidade e às práticas dos povos de matrizes africanas. Atua como centro de referência em memória e cidadania, desenvolvendo ações afirmativas e educativas que valorizam a diversidade, a sustentabilidade, o meio ambiente e os direitos humanos, incentivando o diálogo entre o terreiro e a sociedade.

Seu acervo reúne objetos rituais, heranças familiares, presentes de irmãos e amigos, registros audiovisuais, documentos, publicações e obras artísticas que preservam a trajetória do Omidaye e de projetos como Matrizes que Fazem, Matrizes que Brincam, Matrizes que Fazem por Todos e Matrizes que Faz Moda e Estilo. O espaço conta com Brinquedoteca, Biblioteca, Ibô/Labô (área sagrada de ervas e plantas) e o primeiro Etnoturismo em 3D de Terreiro do Brasil.

Reconhecido pelo Sistema Estadual de Museus do Rio de Janeiro e pelo IBRAM desde 2018, o Omidaye tornou-se, em 2022, o segundo Terreiro tombado como Patrimônio Material e Imaterial do Estado (INEPAC/SECEC), consolidando-se como referência em museologia social, memória afro-brasileira e patrimônio cultural vivo. Em 2024, protagonizou a Entronização do Oxê de Xangô no TJRJ e no TJSP em 2025, assim como, transformou a Cartilha de Direitos dos Povos Tradicionais de Matrizes Africanas em interestadual RJ/SP, entre outras iniciativas em prol dos Povos Tradicionais de Terreiros.



Foto do Memorial Oxum, onde tem em torno de 100 acervos, mais um acervo digital que é transmitido por projetor.



R. Dalmir da Silva, It 8 - Sacramento, São Gonçalo - RJ, 24735-010



mae.marciaoxum@gmail.com



<https://omidaye.com.br/memorialoxum/>

Etnoturismo virtual: <https://my.matterport.com/show/?m=za6CDzErKDX>



@mae.marciaoxum



[Memorial Oxum](#)

Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB

O Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), está situado na região da Pequena África, zona portuária do Rio de Janeiro, e tem como marco zero o Cais do Valongo, a partir do seu reconhecimento e titulação como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO em 2011.

O MUHCAB é um museu de tipologia híbrida, na associação dos conceitos de museu de território, a céu aberto, histórico e socialmente responsável. Sua missão institucional é transformar o entendimento do que é ser negro no Brasil pelas vozes de seus protagonistas, empoderando as comunidades afro-brasileiras pela garantia do direito de fazer conhecer, preservar e disseminar sua história de afirmação e resistência a partir do território físico e simbólico do Cais do Valongo.

Com um acervo que conta com aproximadamente 2.200 itens museológicos, arquivísticos e bibliográficos que compreendem desde documentos do período escravagista até obras de artistas negros contemporâneos e suas múltiplas linguagens, o MUHCAB pretende contar a história da região que testemunhou o maior desembarque de africanos escravizados no mundo, seus importantes marcos de afirmação negra e da cultura afro-brasileira, bem como debater conceitos que emanem a situação do negro no Brasil de hoje.



Fachada do MUHCAB. Imagem: Babi Reis

- R. Pedro Ernesto, 80 – Gamboa, Rio de Janeiro - RJ, 20220-350
- (21) 2233-7754
- muhcab.cultura@prefeitura.rio
- <http://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab>
- [@muhcab.rio](https://www.instagram.com/@muhcab.rio)
- [@muhcab.rio](https://www.facebook.com/@muhcab.rio)

Museu do Samba

O Museu do Samba tem origem no Centro Cultural Cartola, fundado em 2001 com o objetivo de registrar e difundir a memória da Mangueira, de Cartola e do samba carioca. Em 2006, o Centro foi responsável pela elaboração do dossiê que resultou no reconhecimento das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro como Patrimônio Cultural do Brasil. A partir desse trabalho, foi implantado o Centro de Referência de Documentação e Pesquisa do Samba, que deu origem ao Museu do Samba, localizado aos pés do Morro da Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro. A instituição atua há mais de duas décadas como referência nacional na preservação e valorização da cultura afro-brasileira e do samba como expressão identitária e patrimonial.

O Museu do Samba dedica-se à pesquisa, preservação, educação e comunicação da história social, memória, expressão artística e legado do samba carioca. Sua missão é contribuir para o fortalecimento da identidade brasileira por meio da difusão e promoção da história do samba, reconhecendo a importância de seus agentes, comunidades e tradições. A instituição busca promover o empoderamento das comunidades do samba e valorizar a ancestralidade africana, atuando de forma contínua na salvaguarda do samba enquanto patrimônio imaterial do Estado brasileiro.

O acervo do Museu do Samba reúne cerca de 45 mil itens de natureza diversificada, entre indumentárias, fotografias, croquis, livros, objetos tridimensionais, depoimentos orais e documentos históricos. Grande parte desse acervo foi constituída por doações de sambistas e famílias comprometidas com a preservação e transmissão dos saberes ancestrais do samba. A comunicação do acervo se dá por meio de exposições permanentes e temporárias, ações educativas, publicações e projetos culturais que promovem a memória, a valorização e a difusão do samba carioca e de seus protagonistas.



Foto fachada instituição: crédito: acervo institucional

- R. Visc. de Niterói, 1296 - Mangueira, Rio de Janeiro - RJ, 20943-001
- contato@museudosamba.org.br
- <https://www.museudosamba.org.br/>
- @museudosamba
- Museu do Samba

Museu Histórico Nacional

O Museu Histórico Nacional (MHN) é um órgão vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia integrante do Ministério da Cultura. Fundado em 1922, o MHN está instalado em um conjunto arquitetônico de grande relevância histórica, formado por três edifícios do período colonial brasileiro: o Forte de Santiago, a Casa do Trem e o Arsenal de Guerra. Localizado no centro do Rio de Janeiro (RJ), o museu atua há mais de um século na preservação, pesquisa e difusão da história e do patrimônio cultural do Brasil.

A missão do Museu Histórico Nacional é promover a mobilização coletiva para valorizar a consciência histórica e o direito ao patrimônio cultural do Brasil, por meio da formação e preservação de acervo, ação educativa e construção de conhecimento. Por meio de exposições, ações educativas e atividades culturais, o MHN busca contribuir para o fortalecimento da identidade nacional e o reconhecimento da diversidade que compõe o patrimônio histórico e cultural do país.

A Coleção Zaira Trindade, incorporada ao acervo do Museu Histórico Nacional em 25 de junho de 1999, é composta por artefatos e vestimentas da religião de matriz africana, de raiz jeje. A coleção reflete a riqueza simbólica e espiritual das tradições afro-brasileiras, revelando aspectos da devoção e da prática religiosa de seus adeptos. Sabe-se que Zaira Trindade era neta espiritual de Zezinho da Boa Viagem, babalorixá de Nova Iguaçu (RJ) e filho de Tata Fomotinho, do jeje Cejá Hundê, linhagem tradicional do candomblé jeje. A presença dessa coleção no MHN contribui para o reconhecimento da importância das religiões de matriz africana na formação cultural do Brasil, integrando a política museológica de valorização da diversidade e da memória afro-brasileira.



Indumentária de Iemanjá na cor branca em cetim, bordado e tule rendado. Conjunto composto por uma saia, três anágua, uma faixa com cordão para prender no seio (singuê), um calçolão (andiô), um pano da costa, um atacá ou ofá e pano que envolve a cabeça (ojá). Fotografia de Jaime Acioli.

-  Praça Marechal Âncora, s/n - Centro - Rio de Janeiro - RJ, 20021-200
-  mhn@museus.gov.br / mhn.reservatecnica@museus.gov.br
-  <https://mhn.museus.gov.br/>
-  [@museuhistoriconacional](https://www.instagram.com/museuhistoriconacional)
-  [Museu Histórico Nacional](https://www.facebook.com/museuhistoriconacional)
-  [Museu Histórico Nacional](https://www.youtube.com/museuhistoriconacional)
-  [museuhistoriconacional](https://www.twitter.com/museuhistoriconacional)

Museu Memorial Iyá Davina

O Museu Memorial Iyá Davina foi criado em 1997 por Mãe Meninazinha de Oxum, em homenagem à matriarca Iyá Davina de Omolu, configurando-se como o primeiro museu de seu gênero no estado do Rio de Janeiro. Localizado no município de São João de Meriti, o museu é mantido em articulação com a comunidade do terreiro Ilê Omolu Oxum e constitui uma das poucas iniciativas museológicas da região voltadas à preservação da memória dos povos de matriz africana. Desde sua criação, o espaço atrai comunidades tradicionais de terreiros, estudantes, pesquisadores e visitantes interessados na cultura afro-brasileira.

A instituição nasceu do desejo de Mãe Meninazinha de Oxum de preservar a história e a memória de sua linhagem religiosa e familiar, tomando como ponto de partida o banco de madeira pertencente à sua avó. Seu objetivo é assegurar a salvaguarda e a continuidade desse legado, fortalecendo o reconhecimento e o respeito à história do candomblé e à trajetória da família de axé. O museu se consolidou como espaço de memória, resistência e afirmação cultural, contribuindo para que essa história seja contada pelos próprios detentores da tradição de terreiro e desta forma, não seja apagada ou distorcida.

O acervo reúne mais de 200 itens inventariados com a participação da comunidade, incluindo objetos sagrados, peças de uso cotidiano, fotografias e documentos históricos. Esses elementos constituem uma coleção que permite construir uma narrativa sobre o deslocamento de tradições do candomblé da Bahia para o Rio de Janeiro no início do século XX, a formação dos primeiros terreiros e rodas de samba na Região Portuária e a posterior consolidação de núcleos de resistência cultural na Baixada Fluminense. A comunicação do acervo se dá por meio de exposição permanente, mediação com o público e publicação de materiais, tornando-se referência para outras iniciativas no país que buscam fortalecer a memória do povo de terreiro.



Abebé de Oxum da Tia Esmeralda
Metal
Terreiro da Casa-Grande de Mesquita (RJ)
(1942)

- 📍 Rua General Olímpio da Fonseca, 380 - São Mateus - São João de Meriti (RJ), 25530-140
- ✉️ ileomoluoxum@gmail.com
- 🌐 <https://ileomolueoxum.org/>
- 👤 [@ileomoluoxum](https://www.instagram.com/@ileomoluoxum)
- 👤 [Ilê Omolu Oxum](https://www.facebook.com/IleOmoluOxum)
- 🎥 [Ilê Omolu Oxum](https://www.youtube.com/IleOmoluOxum)

Museu Nacional/UFRJ

O Museu Nacional é uma instituição bicentenária, criada em 1818 por D. João VI. Trata-se do primeiro museu do Brasil e da América Latina. Na década de 1940 tornou-se um museu universitário vinculado à Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente encontra-se em processo de reconstrução em razão do grande incêndio que o atingiu no ano de 2018.

Desde sua fundação, o Museu Nacional tem tido atuação pioneira na formação das ciências naturais e antropológicas, dentro dos múltiplos esforços institucionais de desenvolvimento de uma ciência brasileira. Uma das características dos chamados museus de história natural, seu modelo inicial, é a de que neles vigorava o estímulo à pesquisa e ao trabalho de campo. Por essa especificidade, o Museu Nacional se tornou um centro polarizador de pesquisadores nacionais e estrangeiros que aqui se sediavam para a organização de suas expedições, propiciando a acumulação de um extenso acervo sobre a diversidade cultural brasileira, fruto de múltiplos encontros entre colecionadores, cientistas, líderes, artesãos e artesãs de diversos povos e regiões do Brasil e do mundo.

O Setor de Etnologia e Etnografia do Departamento de Antropologia (SEE/DA) é o responsável pela guarda das coleções etnográficas do Museu Nacional. No processo de reconstrução da instituição, parcerias tem sido feitas com comunidades quilombolas e de terreiro a fim de recompor o acervo etnográfico de modo participativo, reparar silenciamentos históricos decorridos do espaço museológico, apoiar as políticas de memória das comunidades de origem e construir no Museu Nacional/ UFRJ um patrimônio nacional de memórias vivas.



Representação de Xangô. Década de 1880. Rio de Janeiro. Apreensão da polícia. Desaparecido no incêndio de 2018. Imagem: Roosevelt Mota/ Acervo SEE/DA

-  Av. Bartolomeu de Gusmão, s/n – Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro - RJ, 20942-040
-  see@mn.ufrj.br
-  <https://www.museunacional.ufrj.br/>
-  [@museunacionalufrj](https://www.instagram.com/museunacionalufrj)
-  [Museu Nacional UFRJ](https://www.facebook.com/museunacionalufrj)
-  [Museu Nacional UFRJ](https://www.youtube.com/museunacionalufrj)
-  [@MuseuNacional](https://twitter.com/MuseuNacional)

Museu Vivo Olga do Alaketu

Fundado em 13 de maio de 2024, o Museu Vivo Olga do Alaketu tem como propósito preservar a memória ancestral das tradições religiosas afro-indígenas matriarcais, contemplando a aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Suas visitações atendem ao turismo étnico-cultural, além de escolas, pesquisadores, acadêmicos, jornalistas e à imprensa em geral.

A proposta do museu se baseia nas pedagogias africana e indígena, que partem do aprendizado pela corporalidade, da cognição estimulada pela visualização, pela oralidade e pelo contato. Dessa forma, o Museu Vivo Olga do Alaketu apresenta elementos da natureza como parte da cosmologia africana e indígena e possibilita que o visitante vivencie as tradições e compreenda seus significados de maneira direta e sensível, através da visita guiada.

O museu possui um acervo vivo inserido nas tradições afro-indígenas, composto por 65 árvores ancestrais, imagens e instrumentos religiosos, além das casas de cada Orixá, como Ogum (ligado à agricultura), as Yabás (ligadas às práticas do feminino e maternidade), Omolu e Obaluaê (relacionados à medicina) e Oxalá (representante da paz), entre outros. Por se tratar de um museu vivo, o acervo se integra às cerimônias da casa, aos assentamentos dos Orixás, aos cuidados com as tradições afro-religiosas e à própria natureza presente no terreiro.



Fotografias do gongá de umbanda, com imagens de caboclos, caboclas, pretos e pretas velhas, algumas com mais de cem anos. Arquivo institucional.

-  R. José Monteiro, 21 - Campo Lindo, Seropédica - RJ, 23890-000
-  casadoperdao@casadoperdao.com.br
-  @casadoperdao / @matriarcadodeyamaeflavia

MuseUmbanda

O MuseUmbanda é uma iniciativa voltada à patrimonialização e difusão do acervo da Umbanda em todo o Brasil, promovendo o reconhecimento e valorização dessa tradição religiosa como parte fundamental da cultura brasileira. O projeto foi lançado em 20 de novembro de 2022, como parte integrante da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ), e nasceu do desejo coletivo de reunir, preservar e divulgar a memória da Umbanda por meio de práticas museológicas colaborativas e inclusivas. Desde sua criação, o MuseUmbanda atua de forma virtual, constituindo-se como um museu digital acessível a diferentes públicos, dentro e fora do país.

A missão do MuseUmbanda é preservar, valorizar e difundir o patrimônio material e imaterial da Umbanda, reafirmando sua importância histórica, cultural e espiritual. O museu tem como objetivo fortalecer a identidade umbandista, promover o diálogo inter-religioso e contribuir para o combate ao preconceito e à intolerância religiosa. Através de ações educativas, exposições virtuais e compartilhamento de acervos e narrativas de comunidades e terreiros, o MuseUmbanda busca estimular o reconhecimento público e institucional da Umbanda como patrimônio cultural brasileiro, apoiando-se nos princípios da museologia social e da gestão participativa da memória.

O acervo do MuseUmbanda, em constante ampliação, é composto por imagens, documentos, depoimentos orais, objetos rituais e registros audiovisuais relacionados à história da Umbanda, seus templos, lideranças e práticas sagradas em diferentes regiões do país. A plataforma digital abriga exposições virtuais temáticas, que apresentam elementos simbólicos, litúrgicos e musicais da religião, além de projetos colaborativos com comunidades tradicionais e pesquisadores. O caráter aberto e participativo do museu permite que terreiros, casas de culto e coleções particulares contribuam para a formação do acervo, consolidando o MuseUmbanda como um espaço de memória viva, resistência e valorização da religiosidade afro-brasileira.



Lançamento do MuseUmbanda no Teatro Municipal de São Gonçalo.



R. Dr. Pio Borges, 2181 - C2 - Pita São Gonçalo - RJ, 24412-000



museumbanda@gmail.com



www.museumbanda.mus.br



[MuseUmbanda](https://www.youtube.com/c/MuseUmbanda)

Universidade Federal Fluminense | Coleção Estudos Africanos

A Coleção Estudos Africanos, incorporada à UFF em 2016, pertenceu ao professor José Maria Nunes Pereira (1937-2015), intelectual de referência nos estudos africanos no Brasil. Nascido em São Luís (MA), viveu em Portugal entre 1947 e 1962, período em que teve contato com os movimentos de libertação das então colônias portuguesas na África. Após retornar ao Brasil, graduou-se em Ciências Sociais pela UFF (1972) e foi um dos fundadores, em 1973, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, marco institucional nos estudos sobre a África e suas relações com o Brasil.

No CEAA, atuou como professor de História da África e editor da Revista Estudos Afro-Asiáticos entre 1978 e 1986, contribuindo para a consolidação de uma produção acadêmica crítica sobre processos históricos, políticos e culturais do continente africano. Sua trajetória acadêmica dialoga diretamente com sua militância intelectual: no mestrado em Sociologia (USP, 1991), estudou a história e atuação do próprio CEAA, na dissertação "Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973-1986)". No doutorado (USP, 1999), investigou a política externa angolana pós-independência, na tese "Angola: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)".

A coleção reúne livros, periódicos, folhetos, materiais de congressos e eventos, além de outros documentos relacionados a diferentes temas sobre os países africanos. Seu valor está tanto na amplitude temática quanto no papel que desempenha no reconhecimento de trajetórias intelectuais negras e das redes de circulação de saberes entre África e Brasil, constituindo um conjunto significativo para pesquisas dedicadas às histórias, políticas, culturas e epistemologias africanas.



Detalhe da estanteria da Coleção Estudos Africanos. Arquivo Pessoal.



Biblioteca Central Campus do Gragoatá - R. Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n - São Domingos, Niterói - RJ, 24210-2011



bcg.sdc@id.uff.br



<https://www.uff.br/setor/biblioteca-central-do-gragoata>



[@bcg.sdc.uff](https://www.instagram.com/bcg.sdc.uff)

SÃO PAULO



Acervo Cultural Afro-brasileiro “Maria Esméria” - ACAFRO

Desde 1984, o ACAFRO/Acervo Cultural Afro-brasileiro “Maria Esméria” reúne um histórico de pesquisas e manifestações do Movimento Negro e de mulheres negras paulistas voltadas ao desenvolvimento social, especialmente ao diálogo com os setores institucionais na capital e no interior do estado de São Paulo. Localizado no município de Araras (SP), o acervo é resultado de décadas de atuação militante, educativa e cultural, tornando-se uma importante referência regional e estadual na preservação e difusão da memória afro-brasileira. A instituição atua de forma autônoma e comunitária, mantendo-se ativa há mais de quatro décadas.

A missão do ACAFRO é preservar, valorizar e difundir a história e a cultura afro-brasileira, fortalecendo a identidade e a memória coletiva da população negra. Por meio de ações educativas, culturais e de pesquisa, a instituição busca promover o reconhecimento das contribuições do povo negro para a formação da sociedade brasileira, combater o racismo e incentivar práticas de inclusão e justiça social.

O acervo é composto por objetos, fotografias, documentos, certidões e registros diversos, que retratam a trajetória de lideranças, movimentos e manifestações culturais afro-brasileiras. A temática abrange o Movimento Negro e as ações de mulheres negras paulistas, com destaque para experiências de organização social, religiosa, artística e política. Além da preservação documental, o ACAFRO desenvolve projetos de comunicação e educação patrimonial, como o Projeto Zumbi nas Escolas (desde 1992), o Memorial Afro-brasileiro, o Concurso Beleza Negra, o Cortejo Águas de Oxalá e o Festival Kizomba, que promovem o diálogo entre memória, arte e cidadania. Essas iniciativas reforçam o papel do acervo como um espaço de memória viva e de transformação social.



“31º Cortejo Águas de Oxalá em Araras/SP (OBS: Sou Membro Fundadora do Evento/Neuza Maria)

-  R. Sérgio Henrique Cardoso, 74 - Jardim Costa Verde, Araras -SP, 13606233
-  acafroararas@hotmail.com
-  www.acafroararas.wordpress.com
-  [@neuzaacafroararas](https://www.instagram.com/@neuzaacafroararas)
-  [@neuza.maria.acafro.araras](https://www.facebook.com/@neuza.maria.acafro.araras)

Arquivo Público do Estado de São Paulo | Programa Presença Negra no Arquivo

O programa “Presença Negra no Arquivo” tem como objetivo explorar e destacar a história e a contribuição da população negra no Brasil, a partir de ações de difusão, educação e pesquisa. Suas atividades promovem uma reflexão sobre a história das relações raciais no país, incentivando a preservação da memória da população negra em ambientes de guarda documental e ampliando o conhecimento sobre sua presença nos arquivos do Estado de São Paulo.

O programa desenvolve projetos expográficos personalizados, exposições itinerantes, oficinas práticas e educativas, além de oferecer acompanhamento técnico para públicos interessados em práticas arquivísticas, coleções pessoais e acervos de interesse cultural. Também promove publicações, conteúdos, debates, eventos acadêmicos, podcasts, transmissões on-line e ações de preservação com reconhecimento internacional, como prêmios, selos e chancelas.

No final de 2023, o Arquivo do Estado inaugurou a exposição temporária “Presença Negra no Arquivo”, ainda em cartaz, composta majoritariamente por reproduções fotográficas fac-similares de documentos históricos dos séculos XVIII ao XX. Esses registros destacam lutas da população negra por liberdade, justiça e igualdade, abordando fugas, quilombos, batalhas jurídicas, resistência cotidiana e, no pós-abolição, a imprensa negra e a afirmação da população negra na construção da nacionalidade brasileira. Para ilustrar essa trajetória, o acervo expográfico destaca figuras como o arquiteto Thebas, a escravizada Teodora, o advogado abolicionista Luiz Gama, os engenheiros Theodoro Sampaio e José Pereira Rebouças, e a escritora Carolina Maria de Jesus.



Registro da obra “Eu amanuense que escrevi...”, do artista Diego Rimaos, de 2025. Fotografia de Ranni Marcondes.



R. Voluntários da Pátria, 596 - Santana, São Paulo - SP, 02010-000



(11) 2868-4500 / (11) 2868-4541



acaoeducativa@arquivoestado.sp.gov.br



arquivoestado.sp.gov.br / <https://my.matterport.com/show/?m=wanjv2tc8jf>



@arquivoestadosp



[arquivopublicosp](https://www.youtube.com/user/arquivopublicosp)

Asè Alaketù Ilè Ogun

O Asè Alaketù Ilè Ogun, fundado em 1972 por Pai Tonhão de Ogun e atualmente sob a liderança da Ìyálórisà Emanuela de Sàngó, é uma tradicional casa de Candomblé da nação Ketu localizada em Santo André (SP). Há mais de 50 anos, permanece como referência religiosa e comunitária na região.

Ao longo de sua trajetória, a casa cumpre o papel de preservar a cultura de matriz africana, promover a espiritualidade, fortalecer a educação, garantir o acolhimento comunitário e combater a intolerância religiosa, consolidando-se como espaço de resistência, inclusão e valorização da ancestralidade afro-brasileira.

O acervo do Asè Alaketù Ilè Ogun se expressa em suas práticas de culto, nos saberes transmitidos entre gerações e na preservação da ancestralidade, configurando-se como patrimônio vivo compartilhado pela comunidade e fundamental para a continuidade das tradições da nação Ketu.



Asè Alaketù Ilè Ogun

📍 Av. Ampére, 77 – Jardim do Estádio, Santo André - SP, 09172-210

🔗 [@asealaketuleogun](https://www.instagram.com/@asealaketuleogun)

🔗 [AseAlaketulleOgun](https://www.facebook.com/AseAlaketulleOgun)

Associação Beneficente Cultural e Religiosa Casa de Culto Afro Brasileiro Ilê Asé Sobo Oba Àrirá

O Ilê Asé Sobo Oba Àrirá é uma tradicional Casa de Culto Afro-Brasileiro do Candomblé, fundada em 12 de janeiro de 1987 na cidade de Santos (SP). Liderado pelo Babalorisá Marcelo de Ologunédé, que também atua como ministro religioso, o Ilê configura-se como uma Associação Beneficente, Cultural e Religiosa. Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como um importante pólo de resistência cultural, social e religiosa, reconhecido nacionalmente por sua atuação em defesa das religiões de matriz africana.

A casa tem papel ativo na promoção da igualdade racial, participando de espaços como o Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra e de Promoção da Igualdade Racial de Santos. Suas ações fortalecem a identidade negra, combatem o racismo e defendem a liberdade de culto, articulando-se politicamente e socialmente em prol da comunidade. O Ilê também promove atividades culturais e rituais que celebram a ancestralidade, contribuindo para a preservação das tradições do Candomblé e para a difusão da cultura afro-brasileira na região.

Entre suas principais iniciativas está a organização da Procissão de Iemanjá em Santos, reconhecida como Patrimônio Imaterial e Cultural do município, uma das mais importantes celebrações religiosas da cidade. O terreiro também idealizou e viabilizou a instalação da Estátua de Iemanjá na orla santista, inaugurada em 2 de fevereiro de 2021, consolidando um marco simbólico para o Candomblé e a Umbanda. Assim, o Ilê Asé Sobo Oba Àrirá se afirma como espaço de fé, resistência e articulação cultural, sendo referência para a Baixada Santista e para o movimento negro. O Ilê recebeu do Ministério da Cultura e certificado de Pontão de Cultura no ano de 2024, devido suas ações culturais, em prol da Cultura Viva no Brasil.



Associação Beneficente Cultural e Religiosa Casa de Culto Afro Brasileiro Ilê Asé Sobo Oba Àrirá (Fundação 12/01/1987). Acervo pessoal.

- R. Otávio Correa, 64, Estuário, Santos - SP, 11025-230
- (13) 3271-7051
- culturaafroilease@gmail.com
- @paimarcelooficial / procissaoideiemanjaoficial
- @youtubepaimarcelo

Associação Cultural Cachuera!

A Associação Cultural Cachuera! desenvolve, desde 1988, pesquisas e registros realizados em diversas regiões do Brasil, com ênfase nas manifestações afro-brasileiras da região Sudeste. Seu acervo é resultado direto dessa atividade continuada de documentação de música, dança, teatro, narrativas, entrevistas e depoimentos. Além do território nacional, o trabalho da associação inclui registros feitos em São Tomé e Príncipe, Cuba e Portugal. Em dezembro de 2024, o Ministério da Gestão e da Inovação de Interesse Público declarou o acervo da Associação Cachuera! como de interesse público e social.

A atuação da Associação Cultural Cachuera! tem como foco central o reconhecimento e a valorização das tradições orais de matriz centro-africana bantu. Seu trabalho busca evidenciar contribuições históricas, cosmológicas, filosóficas e culturais das tradições banto-brasileiras, frequentemente menos consideradas nos estudos afro-brasileiros quando comparadas às vertentes jeje-nagô. Ao registrar manifestações em diferentes localidades, o acervo possibilita a compreensão da diversidade e de elementos estruturantes dessas tradições, fortalecendo a constituição de uma vertente epistêmica banto-brasileira.

O Acervo Cachuera! reúne 1.261 horas de som digital transcritas e indexadas, 10.000 fotografias e 876 horas de vídeo, todos mantidos em reserva técnica climatizada, além de registros ainda não contabilizados em plataformas digitais. Soma-se a esse conjunto uma discoteca, videoteca e biblioteca com cerca de 3.700 títulos dedicados aos estudos afro-brasileiros e africanos, sociologia, música, religião, arte popular e áreas relacionadas. A amplitude geográfica e temática do acervo permite múltiplas articulações de pesquisa e comunicação, destacando-se como um importante repositório de memória e prática cultural.



Grupos de Jongo em apresentação no Espaço Cachuera! Foto: Ana Angelotti



R. Monte Alegre, 1094 - Perdizes São Paulo - SP, 05014-001



(11) 3872-8113



cachuera@cachuera.org.br



@accachuera



@cachuera



youtube.com/associacaocachuera

Baixada do Glicério Viva Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental

A iniciativa Baixada do Glicério Viva – Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental, criada em novembro de 2022, atua na região da Baixada do Glicério/Liberdade, área central de São Paulo reconhecida como a primeira periferia da cidade. O projeto surge da reflexão sobre o silenciamento das histórias de populações negras, indígenas, afro-caribenhas em diáspora, migrantes, imigrantes e nordestinas que ocuparam a várzea do rio Tamanduateí desde o século XIX. Por ser uma área de pouco interesse das elites, o território abrigou escolas de samba, terreiros, futebol de várzea e bailes populares, além de práticas como batuques, samba de umbigada, jongo e cosmologias ligadas à natureza e às encruzilhadas. Entre suas referências estão o Morro do Piolho, o Centro Cultural Palmares, a Frente Negra Brasileira e a Escola de Samba Lavapés, mais antiga de São Paulo.

A missão do projeto é valorizar a memória e as expressões culturais dessas populações, fortalecendo o reconhecimento da Baixada do Glicério como território ancestral e de resistência. Atua com foco em educação patrimonial e ambiental, direitos humanos e reparação histórica, promovendo ações formativas e comunitárias em parceria com organizações como o Centro de Estudos de Cultura da Guiné, a União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH), a Soweto Organização Negra, a UCRAN - União dos Cantadores, Cordelistas, Repentistas e Apologistas do Nordeste e o Batuq do Glicério.

O acervo digital, comunitário e colaborativo reúne pesquisas documentais, historiográficas e etnográficas sobre territorialidade negra, memória social e religiosidades afro-indígenas. Inclui histórias de vida, registros de práticas culturais como os encontros Krik Krak! (USIH), o Cordel, o Repente, a Queima das Flores realizada por rezadeiras da Paraíba (UCRAN), além de instrumentos, roupas, máscaras, música, dança e performance da Guiné Conacri. O projeto também colabora na elaboração de cartografia social, etnografia, guias, consultorias, caminhadas educativas e formação de educadores.



Placa da Memória Paulista com informações das Cinco Esquinas.
Imagem: Paulo César



baixadadoglicerioviva@gmail.com



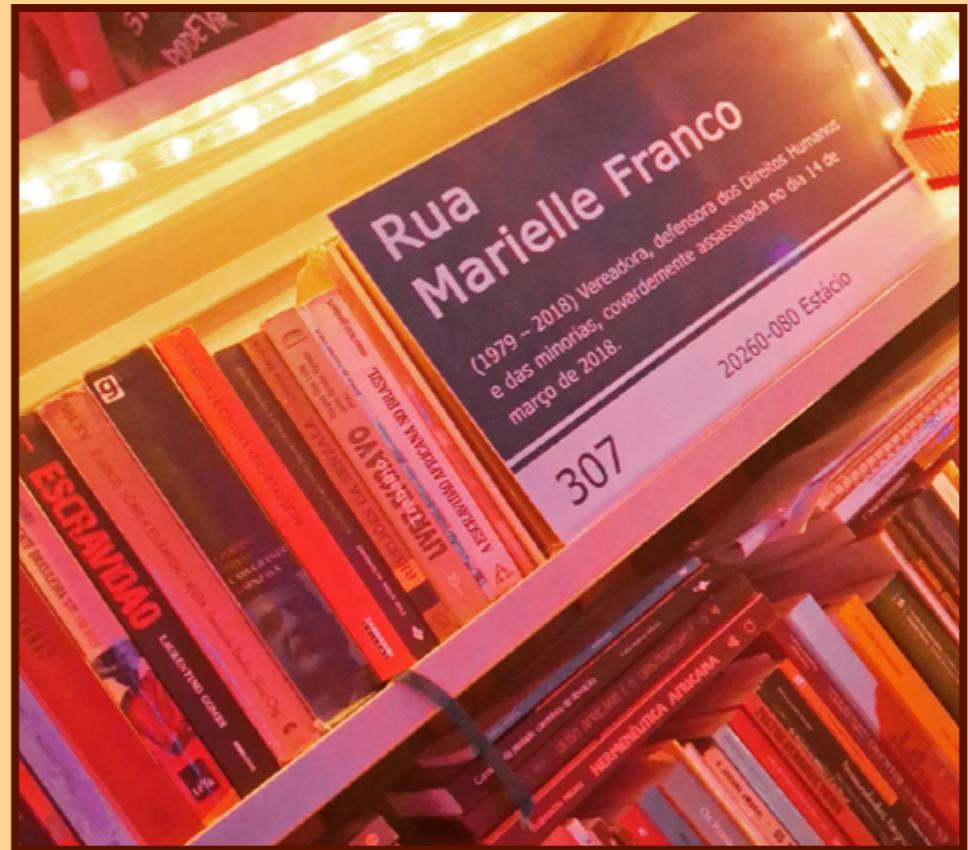
[@baixadadoglicerioviva](https://www.instagram.com/@baixadadoglicerioviva)

Biblioteca Afrocentrada do Estúdio Consciente

A Biblioteca Afrocentrada do Estúdio Consciente foi criada em 2021, na zona rural de Santa Isabel, interior de São Paulo. Idealizada por Cynthia Mariah, fundadora e residente do Estúdio Consciente, a iniciativa nasceu como um espaço independente voltado à preservação e valorização dos saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros, integrando-se às ações culturais e educativas desenvolvidas no território rural.

A Biblioteca tem como missão proteger, difundir e manter vivos os saberes e fazeres ancestrais, fortalecendo a memória e a identidade afro-diaspórica. O espaço busca promover a educação antirracista, o acesso à leitura e o reconhecimento das produções intelectuais e culturais de matriz africana, atuando como um centro de referência comunitário voltado à valorização da herança cultural negra.

O acervo da Biblioteca Afrocentrada reúne livros, catálogos, quadrinhos e outras publicações que abordam as culturas africanas, afro-brasileira e afro-diaspóricas. Entre os materiais, destacam-se algumas raridades que narram trajetórias, saberes e tradições de resistência e ancestralidade. A comunicação com o público se dá por meio de ações educativas, rodas de leitura e atividades culturais que estimulam o diálogo entre memória, território e identidade.



Arquivo pessoal

- 📍 Estrada do Pouso Alegre, 77, Santa Isabel-SP, 07500-000
- 📞 11 98300-7614
- ✉️ estudioconscienteagrocultural@gmail.com
- 🌐 <https://turismo.santaisabel.sp.gov.br/listing/estudio-consciente/>
- 👤 [@estudio_consciente](https://www.instagram.com/@estudio_consciente)

Casa Mário de Andrade

A Casa Mário de Andrade é uma instituição museológica pública vinculada à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e gerida pelo Instituto POIESIS. Criada para preservar e difundir o legado de Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), ocupa a casa onde o escritor viveu e produziu grande parte de sua obra. Poeta, romancista, ensaísta, musicólogo e formulador de políticas culturais, Mário foi um dos líderes do Modernismo de 1922 e precursor na valorização das culturas populares brasileiras.

A missão da Casa é promover pesquisa, preservação e difusão do pensamento, da obra e legado do intelectual, estimulando diálogos sobre memória, identidade e patrimônio. Nesse percurso, destaca-se o reconhecimento de Mário como homem negro, nascido poucos anos após a abolição da escravidão, cujas dimensões raciais de sua trajetória foram silenciadas por décadas. A instituição busca ampliar essa compreensão por meio de ações culturais, educativas e expositivas que aproximem sua produção intelectual das histórias e contribuições afro-brasileiras.

O museu reúne objetos pessoais, mobiliário, documentos e fotografias relacionadas ao escritor, além de abrigar um programa permanente de pesquisa voltado ao referenciamento de fontes sobre sua vida e obra. A questão racial é um de seus eixos estruturantes e, em 2025, a Casa realiza sua primeira bolsa de pesquisa dedicada à identificação e análise de materiais sobre história e cultura negra presentes no acervo pessoal de Mário, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP). A iniciativa subsidia futuras exposições, ações educativas e políticas de preservação, reafirmando o compromisso da instituição com a pluralidade da memória cultural brasileira.



Bateria da Mocidade Alegre na abertura da exposição "Eu mesmo, Carnaval". João Kalu, 2024

- R. Lopes Chaves, 546 - Barra Funda, São Paulo - SP, 01154-010
- (11) 3900-4273
- contato@casamariodeandrade.org.br
- <https://www.casamariodeandrade.org.br/>
- @museucasamariodeandrade
- CasaMariodeAndrade
- https://www.youtube.com/channel/UCgqOTnA7b1NjPOQ_eAoggzg
- <https://twitter.com/museucasamario>

Casa Museu Ema Klabin

A Casa Museu Ema Klabin é uma instituição privada, sem fins lucrativos, que tem como missão a salvaguarda, pesquisa e difusão do acervo reunido por Ema Gordon Klabin em vida. Dedicada à preservação da coleção e das memórias de sua colecionadora, a instituição tem por objetivo a promoção e divulgação de atividades de caráter cultural, artístico e científico, a partir da transformação de sua residência em um museu aberto à visitação pública.

Nascida em 1907, filha de imigrantes lituanos vindos para o Brasil no final do século XIX, Ema Gordon Klabin foi empresária, colecionadora e filantropa com grande atuação na vida cultural da cidade de São Paulo, na participação em conselhos de instituições culturais, promoção de artistas e participação em leilões benéficos. A coleção da instituição reúne cerca de 15 mil itens, somando os acervos museológico, arquivístico e bibliográfico, que incluem pinturas, esculturas, mobiliários, objetos decorativos, fotografias e documentos, de diversas origens, períodos e tipologias.

O núcleo da Coleção de Arte Africana é formado por esculturas, máscaras e objetos rituais provenientes da costa ocidental e região central do continente africano, tendo o primeiro registro de aquisição datado da década de 1950. As 16 peças que constituem a coleção possuem representações de Orixás e de suas ferramentas, como Ibeji e Oxês de Xangô.

Dentro da Coleção de Arte Brasileira até 1900, destacam-se peças do Barroco brasileiro de autoria de Mestre Valentim da Fonseca e Silva, datadas do século XIX, como fragmentos de talhas, colunas, sanefas e placas misulares. As peças eram pertencentes à Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Rio de Janeiro, que foi demolida na Era Vargas, em 1943, para a abertura da Avenida Presidente Vargas.

No núcleo de Prataria da instituição, destaca-se ainda a penca de balangandãs, joia de crioula de origem baiana, datada do século XIX, contendo 26 berloques em prata, ouro, osso e madeira, referentes às cosmologias africanas e afro-brasileiras como frutas, figas, chaves e objetos religiosos.



Vestíbulo do Quarto Principal, 1989. Foto: Rômulo Fialdini/Arquivo Ema Klabin



R. Portugal, 43 - Jardim Europa, São Paulo, SP, 01446-020



(11) 3897-3232



museologia@emaklabin.org.br



<https://emaklabin.org.br/>



[@emaklabin](https://www.instagram.com/@emaklabin)



[casamuseuemaklabin](https://www.facebook.com/casamuseuemaklabin)



[EmaKlabin](https://www.youtube.com/EmaKlabin)

Casa Sueli Carneiro

A Casa Sueli Carneiro é uma instituição negra dedicada à continuidade e à expansão do legado ativista -político -intelectual de Sueli Carneiro, bem como das trajetórias do movimento de mulheres negras e do movimento negro brasileiro. Atuamos na valorização e difusão da memória negra, na produção cultural e educacional, e na construção de estratégias de incidência política visando fortalecer coletivos, organizações e territórios negros.

Aberta ao público desde junho de 2024, a instituição localiza-se no mesmo imóvel que durante 40 anos foi residência da filósofa e ativista. Adaptada e transformada em território vivo, a Casa Sueli Carneiro é um espaço de criação, circulação e articulação de saberes e práticas que reafirmam a centralidade da população negra na construção de justiça e democracia.

A organização do acervo teve início em setembro de 2021 e em 2025 é composto por mais de 4.000 documentos, livros e registros acumulados ao longo da trajetória de Sueli Carneiro, servindo de apoio a pesquisas e à ampliação do entendimento da obra da filósofa e sua história na militância desde os anos 1970.

Disponível em formatos digital e presencial, o acervo funciona como fonte de pesquisa e instrumento de formação. Todo o processo de organização segue as diretrizes de Sueli Carneiro e de sua família, envolvendo a formação de profissionais negras em práticas arquivísticas e contribuindo para o fortalecimento de outras iniciativas de memória dos movimentos negros brasileiros.



Capa da revista Caros amigos. Imagem: Acervo Sueli Carneiro

- 📍 R. Professora Gioconda Mussolini, 259 – Jardim Rizzo, São Paulo, SP, 05587-120
- ✉️ visitasmediadas@casasuelicarneiro.org.br
acervosuelicarneiro@casasuelicarneiro.org.br
- 🌐 <https://casasuelicarneiro.org.br/>
- ଓ [@casasuelicarneiro](https://www.youtube.com/channel/UChUbBD2a2II4csGET06Jp00)
- ▶ <https://www.youtube.com/channel/UChUbBD2a2II4csGET06Jp00>

Centro Cultural São Paulo | Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga

O Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga está localizado no Centro Cultural São Paulo (CCSP), ligado à Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa. Sua origem remonta ao projeto de Mário de Andrade, que em 1935 criou a Discoteca Pública Municipal para subsidiar a Rádio-Escola. Sob direção de Oneyda Alvarenga, até o final dos anos 1960, a instituição destacou-se na preservação de culturas populares brasileiras, realizando registros sonoros, fotográficos e audiovisuais em diversas regiões do país, com ênfase em manifestações afro-brasileiras e indígenas. Entre suas ações de maior relevância está a Missão de Pesquisas Folclóricas (1938), dedicada à documentação de práticas culturais e religiosas do Norte e Nordeste.

Desde sua criação, a Discoteca assumiu o compromisso de preservar, organizar e difundir registros da cultura popular e tradicional, contribuindo para o entendimento da diversidade cultural do país. Seu acervo consolidou-se como referência em memória musical e etnográfica, resultado do trabalho pioneiro de Oneyda Alvarenga na conservação e sistematização dos materiais coletados.

O acervo reúne mais de 1.200 artefatos, 1.300 fotografias, mais de 30 horas de gravações musicais (cerca de 1.500 fonogramas), aproximadamente 20 mil documentos textuais e filmes sobre manifestações culturais. Entre suas coleções de destaque estão o Fundo Sociedade de Etnografia e Folclore; a Coleção do 2º Congresso Afro-Brasileiro (1937); o Arquivo da Palavra; gravações de Música Erudita; estudos folclóricos do Concurso Mário de Andrade de Monografias (1946-1975); e o Fundo Discoteca Pública Municipal.

Em 2005, o acervo foi tombado pelo IPHAN e, em 2009, a documentação da Missão de Pesquisas Folclóricas foi registrada no Programa Memória do Mundo da UNESCO, garantindo sua preservação e difusão como patrimônio cultural. Embora esteja fisicamente no CCSP, desde 2010 o acervo da chamada "Missão de Mário de Andrade" está oficialmente vinculado ao Pavilhão das Culturas Brasileiras e encontra-se em processo de tombamento pelo Condephaat.



Babassuê de Sátiro Ferreira de Barros, Belém (PA). Fotógrafo: Luís Saia.



R. Vergueiro, 1000, Paraíso, São Paulo - SP, 01504-000



(11) 3397-4071



acervohistorico@prefeitura.sp.gov.br



<https://acervoccsp.art.br/>



@ccspoficial



https://www.youtube.com/channel/UCY-qOo_OsPxIFce2qlhpZg

Centro Cultural Tobias Terceiro | Projeto Memórias populares de Bauru

O Centro Cultural Tobias Terceiro atua há 11 anos na cidade de Bauru com foco na valorização da cultura popular brasileira, especialmente nas dimensões afroasiáticas e ameríndias da região. Criado a partir da trajetória do comunicador e radialista Tobias Ferreira Gomes, fundador da primeira rádio FM da cidade e criador do prêmio Tamborim de Ouro, o Centro mantém viva sua contribuição à cultura local por meio de ações de registro, difusão e pesquisa. Dando continuidade ao legado do pai, Tobias Ferreira Gomes Filho ampliou a atuação da instituição com o programa Casa de Bamba, que acompanhava o Carnaval de Bauru e consolidou a memória das manifestações culturais da cidade e do interior paulista.

Atualmente, Tobias Terceiro, seu neto, coordena o Centro que possui como missão preservar, difundir e promover o patrimônio cultural popular de Bauru e região, articulando memórias, oralidades e expressões afro-brasileiras e indígenas. Atua com um olhar afrocentrado e decolonial, estimulando o acesso democrático à cultura e o fortalecimento das narrativas locais por meio de múltiplas linguagens artísticas e comunicacionais.

O principal acervo da instituição é resultado do projeto Memórias Populares de Bauru (2025), que reúne fotografias, vídeos, matérias jornalísticas, depoimentos orais e registros de personalidades, coletivos, eventos e instituições que contribuíram para a formação da identidade cultural da cidade. Entre os conjuntos documentais de destaque está o recorte Memórias do Carnaval de Bauru (2023-2024), composto por fotografias, sambas, matérias de jornal, vídeos e entrevistas que registram a história do Carnaval local desde o início do século XX. O acervo, de caráter híbrido, é formado por produções de Tobias Ferreira Gomes e Tobias Ferreira Gomes Filho, que documentaram a vida cultural da cidade, as expressões musicais e as manifestações populares, constituindo uma importante fonte de pesquisa sobre a memória afro-brasileira e ameríndia no interior paulista.



Concurso Beleza Negra, Clube Icaraí. Arquivo institucional.

-  Rua Pedro Fernandes, 9-05, Jardim Ferraz, CEP 17056-140.
-  centroculturaltobiasterceiro@gmail.com
-  <https://memoriasdocarnavaldebauru.com.br/>
-  [Centro Cultural Tobias Terceiro / Memórias do Carnaval de Bauru](#)
-  [Centro Cultural Tobias Terceiro / Memórias do Carnaval de Bauru](#)
-  [@CentroCulturalTobiasTerceiro](#)

Centro de Estudos da Cultura da Guiné

O Centro de Estudos da Cultura da Guiné (CECG) é um coletivo cultural fundada em 2016 por Abou Sidibe, artista originário da Guiné Conacri, e está localizado no bairro da Liberdade. O espaço surgiu com o objetivo de fortalecer a identidade africana e afro-brasileira a partir da valorização das práticas culturais e artísticas da Guiné. Além de desenvolver ações culturais, a Casa Liberdade, como também é conhecida, funciona como local de convivência e acolhimento para migrantes de diferentes nacionalidades, em especial de países africanos. O CECG atua há quase uma década como ponto de articulação comunitária, cultural e social no território.

A missão do CECG é consolidar-se como um ponto de cultura afro no bairro da Liberdade, promovendo diálogo, integração sociocultural e fortalecimento de vínculos comunitários por meio de atividades artístico-pedagógicas. A instituição desenvolve ações de assistência e apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade, acolhendo famílias migrantes e refugiadas e contribuindo para sua inserção social. Seu trabalho busca preservar a memória diáspórica africana, estimular a expressão artística e fomentar o pertencimento identitário e cultural.

O acervo do CECG se caracteriza principalmente por práticas culturais imateriais relacionadas à dança, percussão, oralidade, contação de histórias e tradições artísticas da Guiné Conacri. As ações são desenvolvidas por uma equipe de artistas guineanos residentes no espaço, que compartilham saberes por meio de oficinas, rodas culturais, apresentações, encontros comunitários e processos formativos. A comunicação do acervo ocorre de maneira viva e participativa, enfatizando a transmissão direta de conhecimentos, o fortalecimento da memória coletiva e o reconhecimento das identidades afro-diaspóricas no território.



Centro de Estudos da Cultura da Guiné: Museu Vivo na Baixada do Glicério
Foto: Rosseline Tavares



R. dos Estudantes, 279 - Liberdade, São Paulo - SP, 01505-000



centroculturaldaguineesp@gmail.com



[@centroculturaldaguine](https://www.instagram.com/centroculturaldaguine)



[@centroculturaldaguine9178](https://www.youtube.com/@centroculturaldaguine9178)

Centro de Memória Afro-americanense Dionysio de Campos

Criado em 2022, a partir da mobilização da Associação de Capoeira Motta e Cultura Afro (ACMCA) de Americana (SP), o Centro de Memória Afro-americanense Dionysio nasceu com o propósito de valorizar, preservar e difundir a história e a cultura afro-brasileira na região. Seu nome homenageia Dionysio de Campos, homem escravizado que viveu no território onde o centro está localizado, reconhecido como símbolo de resistência, ancestralidade e memória negra local. Administrado pela ACMCA, com o apoio de coletivos culturais, educadores e pesquisadores comprometidos com a luta antirracista, o Centro consolidou-se como um espaço comunitário de referência na preservação do patrimônio afro-brasileiro.

O Centro tem como missão preservar e difundir a memória, os saberes e as expressões culturais afro-brasileiras, fortalecendo a identidade negra e promovendo o reconhecimento das contribuições africanas e afrodescendentes na formação do Brasil. O espaço atua como lugar de educação, cultura e cidadania, promovendo ações que estimulam o diálogo intergeracional, a valorização das tradições afro-brasileiras e a construção de uma sociedade mais justa, plural e antirracista.

O acervo encontra-se em constante expansão e reúne uma ampla variedade de materiais: documentos, fotografias, obras de arte, registros orais, publicações, vestimentas tradicionais, objetos religiosos de matriz africana e instrumentos musicais. Destacam-se os tambores, alfaias e outros instrumentos utilizados em práticas culturais, além de materiais ligados aos mestres Besouro Nicomédio e Silvia Negrona, importantes referências da capoeira e das tradições afro-brasileiras da região. Grande parte do acervo é formada por doações de famílias, terreiros, grupos culturais e pesquisadores locais. O Centro promove exposições, rodas de conversa, oficinas e ações formativas voltadas a escolas, universidades e à comunidade em geral, afirmando-se como um espaço de fortalecimento identitário, reparação histórica e preservação da memória negra como patrimônio coletivo.



Acervo Centro de memória Afroamericanense Dionysio de Campos fotografia @luizdoblues



Av. Nicolau João Abdalla, 5005 - Vila Bertini, Americana - SP, 13473-625



@centrodememoriadionygio

Centro de Memória-Unicamp | Projeto Histórias Negras

O Centro de Memória-Unicamp (CMU) é uma instituição de referência na preservação e difusão da memória social, cultural e política de Campinas e região. Vinculado à Unicamp, o CMU desenvolve projetos voltados à documentação, pesquisa e divulgação de acervos históricos, promovendo o diálogo entre universidade e sociedade.

O projeto "Histórias Negras: registros orais para a desinvisibilização da presença negra em Campinas (1930-1970)", coordenado por Ana Cláudia Cermaria Berto, surgiu a partir da iniciativa da pesquisadora e colecionadora Maria da Glória Bardì, entusiasta da história e da preservação das memórias negras. A proposta visa coletar entrevistas orais e reunir acervos documentais de pessoas negras que viveram e atuaram ativamente na cidade de Campinas ao longo do século XX.

O projeto busca compreender e valorizar as experiências negras locais, ressaltando suas contribuições para a formação social, urbana e cultural da cidade. Além do registro e da salvaguarda dessas memórias, a iniciativa prevê a produção de exposições, documentários, podcasts e outros produtos culturais, ampliando o acesso público e fortalecendo o vínculo entre o CMU e a comunidade campineira.



Baile Pérola Negra no Teatro Municipal de Campinas. Campinas, SP. 4 de maio de 1957. Projeto Histórias Negras / Acervo CMU.

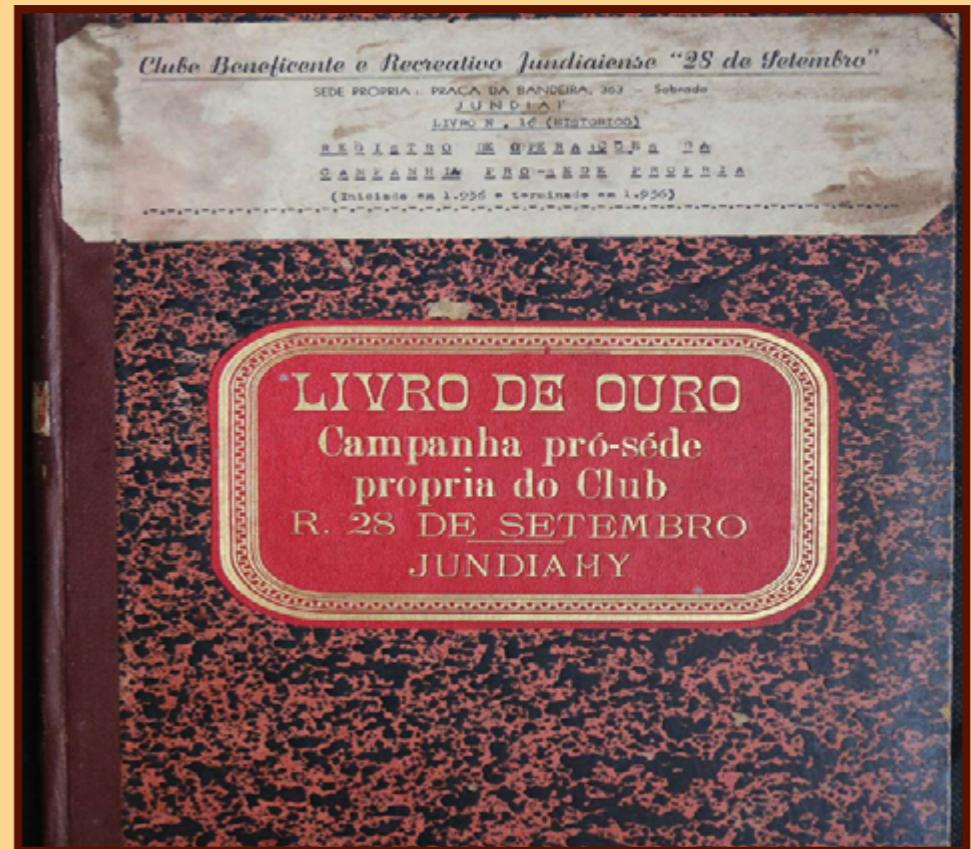
-  R. Sérgio Buarque de Holanda, 421, 3º Andar - Cidade Universitária. Barão Geraldo, Campinas - SP, 13083-859
-  cmemoria@unicamp.br
-  <https://www.cmu.unicamp.br/> | Portal Digital: <https://atom.cmu.unicamp.br/>
[Portal de Difusão: https://difusao.cmu.unicamp.br/](https://difusao.cmu.unicamp.br/)
-  [@centrodememoriaunicamp](https://www.instagram.com/centrodememoriaunicamp)
-  [CentroDeMemoria](https://www.facebook.com/centrodememoria)
-  [Centro de Memória - Unicamp](https://www.youtube.com/centrodememoria)

Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiaiense “28 de Setembro”

O Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiaiense 28 de Setembro, conhecido como Clube 28, foi fundado em Jundiaí em 2 de abril de 1895 por ferroviários negros, em sua maioria trabalhadores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. É considerado o clube social negro mais antigo em atividade no estado de São Paulo e o terceiro mais antigo do Brasil, sendo reconhecido desde 2016 como patrimônio imaterial da cidade. Atualmente, é administrado pela presidente Edna Aparecida Oliveira Santos e segue atuante como espaço de referência histórica e cultural da população negra na região.

Os clubes sociais negros, como o Clube 28, constituem importantes espaços de sociabilidade, educação e preservação cultural. Criados no final do século XIX, esses espaços desempenham papel fundamental na preservação de identidades negras e na resistência a processos de apagamento histórico. O Clube 28 mantém seu compromisso com a memória, com a valorização da cultura afro-brasileira e com a construção de narrativas que afirmam a presença e a contribuição da população negra tanto em Jundiaí quanto no Brasil.

O acervo do Clube 28 é composto principalmente por livros de atas de 1897 a 1908 e de 1931 a 2000, além de fotografias a partir da década de 1950, plantas da construção da sede, livros de ouro para arrecadação de fundos, registros de associados, o livro de matrícula da Escola Cruz e Souza de 1934, documentos contábeis, fichas de cadastro dos anos 1990, livros de ofícios e estatutos da entidade. O acervo foi digitalizado e está disponível no site do Arquivo Histórico Professora Maria Angela Borges Salvadori. Esse conjunto documental constitui fonte essencial para a reconstrução de narrativas históricas sobre a população negra e a trajetória de resistência deste espaço comunitário.



Capa do Livro de Ouro da Campanha Pró Sede. 1935 - Acervo Clube 28 de Setembro de Jundiaí.

📍 Clube 28: Rua Petronilha Antunes, 363 - Centro, Jundiaí - SP, 13201-080
Arquivo Municipal: Av. União dos Ferroviários, 1760 - Pte. de Campinas, Jundiaí - SP, 13201-160

🌐 <https://jundiai.sismu.app/?e=Fundos+de+Pesquisa&c=Clube+Beneficente+Cultural+e+Recreativo+28+de+Setembro>

Coletivo Nós Núcleo do Museu da Pessoa em Peruíbe

A Coleção Amores é uma curadoria do Coletivo Nós - Núcleo do Museu da Pessoa em Peruíbe (SP), dedicada ao registro e à salvaguarda de histórias de vida de mulheres negras. Inspirada no livro "Tudo sobre o amor: novas perspectivas", de bell hooks, a iniciativa propõe refletir sobre o amor como força política, afetiva e transformadora nas trajetórias dessas mulheres.

A coleção busca valorizar e preservar memórias e experiências femininas negras, promovendo o reconhecimento de suas subjetividades, afetos e resistências. Por meio das entrevistas, pretende-se ampliar as narrativas sobre o amor, a ancestralidade e a potência das relações humanas.

As entrevistas em vídeo compõem uma playlist digital que cresce de forma contínua, à medida que novos depoimentos são realizados. O acervo reúne relatos que entrelaçam afetividade, identidade e memória, constituindo um importante registro do protagonismo das mulheres negras brasileiras e de suas formas plurais de amar e existir.



Logotipo do Coletivo Nós - Núcleo do Museu da Pessoa em Peruíbe

- 📞 Coordenadoras do Coletivo Nós
(11) 95330-1083 Débora Rosa
(13) 99784-8407 Luciane Nascimento
- ✉️ museuecoletivonus@gmail.com
- 🌐 <https://museudapessoa.org/colecao/mulheres-negras-e-seus-amores>
- 🌐 <https://web.facebook.com/profile.php?id=61575596683347#>
- 📺 <https://www.youtube.com/@ColetivoNós>

Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira SP/PR - EAACONE

A Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira SP/PR - EAACONE, criada em 1995 no Quilombo de Praia Grande, no município de Iporanga (SP), tem como missão identificar, articular e assessorar as comunidades quilombolas da região, com ênfase no resgate cultural e na conquista da terra. A criação da entidade foi impulsionada pela promulgação da Constituição Brasileira de 1988, notadamente pelo Artigo 68 das Disposições Transitórias, que reconhece a propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

O processo de conscientização iniciado pela EAACONE, envolveu a auto identificação das comunidades, sua recuperação histórica perante órgãos públicos, encaminhamento de documentação para a titulação das terras como áreas quilombolas e a formação de associações. Registrada em 2004, a entidade atua na luta pelo direito à terra e ao território, assessorando politicamente e juridicamente comunidades nos municípios paulistas de Eldorado, Iporanga, Cananéia, Miracatu, Registro, Itaóca, Barra do Turvo e Iguape, além dos municípios paranaenses de Adrianópolis, Doutor Ulysses e Bocaiúva do Sul.

O acervo da EAACONE é constituído por documentos, fotografias, vídeos, livros, jornais, matérias, projetos, relatórios, cartas, faixas, artesanatos, entre outros, organizados desde 1989. A relevância da coleção se dá principalmente por salvaguardar a memória dos processos de luta e de organização fundiária das comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, do Movimento dos Ameaçados por Barragem – MOAB, dos encontros das mulheres quilombolas na década de 1990, e de sua luta contra o projeto de Barragem de Tijuco Alto.



Ato público Contra Tijuco Alto Caminhada da Cidade de Ribeira/SP à Adrianópolis/PR
Grupo das Caxeteiras de Campinas/SP 14/03/2009



R. Leoncio Marques de Freitas e Silva, 63, Centro, Eldorado – SP, 11960-000



(13) 3871-3118



<https://www.instagram.com/eaacone/>



<https://www.youtube.com/channel/UCWLtbKCITwTpleNCNheY9fw>

Frente Ilê Odé Ilê Asé Odé Ibualamo

O Ilê Asé Odé Ibualamo teve início em Canavieiras (BA), onde João Canavieiras, pai de Mãe Caçailê, preservava práticas tradicionais de matriz africana que originaram a linhagem do Ilê. Na década de 1960, a família é forçada a deixar a cidade devido à repressão e à perseguição aos terreiros, marcando sua trajetória. Nos anos 1980, em Carapicuíba (SP), Mãe Caçailê, acompanhada de seu pai, planta próximo ao Córrego do Cadaval a herança ancestral guardada desde então. Renasce o ILÊ e torna-se referência de acolhimento, transmissão de saberes e afirmação afro-brasileira. Após sua morte, em 1997, Mãe Zana assumiu a liderança espiritual e a luta contra o racismo, e pela manutenção e preservação do território, fortalecendo a comunidade que foi moldada com sua chegada mantendo o legado familiar. Em dezembro de 2022, durante com a continuidade da obra de canalização do córrego cadaval, o Ilê foi demolido, destruindo mais de 90% do seu acervo, com exceção de alguns objetos dispostos no salão principal do ilê. Os assentamentos foram sucumbidos pela demolição e posterior soterramento.

Mãe Zana, junto a ativistas e redes de direitos humanos, criou a FRENTE ILÊ ODÉ, e segue lutando por reparação e defesa dos territórios tradicionais, com ampla repercussão nacional e debates acadêmicos. Nesse contexto, foi desenvolvido o projeto: "A destruição do terreiro Ilê Asé Odé Ibualamo: patrimônios e caminhos da reparação", que produziu registros de oralidade, materiais fotográficos e audiovisuais, além de promover eventos com especialistas, lideranças religiosas e representantes do judiciário.

O projeto constituiu um acervo contemporâneo composto por entrevistas, objetos remanescentes, fotografias comunitárias, documentos textuais e registros das atividades. Todo o material foi sistematizado no site "Ilê Asé Odé Ibualamo: memória e história" (2024), reafirmando a continuidade histórica do Ilê de Canavieiras a Carapicuíba, como expressão de re-existência, ancestralidade e preservação cultural.



Fragmento de louça do assentamento de Orixá, encontrada em 21 de janeiro de 2024 em expedição de grupo de pesquisadores e Rede de Museologia Social de São Paulo- REMMUS, após 2 anos da demolição do Ilê Asé Odé Ibualamo.
foto: @GustavoSilva

✉ frenteileode@gmail.com

🌐 <https://ileodecau.wixsite.com/frenteileode>

📷 [@frenteileode](https://www.instagram.com/frenteileode)

Ilê Axé Omo Ajunsun

O Ilê Axé Omo Ajunsun está localizado no distrito de Guaianases, no extremo leste de São Paulo. Em 1949, o Babalorixá Máximo Canuto adquiriu o terreno onde a roça de Candomblé permanece até hoje, iniciando atividades religiosas no local em 1955. Com denominação em referência aos povos indígenas Guaianás, o bairro formou-se pela convivência de diferentes grupos étnicos, migrantes e imigrantes, cujas culturas e religiosidades influenciaram a comunidade. Após o falecimento de Pai Máximo em 1999, mantiveram-se as atividades religiosas internas até 2014, quando foi reaberto sob responsabilidade da Ialorixá Mãe Mara de Ogum, auxiliada pelo Babalorixá Katy de Odé.

A retomada do Ilê por Mãe Mara de Ogum tem como missão preservar as crenças, rituais e costumes transmitidos por Pai Máximo, mantendo a continuidade das tradições do Candomblé dedicadas a todos os Orixás e Omolu patrono da Casa. O Ilê Axé Omo Ajunsun valoriza o respeito à comunidade e ao meio ambiente, compreendendo Otás (pedras) e folhas simbolizam a preservação e existência do culto, bem como os alimentos ofertados que são comungados com a comunidade, tendo papel fundamental no combate à fome. O legado imaterial é entendido como conjunto de saberes e práticas transmitidos oralmente entre gerações. O Ilê também atua no combate ao racismo religioso, promovendo palestras, ações educativas e iniciativas culturais voltadas à valorização das religiões de matrizes africanas, além de realizar projetos sociais e distribuição de alimentos.

O Ilê ocupa cerca de 2.000 m², com edificações religiosas e habitacionais distribuídas em aproximadamente um terço do terreno. Seu acervo arquitetônico é composto por barracão, cozinha de axé, quartos de santo dedicados a Exu, Omolu, Oxalá, Ogum e aos Ancestrais. O acervo material inclui indumentárias, acessórios e esculturas em madeira, livros, documentos e fotografias. A casa também preserva um conjunto de árvores e plantas sagradas, incluindo o Iroko, associado à longevidade e ao tempo. Em 2023, o Ilê Axé Omo Ajunsun foi reconhecido pelo IBRAM como Ponto de Memória, reforçando sua atuação voltada à preservação cultural, educação e museologia social no território.



Paramentas de orixás mais antigas integram o Acervo da Casa e são utilizadas durante as cerimônias religiosas.
Foto: Ilê Axé Omo Ajunsun, 2025.



R. Catarina Cubas, 133 - Lajeado/Guaianases, São Paulo - SP, 08450-350



omoajunsun@gmail.com



@omoajunsun

Ilê Axé Omon Obá Olooke Ty Efon - Axé Agodó

O Ilê Axé Omon Obá Olooke ty Efon foi fundado em 1975 pela Iyalorixá Efigênia de Xangô (1938-2001), inicialmente sob a denominação Abassá de Xangô (umbanda, com raízes Angola). O nome da casa é uma homenagem ao Orixá Olooke, guardião da nação Efon e das montanhas das cidades de Ekiti Efon, Ikere Ekiti e Okemesi Ekiti, na Nigéria. O Ilê foi estabelecido nos bairros Bosque da Saúde e posteriormente Vila Guarani, na zona sul de São Paulo. Algum tempo depois, com o falecimento de seu Babalorixá, Mãe Efigênia migra para a nação Ketu. Após o falecimento de Mãe Efigênia, em 2001, e o período de luto, a casa foi reaberta em Guarulhos, no Jardim IV Centenário, distrito de Lavras, escolhido pela abundância de lagoas, matas e pela história de ocupação indígena e de povos negros.

Sob a continuidade das ações religiosas e comunitárias por seu filho e sucessor, o Babalorixá Luis Sérgio da Costa, Katy ty Odé, o Ilê Axé Omon Obá Olooke ty Efon manteve as atividades religiosas e ações solidárias junto à comunidade, iniciadas com Mãe Efigênia, buscando preservar e fortalecer as tradições culturais e espirituais da casa. O espaço permanece como referência de continuidade ancestral, transmissão de saberes e manutenção dos cultos e crenças tradicionais.

A casa possui um amplo acervo, que inclui o patrimônio arquitetônico, reconhecido como patrimônio histórico pelo município de Guarulhos em 2023, composto por diversas unidades - como nove quartos de santo, barracão, cozinhas, espaços ceremoniais e demais ambientes destinados às práticas religiosas. O inventário em elaboração contempla obras de arte como pinturas, quadros, esculturas e fontes escultóricas (Yemanjá e Oxum), além de um acervo de vestuário sagrado dos orixás e demais espiritualidades, um acervo natural de plantas, como o de Iroko, e um acervo de história oral constituído por entrevistas com lideranças da casa.



Fachada lateral do Axé Agodó, com painel visual de artista em representação ao panteão dos orixás do Candomblé.



R. Elizabete, 47 - Jardim IV, Centenário, Guarulhos - SP, 07161-100



agodoaxe@gmail.com



@axe_ogodo

Ilé Ìyá Ódò Àṣe Aláàfin Òyó

O Ilé Ìyá Ódò Àṣe Aláàfin Òyó é uma Unidade Territorial dos Povos Tradicionais de Matriz Africana, fundada em 1991 na Vila Ré, zona leste de São Paulo. De nação Yoruba/Ketu, o terreiro atua como um quilombo periférico e espaço comunitário, consolidando-se ao longo de mais de três décadas como referência cultural, social e religiosa na região. Suas ações contínuas contribuíram para a criação, em 2020, do CRRCAPI – Centro de Referência e Resgate da Cultura Afrobrasileira e Indígena – Acaçá Axé Odo.

A missão do Ilé Ìyá Ódò Àṣe Aláàfin Òyó é promover e defender a continuidade da cultura de matriz africana, impulsionando a diversidade, fortalecendo o empoderamento da mulher negra e enfrentando todas as formas de violência, especialmente o racismo. O terreiro integra saberes tradicionais a práticas educativas e culturais, articulando gastronomia, ancestralidade, oralidade, musicalidade, corporeidade e afetividade como tecnologias sociais de transformação. Nesse contexto, desenvolve projetos reconhecidos, como Acaçá Sabores e Encantos, Acaçá Encruzilhada da Inclusão e Acaçá DiversidArts, além de atuar como Ponto de Cultura Viva em editais municipais e estaduais.

O acervo imaterial e material do Ilé Ìyá Ódò Àṣe Aláàfin Òyó se expressa em suas práticas ritualísticas, oficinas e atividades formativas, que incluem percussão, dança afro, capoeira, artes plásticas, adereços carnavalescos e oficinas gastronômicas. Esses saberes são comunicados à comunidade por meio de encontros semanais, eventos do programa Consciência Negra o Ano Inteiro, ações híbridas e atividades acessíveis em estúdio de áudio. O conjunto reafirma a centralidade da ancestralidade africana, da estética afro-diaspórica e da educação comunitária na preservação e difusão das culturas negras.



Logotipo do Ilé Ìyá Ódò Àṣe Aláàfin Òyó



R. Moe, 438 - Vila Ré, São Paulo - SP, 03660-040



@ileiyaoodo

Instituto de Estudos Brasileiros da USP - IEB/USP | Fundo Milton Santos

O arquivo pessoal de Milton Santos está sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB/USP). O acervo reflete a trajetória do geógrafo e intelectual brasileiro, nascido em 1926, em Brotas de Macaúbas (BA), e falecido em 2001, em São Paulo. Formado em Direito pela UFBA (1948), Milton concluiu doutorado em Geografia na Université de Strasbourg (1958). Professor emérito da USP, lecionou em instituições no Brasil, Américas, África e Europa. É o único brasileiro a receber o Prêmio Vautrin Lud, considerado o “Nobel da Geografia”, além de acumular inúmeros títulos de Doutor Honoris Causa.

O Fundo Milton Santos foi criado para preservar e disponibilizar ao público seu vasto legado intelectual. O acervo difunde seu pensamento crítico e humanista, marcado pela defesa da justiça social, da soberania dos povos e da valorização dos territórios periféricos diante da globalização.

Ao reunir e conservar esse conjunto documental, o IEB/USP salvaguarda a memória de um dos maiores pensadores brasileiros do século XX, cuja obra impacta até hoje diversas áreas das ciências humanas, sociais e urbanas.

O arquivo reúne mais de 50 mil documentos, incluindo originais de obras, artigos, cartas, planos de aula, fotografias, fichas de leitura, estudos, publicações e registros de conferências. Os materiais documentam sua trajetória acadêmica, intelectual, política e social, evidenciando o caráter interdisciplinar de sua produção, que dialoga com geografia, urbanismo, comunicação, antropologia, história, linguística, artes e outras áreas. O acervo é divulgado por meio de exposições, publicações, pesquisas e ações formativas do IEB/USP, ampliando o acesso ao pensamento de Milton Santos e fortalecendo a memória científica e cultural brasileira.



Milton Santos [1990]

-  Av. Professor Luciano Gualberto, -78 - Cidade Universitária, São Paulo - SP, 05508-010
-  (11) 3091 34 27
-  arquivoeb@usp.br
-  <https://www.ieb.usp.br/sobre-arquivo-ieb/>
-  @ieb
-  <https://www.youtube.com/iebuspvideos>

Jornal do Orixá Afroxe

O Jornal Afroxe é uma publicação paulista voltada à valorização, defesa e difusão da cultura afro-brasileira. Criado como um instrumento de comunicação e resistência, o jornal tornou-se um dos mais importantes veículos de registro e fortalecimento das vozes negras no estado da Bahia e no país.

Seu principal propósito é dar visibilidade à história, à cultura e às conquistas da população afro-brasileira, promovendo a igualdade racial, a justiça social e o combate às discriminações. O Afroxe também busca fortalecer a identidade e a autoestima negra, atuando como um espaço de expressão, formação política e valorização das tradições e saberes afrodescendentes.

O jornal reúne artigos, reportagens, entrevistas e registros fotográficos que abordam temas como cultura, arte, política, educação, religião de matriz africana, e direitos humanos. De forte significado histórico e político, o Afroxe é símbolo da resistência e da luta contra o racismo e a exclusão, contribuindo para a construção de uma consciência crítica e para o diálogo entre diferentes segmentos sociais. Seu acervo impresso e digital constitui um importante patrimônio da memória afro-brasileira contemporânea, preservando as narrativas e as experiências das comunidades negras e suas contribuições à sociedade.

**JORNAL DO ORIXÁ
AFROXE**

Novembro/Dezembro 2020

pag. 03

Xangô retorna ao comando da Casa Branca do Engenho Velho Búzios escolheram Mãe Neuza, filha do orixá da justiça, como a nova ielorixá do ilê



Xangô retorna ao comando da Casa Branca do Engenho Velho
(Foto: Duda Jacques/CORREIO)

tindo hoje. É uma surpresa, porque você sai totalmente da sua vida regular para vir ao axé com essa força espiritual que são os orixás. E é servir o orixá", revolou.

Mile Angela de Oxum participou do ritual representando o Ilê Iyá Orun Axé Iyá Massé, o terreiro do Gantois. Filha de Mãe Carmen, a ielorixá do terreiro, Mãe Angela celebrou o momento especial. "É um grande honra e merecimento fazer parte de um momento de grande força que é presença a escolha de Mãe Neuza e o retorno de Xangô para rege novamente esta casa. Que ela tenha muita luz, sabedoria, que seja muito bem cuidada e que tenha grandes realizações", falou.

Seu Ibiramar Daniel, Mobi do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, também presente na cerimônia, lembrou que todos os filhos de santo celebraram a nova ielorixá da casa que é a mãe de todas as casas. "Eu estou imensamente feliz. Porque nós, filhos do Ilê Axé Opô Afonjá, junto com o Gantois, somos descendentes diretos desta casa. Nos consideramos membros desse trono aqui. Então, estamos todos imensamente satisfeitos e voo transmitir a Mãe Ana, que não pode vir, a nova escolha", falou.

As Equedes da Casa Branca também comemoraram a chegada da nova líder. Entre lágrimas, Patrícia Chagas pediu a Xangô, Oxum e Osun sobredor para a ielorixá, Tânia Maria dos Santos, que está no terreiro desde 1973, falou do novo ciclo: "É a continuidade das nossas ancestralidades. Um novo momento com uma nova mãe de santo. Uma alma minha, da mesma mãe de santo, então esse é o novo momento para continuarmos contribuindo como novos sacerdotes", avaliou.

Foi Pai Air José o responsável pelas obrigações com a morte de Mãe Tati. Segundo ele, não foi uma surpresa muito grande a escolha da nova ielorixá. "São renovações", disse, para em seguida desejar um caminho de resistência e na comunidade, preservando e cultuando nova ancestralidade.

Foi Pai Air José quem fez os búzios que definiram a nova líder religiosa (Foto: Duda Jacques/CORREIO)

Texto intermediário



R. Itape, 150 - Casa Jd. Maria Dirce, Guarulhos - SP, 07173400



ocdemaorganizacao@gmail.com.br / contato@afroxe.com.br

MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

O Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) é uma instituição privada e sem fins lucrativos, fundada em 1947 por Assis Chateaubriand, com direção de Pietro Maria Bardi. Considerado o primeiro museu moderno do país, possui um acervo com mais de 11 mil obras que abrangem produções africanas, das Américas, asiáticas, brasileiras, europeias e da Oceania, da Antiguidade ao século 21. Desde sua criação, atua como espaço de formação artística e educação, localizado na cidade de São Paulo.

A instituição tem como missão desenvolver uma revisão crítica das narrativas da história da arte, ampliando repertórios e incluindo artistas e grupos historicamente pouco representados. Desde 2015, sua programação organiza-se em ciclos anuais intitulados "Histórias", que evidenciam a diversidade de temas e debates, como o realizado em 2018, "Histórias afro-atlânticas", dedicando-se às relações entre África, Américas, Caribe e Europa.

O acervo do MASP inclui atualmente 285 obras de artistas negros, adquiridas ao longo dos anos, abrangendo diferentes técnicas, períodos e contextos. Parte dessas obras está exposta na mostra de longa duração "Acervo em transformação", apresentada nos cavaletes de vidro concebidos por Lina Bo Bardi, que favorecem novas articulações entre tempos e perspectivas. Nesse arranjo, a arte afro-brasileira ocupa posição central, reafirmando o compromisso da instituição com um acervo diverso, inclusivo e em constante atualização.



Maria Auxiliadora da Silva (Campinho, Minas Gerais, Brasil [Brazil], 1935 - São Paulo, Brasil [Brazil], 1974)

Capoeira, 1970

Óleo e massa de poliéster sobre tela [Oil and polyester resin on canvas], 69,5 x 75 cm

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Doação [Gift] Pietro Maria Bardi, 1981

MASP.00827

Foto [Photo] MASP

Av. Paulista, 1578, São Paulo, SP, 01310-200

(11) 3149-5959

acervo@masp.org.br

<https://masp.com.br/>

@masp

<https://www.youtube.com/maspmuseu>

Memórias de Pompeu

A coleção "Memórias de Pompeu" celebra o legado de Antônio Pompeu, ator, artista plástico, roteirista, ficcionista e ativista da cultura afro-brasileira. Nascido no interior de São Paulo, Pompeu construiu uma carreira marcada pelo engajamento nas artes negras e pela valorização da identidade afro-brasileira no teatro, no cinema, na televisão e nas artes visuais. A mostra, realizada em diferentes espaços culturais, como o Museu Paulo Setúbal (SP), homenageia sua trajetória artística e militante, reconhecendo-o como uma das vozes mais expressivas na luta por representatividade e igualdade racial nas artes.

Proporcionar uma imersão na vida e na obra de Antônio Pompeu, destacando sua importância como referência para as artes negras no Brasil. Valorizar seu percurso criativo e ativista, preserva e difunde sua memória, estimulando reflexões sobre o papel do artista negro na construção da cultura brasileira e fortalecendo o reconhecimento das contribuições afro-brasileiras para o patrimônio cultural do país.

O acervo reunido em "Memórias de Pompeu" inclui quadros, fotografias, revistas, jornais, dramaturgias, roteiros e registros audiovisuais, que documentam sua atuação multifacetada nas artes e na militância cultural. As obras plásticas, de temática afro, expressam seu profundo amor e respeito pela ancestralidade africana e pelos valores das culturas negras. Parte desse material é preservada pela atriz e ativista Adriana Afonso, responsável por resguardar e difundir o legado artístico de Pompeu. Em 2024, foi realizada uma exposição com nome homônima no Museu Paulo Setúbal, como um ato de memória e resistência, celebrando um verdadeiro baobá das artes negras no Brasil.



Quadro de Antonio Pompeu e foto de Guilherme Makarios



R. Professora Anézia Loureiro Gama - Vila Doutor Laurindo, Tatuí - SP, 18271540



avidadaatriznegra@gmail.com

Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

O Museu Afro Brasil Emanoel Araujo é uma instituição pública, subordinada à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sob administração da Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura.

Inaugurado em 2004 a partir da coleção particular de seu fundador, Emanoel Araujo (1940-2022), o museu apresenta uma trajetória decisiva para a valorização da contribuição das populações negras na formação do Brasil. Sua localização está no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque Ibirapuera, onde conserva cerca de 11 mil m², apresentando a diversidade cultural africana e afrodiáspórica através da arte, da história e da religiosidade.

Possuindo três pavimentos, o MAB conta com área para exposições, formações culturais e educativas como a Escola MAB, área de acervo físico, um extenso acervo digital, produção editorial da revista EducaMAB, além da Biblioteca Maria Carolina de Jesus e do Teatro Ruth de Souza, homenageando duas importantes figuras que, cada uma a seu modo, elevaram ao extremo de uma época a experiência de serem artistas negras no Brasil.

O MAB conta com cerca de mais de 20 mil itens organizados em acervos museológico, arquivístico e bibliográfico, oferecendo ao público amplo material digital, com livros, teses acadêmicas, fotografias e audiovisual.



Sem título. Madalena Santos Reinbold. Imagem: Isabella Finholdt

-  Av. Pedro Álvares Cabral, s/n – Portão 10, Parque Ibirapuera, São Paulo – SP, 04094-050
-  (11) 3320-8900
-  faleconosco@museuafrobrasil.org.br
-  <https://museuafrobrasil.org.br/ | Acervo Online>
-  [@museuafrobrasil/](https://www.instagram.com/@museuafrobrasil/)
-  <https://www.youtube.com/museuafrobrasil1>
-  <https://open.spotify.com/user/museuafrobrasil>
-  <https://br.linkedin.com/company/museuafrobrasil>

Museu da Cidade de São Paulo

O Museu da Cidade de São Paulo (MCSP), vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, tem como foco principal a cidade de São Paulo e sua relação com seus habitantes. Entre suas atribuições estão: promover a reflexão contínua sobre as dinâmicas de construção física e simbólica da cidade, retratar sua diversidade cultural e registrar a memória de sua população.

A partir de seus acervos e referências de caráter imaterial, o MCSP realiza atividades de pesquisa, comunicação e preservação, tanto dentro quanto fora de seus espaços. Sua estrutura é composta por uma rede de doze casas históricas e um logradouro, que integram o Acervo Arquitetônico, construídos entre os séculos XVII e XX.

O acervo de História Oral reúne 574 fitas cassete digitalizadas e 11 entrevistas em audiovisual, produzidas desde os anos 1980. Esses registros preservam memórias de importantes atores sociais, como Tereza Santos, Correia Leite e Nenê da Vila Matilde.

Além disso, o acervo de Bens Móveis conta com 1.034 objetos, incluindo utensílios domésticos, ferramentas e peças sacras – itens representativos da vida rural na cidade de São Paulo.

A Casa do Sítio da Ressaca, parte do Acervo Arquitetônico e datada provavelmente de 1719, foi sede do projeto “Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro” em 2003, que promoveu exposições abordando a vida e a arte de pessoas negras. Outro destaque é o Acervo Fotográfico do MCSP, que registra as transformações urbanas e os modos de vida na cidade de São Paulo desde 1860 até a contemporaneidade.



Rua da Glória, 1887, no bairro da Liberdade. Imagem: Acervo Museu da Cidade de São Paulo



R. Roberto Simonsen, 136 – Sé, São Paulo - SP, 01017-020



(11) 3116-6213



museudacidade@prefeitura.sp.gov.br



<https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/>



[@museudacidade](https://www.instagram.com/museudacidade)



<https://www.youtube.com/c/MuseudaCidadedeS%C3%A3oPaulo>

Museu da Pessoa

O Museu da Pessoa é virtual e atua para registrar, preservar e disseminar histórias de vida, por meio de diversas ações culturais. Criado em São Paulo, em 1991, é uma organização da sociedade civil de interesse público, sem fins lucrativos, que conecta pessoas e grupos por meio de suas trajetórias. Ao longo dos anos realizou projetos de memórias específicos para povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, representantes da sigla LGBTQIAPN+, entre outros.

No ano de 2020, a partir do tema Vidas Negras, o museu convidou personalidades que abordam as questões raciais do Brasil no contexto político, cultural, acadêmico e social para compartilharem suas histórias de vida. No mesmo ano, realizou a Mostra Audiovisual Entre(Vivências)Negras, com apoio do Instituto Gueledés, reunindo produtores audiovisuais que se debruçaram sobre o seu acervo desenvolvendo um conteúdo inédito.

O Museu da Pessoa conta atualmente com mais de 18 mil histórias e 60 mil imagens e documentos que retratam a vida privada no Brasil. Colaborativo, o museu é aberto à participação de toda e qualquer pessoa através de sua plataforma digital www.museudapessoa.org, assim como por meio de ações híbridas.



Zilda Noronha Miné. Imagem: Acervo Museu da Pessoa



(11) 2144-7150



atendimento@museudapessoa.org



<https://www.museudapessoa.org>



[@museudapessoa](https://www.instagram.com/@museudapessoa)



www.facebook.com/museudapessoa

Museu das Favelas

O Museu das Favelas é uma instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, gerida pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG). Foi inaugurado em novembro de 2022 no Palácio dos Campos Elíseos e, em dezembro de 2024, reabriu sua sede no Centro Histórico de São Paulo, com a exposição de longa duração Sobre Vivências. O museu atua de forma interligada a diversas favelas brasileiras, reconhecendo-as como territórios de memória, criação e articulação política.

A missão do Museu das Favelas é conectar e garantir o protagonismo das múltiplas favelas do país, preservando suas memórias e potencializando suas produções culturais por meio de exposições, programação cultural, ações educativas, pesquisa e difusão de informação. Suas práticas se orientam pela escuta ativa, colaboração com coletivos e organizações periféricas, e pela valorização de saberes plurais. Destacam-se o CORRE (Centro de Empreendedorismo) e o CRIA (Centro de Referência), responsáveis por aprofundar conteúdos curatoriais e fomentar processos formativos.

O acervo do Museu das Favelas foi constituído em diálogo com iniciativas comunitárias, reunindo 34 objetos (sendo 10 em comodato) e um acervo bibliográfico com mais de 1.500 livros. Parte desse conjunto integra a exposição Sobre Vivências, especialmente no módulo "Morar", que evidencia experiências de vida e luta nos territórios de favela. Com ações de comunicação, circulação e mediação cultural, o museu reafirma sua prática social e educativa, dando visibilidade a histórias e produções que transformam o imaginário sobre as favelas. Em 2025, recebeu o Selo de Igualdade Racial, reconhecimento de sua atuação na promoção da diversidade e no fortalecimento das agendas antirracistas.



Fachada do prédio que está localizada a sede do Museu das Favelas. Novembro de 2024. Autoria: Pedro Napolitano Prata.

- Largo Páteo do Colégio, 148 - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo - SP, 01016-040
- (11) 4240-3355
- cria@museudasfavelas.org.br
- <https://www.museudasfavelas.org.br/>
- [@museudasfavelas](https://www.instagram.com/museudasfavelas)
- <https://www.facebook.com/museudasfavelas>
- <https://www.youtube.com/c/MuseudasFavelas>

Museu do Café

O Museu do Café, instalado no edifício da antiga Bolsa Oficial de Café, foi construído em 1922, e é uma das principais instituições culturais do estado de São Paulo e da cidade de Santos. Reconhecido como patrimônio histórico, artístico e arquitetônico nacional, tem como objetivo a preservação e difusão da história do café no Brasil.

Por meio dos acervos museológico, arquivístico e bibliográfico, com objetos, livros, documentos e recursos audiovisuais, a instituição constrói junto ao público conhecimentos sobre a evolução da cafeicultura e o desenvolvimento político, econômico, cultural e social do país, desde meados do século XVIII até os dias atuais.

A biblioteca do Museu se destaca pelas obras de referência em estudos sobre racialização, relações de trabalho baseadas na escravização, cultura e cidadania negra. Atualmente, o museu inicia o desafio de ampliar e qualificar seus acervos e narrativas sobre a cultura afro-brasileira durante a concepção e curadoria de sua nova exposição de longa duração. Sua gestão é feita pela organização social “Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração (INCI)” ligado à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas.



Salão do pregão com pinturas antigas do do Porto de Santos. Imagem: Acervo Museu do Café

 Rua XV de Novembro, 95 – Centro Histórico, Santos - SP, 11010-150

 (13) 3213-1750

 museudocafe@museudocafe.org.br / museologia@museudocafe.org.br

 <https://www.museudocafe.org.br/>

 @museudocafe

 <https://www.facebook.com/MuseudoCafe>

 <https://www.youtube.com/user/museudocafe>

 <https://x.com/museudocafe>

Museu dos Aflitos - MUSA

O Museu dos Aflitos (Musa) é uma instituição comunitária sem fins lucrativos dedicado à garantia dos direitos humanos fundamentais à memória e à verdade da escravidão e do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas no Estado de São Paulo e no Brasil. Inaugurado em 17 de outubro de 2022, o museu está localizado na Capela dos Aflitos, dentro do perímetro do Sítio Arqueológico Cemitério dos Aflitos, no bairro da Liberdade, em São Paulo.

O Musa nasce como uma demanda da sociedade civil pela criação de uma instituição que conferisse a preservação, o reconhecimento e a valorização do Sítio Arqueológico Cemitério dos Aflitos, dos acervos digital, audiovisual e de imagens em sua maioria. É uma iniciativa formada por profissionais atuantes no Movimento dos Aflitos, visando suprir a necessidade de uma discussão ampla com a sociedade brasileira.

O acervo do Museu dos Aflitos avança nessa missão reunindo fotografias, artefatos e produções audiovisuais que testemunham as experiências traumáticas da escravidão e suas consequências no Brasil contemporâneo. Além disso, o Musa se compromete a trabalhar para implementar políticas públicas de memória e de informação para o combate ao racismo e a discriminação racial.



2º Ato Inter-religioso realizado pela União dos Amigos da Capela dos Aflitos - UNAMCA, na Capela dos Aflitos. Imagem: Acervo Museu dos Aflitos

-  alt 52 - Traves. Rua dos Estudantes, R. dos Aflitos, 70, Liberdade São Paulo, SP
-  www.museudosafliitos.org
-  [@museudosafliitos](https://www.instagram.com/@museudosafliitos)

Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto

O Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto (MAH) é uma instituição pública vinculada à Secretaria Municipal de Cultura de Presidente Prudente, localizada no extremo oeste do estado de São Paulo. Criado com o propósito de preservar e difundir a história local, o museu está instalado em um edifício de grande valor histórico — o antigo matadouro municipal, reconhecido como patrimônio cultural arquitetônico tombado em 1991. Desde sua criação, o MAH consolidou-se como um importante espaço de guarda, pesquisa e valorização da memória social e cultural prudentina.

A missão do MAH é salvaguardar a memória da formação da cidade e preservar seu patrimônio histórico e cultural, promovendo a educação patrimonial, a difusão do conhecimento e o incentivo à pesquisa. O museu atua como um centro de referência para estudos sobre a história local, incentivando o diálogo entre o passado e o presente e contribuindo para a formação cidadã e cultural da comunidade.

O acervo do MAH é composto por diferentes tipologias documentais, iconográficas e tridimensionais, representativas da trajetória histórica de Presidente Prudente. Entre seus conjuntos mais relevantes, destaca-se a coleção dedicada à Lázara Bernardino de Jesus, conhecida como Dona Lazinha, a primeira yalorixá de Presidente Prudente, atuante entre as décadas de 1930 e 1970. Fundadora da Tenda de Umbanda São Jorge Guerreiro em 1939, Dona Lazinha tornou-se uma figura de grande importância histórica, social e cultural, especialmente por desafiar padrões estéticos, religiosos e de gênero em uma cidade interiorana marcada pelo conservadorismo e pelos regimes autoritários. O acervo é composto por cinco de suas indumentárias ritualísticas, peças que testemunham a presença e a resistência da cultura afro-brasileira no interior paulista.



Recepção ao embaixador do Senegal, Simon Singor em visita ao terreiro de Dona Lazinha. 1977

- Rua Dr. João Gonçalves Foz, 2179 – Jardim das Rosas, Presidente Prudente, SP, CEP 19060-050
- (18) 3223-9404
- preservacao@culturapp.com.br
- <http://www.culturapp.com.br>
- [@mahpresidenteprudente](https://www.instagram.com/mahpresidenteprudente)

Museu Itamar Assumpção - MU.ITA

O MU.ITA – Museu Itamar Assumpção é uma instituição privada sem fins lucrativos, fundada em 2020 pela família do artista, com o apoio de parceiros e colaboradores comprometidos com a preservação de memória negra brasileira. Criado em formato virtual, o museu dedica-se a manter viva a trajetória de um dos mais importantes nomes da música e da palavra no Brasil, reconhecido por sua inovação estética, poética e política.

O museu tem como missão preservar, ampliar e difundir o legado de Itamar Assumpção, promovendo o acesso à sua obra e estimulando reflexões sobre identidade, ancestralidade, arte e resistência. Além de valorizar a memória do artista, o MU.ITA propõe-se a ser um espaço plural, crítico e vivo, de diálogo entre linguagens, gerações e perspectivas afro-brasileiras. Primeiro museu virtual dedicado a um artista negro brasileiro e o primeiro traduzido para o iorubá, o MU.ITA reafirma o compromisso com a diversidade cultural e linguística como dimensão essencial da memória.

O acervo do MU.ITA reúne cerca de quatro mil itens, entre objetos pessoais, figurinhas, fotografias, desenhos, textos, vídeos, músicas e pesquisas acadêmicas que abrangem as várias fases da vida e da carreira de Itamar Assumpção. Por meio de exposições físicas e virtuais, produções audiovisuais e um projeto educativo afrocentrado, o museu promove a acessibilidade e a disseminação pública de sua coleção, amplia o debate sobre cultura e memória negras no Brasil e conecta a obra de Itamar às suas raízes afro-diaspóricas e às novas gerações de artistas e pesquisadores.



Itamar Assumpção. Imagem: Jorge Rosemberg/Acervo MU.ITA

-  Rua Leopoldo de Freitas, 617 - Vila Centenário, São Paulo, SP, 03645-010
-  expo.itamarassumpcao.com
-  [@itamarassumpcao](https://www.instagram.com/@itamarassumpcao)
-  https://www.facebook.com/itamarassumpcao.oficial/?locale=pt_BR
-  <https://www.youtube.com/itamarassumpcaooficial>

Museu Paulista - Universidade de São Paulo

O Museu Paulista da Universidade de São Paulo é uma instituição fundada em 1895, sendo o primeiro museu público do Estado de São Paulo e vinculado à USP desde 1963. Inicialmente instalado no edifício-monumento construído para celebrar o local da Proclamação da Independência, consolidou-se como referência na construção de narrativas sobre a história do país sob uma perspectiva paulista, especialmente no contexto do Centenário da Independência em 1922. Em 1923, foi criado o Museu Republicano Convenção de Itu, que, junto ao Museu do Ipiranga, compõe as sedes da instituição.

Nas últimas três décadas, e sobretudo após a reabertura do Museu do Ipiranga em 2022, o Museu Paulista vem se dedicando à visibilização da presença de pessoas negras e suas expressões em seu acervo, buscando identificar e incorporar coleções e objetos que contribuem para narrar a história dessa maioria minorizada na sociedade brasileira. Essa atuação envolve estudos continuados realizados pelo corpo docente e por pesquisadores associados à instituição.

O acervo reúne milhares de objetos de tipologias diversas, como fotografias, esculturas, pinturas, manuscritos, instrumentos musicais, vestimentas e outros têxteis, ferramentas de trabalho e brinquedos, entre outros. Esses materiais possibilitam a construção de narrativas que destacam a presença, a atuação e as experiências de pessoas negras na história do Brasil, contribuindo para ampliar e complexificar a comunicação museal e historiográfica proposta pela instituição.



Baiana. Foto Hélio Nobre/José Rosael.

-  R. dos Patriotas, 100 - Ipiranga, São Paulo - SP, 04207-03001016-040
R. Barão do Itaim, 67 -Centro Histórico, Itu - SP, 13300-16001016-040
-  (11) 2065-8000
-  dac.mp@usp.br / mp@usp.br
-  <https://museudoipiranga.org.br/> | <https://museurepublicano.usp.br/>
-  @museudoipiranga | @museurepublicano
-  https://www.facebook.com/museudoipiranga/?locale=pt_BR |
-  @MuseudolpirangaUSP | @museurepublicano6564

Pavilhão das Culturas Brasileiras - PACUBRA

O Museu das Culturas Brasileiras (Pacubra) está localizado no Pavilhão Engenheiro Armando de Arruda Pereira, no Parque Ibirapuera, e é uma instituição museológica da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa - Departamento dos Museus Municipais. Tem como missão a salvaguarda, a pesquisa e a comunicação das mais diversas formas de expressão da arte e da cultura brasileira.

O museu possui um acervo aproximado de 5.500 objetos museológicos, resultantes de três instituições distintas. O primeiro é o acervo do Museu do Folclore Rossini Tavares de Lima, reunido nos mais de 50 anos de atividade da instituição. Alguns objetos do seu acervo foram coletados em pesquisas de campo pelos alunos do seu prestigiado Curso de Formação em Folclorismo; o segundo acervo é a Coleção Etnográfica trazida do Museu da Cidade de São Paulo, que foi adquirida para a Casa do Sertanista por meio de compras e doações de especialistas, tais como Lux Vidal e os irmãos Villas-Bôas, formando um acervo relevante da produção de vários povos indígenas, como, por exemplo, os Karajá, Krahô e Guarani Mbya.

Já o terceiro acervo, a coleção adquirida a partir da criação do Pavilhão das Culturas Brasileiras - Pacubra, inaugurado em 2010, pretendeu trazer a perspectiva contemporânea do que se chamou anteriormente de folclore e arte popular, ressaltando a produção artística e cultural cotidiana dos mais diversos estados do Brasil.

O Museu das Culturas Brasileiras está atualmente fechado ao público mais amplo, mas, apesar disso, os trabalhos de conservação e catalogação estão intensos, e o Museu continua aberto para pesquisas, empréstimos, publicações de reproduções das imagens de seus acervos e participação em diversos projetos. Para a nova fase, a instituição almeja a inclusão e a participação dos próprios agentes e produtores, com o objetivo de valorizar as diversas produções culturais brasileiras, tanto de caráter material como imaterial, assim como promover as curadorias e as pesquisas sobre seu acervo por integrantes das comunidades que o criaram.



Ferro de Exu (objeto de culto). Data e autoria desconhecidas.
Imagen: Museu das Culturas Brasileiras



Av. Pedro Álvares Cabral, s/n – Portão 10, Parque Ibirapuera, São Paulo – SP,
04094-05001016-040



(11) 5083-0199



educativopcb@prefeitura.sp.gov.br / culturasbrasileiras@prefeitura.sp.gov.br



museudacidade.prefeitura.sp.gov.br

Quilombo São Pedro

O Quilombo São Pedro está localizado no município de Eldorado, no Vale do Ribeira, Estado de São Paulo. Sua formação remonta ao século XIX, em 1825, a partir de Roza Machado e Bernardo Furquim, pessoas negras libertas que registraram as terras dos atuais Quilombos São Pedro e Galvão. O território foi reconhecido oficialmente em 1998 e obteve o título de domínio em 2001, com registro em nome da associação realizado em 2022. A Associação Quilombo São Pedro, fundada em 1980, é pioneira na defesa do território coletivo na região e é responsável pela organização e gestão comunitária, onde vivem aproximadamente 55 famílias. A comunidade se autogerencia por meio de diretoria, conselho fiscal, assembleia geral e grupos de trabalho.

O Grupo de Trabalho Museu/Casa de Memória foi criado em 2014 com o objetivo de desenvolver ações de salvaguarda da memória, compartilhar histórias e fortalecer a identidade cultural do território. Ao longo das formações e vivências, especialmente através da parceria com o Museu Afro Brasil Emanoel Araújo, consolidou-se a compreensão de que, em um território quilombola, a própria comunidade é um museu vivo. A parceria gerou processos formativos e ações culturais, como a exposição "Roça é Vida" e a Companhia de Dona Fartura, contribuindo também para atividades educativas e fortalecimento da educação antirracista. A comunidade tem participado de debates e encontros museológicos, reforçando a construção de políticas públicas para museus e para o reconhecimento da cultura quilombola.

A Casa de Memória do Quilombo São Pedro reúne objetos que integram o cotidiano e a história da comunidade, como máquina de escrever, ferro de passar, serrote, perfumes, pilão, fotografias, jarros, chaleira, cadernos de música e livros, entre outros itens que preservam a ancestralidade e a memória coletiva. Esses elementos articulam saberes tradicionais, modos de vida e experiências compartilhadas entre diversos quilombos do Vale do Ribeira. A exposição "Roça é Vida", realizada no Museu AfroBrasil Emanoel Araújo e no SESC Registro, apresentou fotografias, ilustrações produzidas por membros da comunidade e objetos representativos, alcançando mais de 143 mil visitantes e fortalecendo o turismo comunitário no território. A integração da Casa de Memória ao Guia da Rede de Acervos Afro-Brasileiros é fundamental para preservar, difundir e valorizar a cultura quilombola, ampliando o acesso público ao acervo e reforçando o protagonismo da comunidade na construção da memória afro-brasileira.



Esta obra retrata a realização do puxirão de arroz no Quilombo São Pedro, uma prática coletiva que integra o Sistema Agrícola Tradicional Quilombola. A imagem fez parte da exposição Roça é Vida, apresentada no Museu Afro Brasil Emanoel Araújo e no Sesc Registro-SP. A obra revela uma cultura preservada há séculos nos territórios quilombolas, destacando a importância da ancestralidade, da coletividade e da resistência na produção agrícola tradicional.

-  <https://artsandculture.google.com/story/EgWxPrMlr-eBiA?hl=pt-BR>
-  [@quilombo_sao_pedro/](https://www.instagram.com/@quilombo_sao_pedro/)
-  https://www.facebook.com/Quilombosaopedro?locale=pt_BR#

Quilombo Urbano Negra Visão I Memorial Negro de Atibaia

O Memorial Negro foi inaugurado em 20 de novembro de 2023, a partir da organização e exposição do acervo de peças do período da escravização oriundas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cedidas pela Prefeitura da Estância de Atibaia. Trata-se do único memorial específico da região e está sob a gestão da Associação Cultural Negra Visão.

O Memorial Negro de Atibaia tem como objetivo preservar a memória e a verdade da escravidão e do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas na região, atuando para reconhecer a história local e fortalecer a valorização da cultura afro-brasileira.

O acervo museológico reúne objetos que testemunham a experiência da escravidão e da resistência negra, incluindo instrumentos de tortura como grilhões e correntes, artefatos do cotidiano como vasilhas de barro e cachimbos, pinturas, indumentárias da Congada Verde de Atibaia, pátuas e documentos em suporte de papel, entre eles fotografias da Igreja do Rosário dos Homens Pretos de Atibaia e matérias jornalísticas sobre fuga de pessoas escravizadas e sobre a abolição da escravidão. Datado entre os séculos XVIII e XX, o acervo integrou originalmente o Museu do Escravo e reflete tanto a violência do período escravista quanto a resistência e a cultura das populações africanas escravizadas.



"Primeira Visão", foto de Silvana Cotrim

-  R. Dr. Osvaldo Urioste, 41 - Centro, Atibaia - SP, 12940-670 01016-040
-  quilombonegravisao@gmail.com
-  [@negra.visao](https://www.instagram.com/@negra.visao)
-  <https://www.facebook.com/negravisao/>

Soweto Organização Negra

A Soweto Organização Negra foi fundada em 1991 como uma entidade do movimento negro na cidade de São Paulo, com sede na Rua Silveira Martins, 131, na região da Sé. Atua como um centro de referência da memória negra brasileira na luta de combate ao racismo e pela igualdade racial. Desde sua fundação, a organização colabora com universidades e centros de pesquisa, como a Unicamp e o Afro-CEBRAP, para ampliar o acesso ao acervo e fortalecer ações afirmativas na pesquisa acadêmica.

A organização desenvolve ações de preservação e difusão de acervos históricos, produção de materiais, promoção de debates, formação política e parcerias institucionais, sempre com foco na valorização da memória e do protagonismo negro no Brasil. Está em andamento a organização e sistematização dessa memória documental, com o objetivo de preservar e difundir conteúdos que valorizem a luta e as contribuições da população negra, subsidiando ações educativas e culturais e apoiando a aplicação da Lei 10.639/2003, voltada à educação antirracista.

O acervo reúne conjuntos documentais produzidos por diversas organizações negras e reunidos por sócio-fundadores e militantes em campanhas antirracistas, seminários nacionais, celebrações, marchas, debates e atos públicos. Abrange cartazes, panfletos, flyers, fotografias, convites, manifestos, cartilhas e folhetos, incluindo temáticas como educação, saúde e condições de vida da mulher negra. Destaca-se a Coleção Cartazes em Movimento – Acervo Flávio Jorge, composta por cerca de 600 cartazes e já digitalizada. Desde 2007, integra também a Biblioteca Luiz Gama, formada por publicações e coleções especiais de autoria negra. O acervo registra a participação negra na luta antirracista das últimas décadas, expressando práticas, trajetórias e saberes da memória social e coletiva negra.

A Biblioteca, de referências afro-brasileiras e diáspóricas, atualmente está em processo de revisão e organização robusta de suas coleções, a fim de disponibilizar para atendimento aos usuários.



Coleção Cartazes em Movimento - Acervo Soweto



Soweto Organização Negra:
Rua Silveira Martins, 131 - Conjs 11/22, Sé - CEP 01019 - 000



(11) 94232 - 7196



sowetoorganizacao@hotmail.com



<https://soweto.org.br/>



[@sowetoorganizacao](https://www.youtube.com/c/SOWETOorganiza%C3%A7%C3%A3oNEGRA)



<https://www.youtube.com/c/SOWETOorganiza%C3%A7%C3%A3oNEGRA>

União Social dos Imigrantes Haitianos - USIH

A União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH) é uma organização fundada em São Paulo, em 2014, por imigrantes haitianos, com o objetivo de promover os direitos, a integração e a valorização sociocultural da comunidade haitiana no Brasil. Desde sua criação, a USIH atua como espaço de acolhimento, articulação política e produção cultural, com foco nas questões da diáspora africana e das populações afrodescendentes no país.

A USIH mantém a Rádio TV Citadelle, criada em 2022, uma emissora comunitária digital bilíngue (português e crioulo haitiano) que funciona como meio de comunicação, formação e preservação cultural. A rádio transmite diariamente músicas, debates, entrevistas e conteúdos educativos que abordam temas como história da diáspora africana, cultura afro-brasileira e haitiana, migração, racismo, direitos humanos e políticas públicas.

O acervo da Rádio TV Citadelle inclui uma exposição de fotos de líderes da revolução haitiana, líderes latino-americanos, figuras do pan-africanismo e artistas da representatividade negra. Conta também com arquivos digitais contendo fotos, áudios, vídeos, músicas tradicionais haitianas e afro-brasileiras, programas gravados, entrevistas com lideranças haitianas e afro-brasileiras, registros musicais, coberturas de eventos culturais e atividades realizadas pela própria USIH.



Registro da celebração do Dia da Bandeira Haitiana (realizada em 18 de maio) que a USIH vem comemorando desde 2015. No momento da foto, o público entoava o hino nacional do Haiti, segurando pequenas bandeiras do país e demonstrando respeito e patriotismo. A ocasião reuniu a comunidade haitiana em um ambiente de união, identidade cultural e valorização das tradições. Foto tirada por Cheslie Jean Baptiste.

-  Vila dos estudantes, 34 - Liberdade, São Paulo - SP, 0150505001016-040
-  u.s.i.haitianos@gmail.com
-  @usihaitianos
-  <https://www.facebook.com/share/1CHT8hPgUT/>

SUL



PARANÁ



Museu Paranaense | Coleções Maé da Cuíca e Vladimir Kozák

O Museu Paranaense é o terceiro museu mais antigo do Brasil. Entre suas coleções, destaca-se o conjunto conhecido como Maé da Cuíca, formado pelo acervo pessoal do sambista que fundou a primeira escola de samba de Curitiba, a Colorado, nos anos 1930. Essa coleção foi catalogada em 2016, cinco anos após a morte de mestre Maé, com a colaboração de pesquisadores e agitadores culturais negros da cidade. Outra coleção relevante é formada pelos registros da Congada na cidade da Lapa, realizados por Vladimir Kozák nos anos 1950, que documentam a Congada Ferreira, manifestação com cerca de 200 anos.

O museu desenvolve projetos para preservar e aprofundar o conhecimento relacionado às coleções, incluindo a indexação de informações sobre os itens do acervo Maé da Cuíca, envolvendo pesquisadores externos e especialistas em carnaval e samba no cenário local. Esse trabalho também inclui a realização de entrevistas com pessoas mais velhas que conviveram com mestre Maé, fortalecendo a memória e a circulação das tradições ligadas ao samba e às manifestações afro-brasileiras no Paraná.

A coleção Maé da Cuíca reúne mais de 300 itens, incluindo fotografias, documentos, sambas-enredo manuscritos ou datilografados, figurinos, instrumentos musicais, troféus e outros materiais ligados à trajetória do sambista. Já os registros de Kozák sobre a Congada ultrapassam 200 itens, entre imagens fotográficas e filmicas, oferecendo testemunho detalhado dessa expressão cultural afro-brasileira, suas personagens e especificidades. Essas coleções permitem ao museu comunicar e valorizar as práticas culturais negras presentes no estado e sua continuidade histórica.



Congada da Lapa, PR - Integrantes da Congada. Vladimir Kozák

-  R. Kellers, 289 – Alto São Francisco, Curitiba - PR, 80410-10001016-040
-  (41) 3304-3300
-  <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/>
-  [@museuparanaense](https://www.instagram.com/@museuparanaense)
-  https://www.facebook.com/MuseuParanaense/?locale=pt_BR
-  <https://www.youtube.com/@MuseuParanaense2021>

RIO GRANDE DO SUL

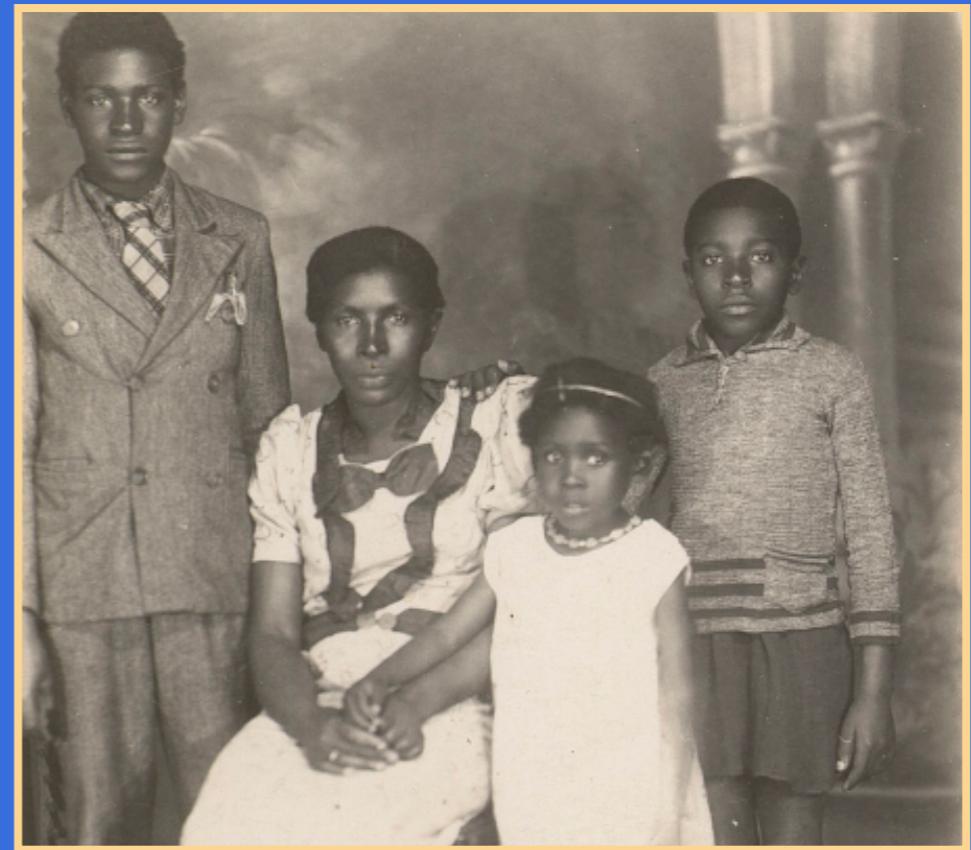


Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami | Projeto “Redescobrindo Acervos”

Em 06 de abril de 2024, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHM-JSA), localizado em Caxias do Sul (RS), iniciou o projeto “Redescobrindo Acervos” como parte da programação da 8ª Semana Nacional de Arquivos. A iniciativa surge em resposta a questionamentos institucionais sobre a forma de descrição e tratamento dos fundos documentais preservados pela instituição, buscando aprimorar suas práticas de organização e representação da memória local.

O projeto tem como objetivo promover o debate sobre o impacto das linguagens e conceitos utilizados na descrição arquivística para a construção da equidade, reconhecimento da diversidade e visibilidade de grupos historicamente marginalizados. Visa estimular práticas arquivísticas que evidenciem a pluralidade dos sujeitos históricos presentes na formação da cidade, atendendo ao compromisso da instituição com a democratização do acesso à informação, o direito à memória e a valorização das experiências coletivas que compõem o território.

O acervo envolvido no projeto já reúne mais de 500 itens em suportes textual, bibliográfico e iconográfico, produzidos entre o final do século XIX e a década de 1990, que apresentam referências às diferentes raças, etnias e grupos sociais que constituem a história de Caxias do Sul. O trabalho se desenvolve por meio da elaboração de um guia de acervo, em constante atualização e que será lançado em Janeiro de 2026, resultado da atuação conjunta da equipe do AHM-JSA e de Bruna Letícia de Oliveira dos Santos, Doutoranda e Mestra em História e professora da Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul, Lucila Guedes de Oliveira, Doutoranda e Mestra em Educação e professora da Universidade de Caxias do Sul, e Michele dos Santos Xavier, presidente do Conselho da Comunidade Negra de Caxias do Sul (COMUNE), que orientam o projeto a partir de perspectivas históricas, educacionais e antidiscriminatórias.



Retrato de Maria Felicia dos Santos de Jesus com os filhos Libio, Aracy e Nely. Caxias (RS). Data: [Entre as décadas de 1920 e 1930]. Autoria não identificada. Coleção Especial BR.RA.AHMJSA. AHM - Itens iconográficos. Doação de Rosa Viegas Preiss. Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

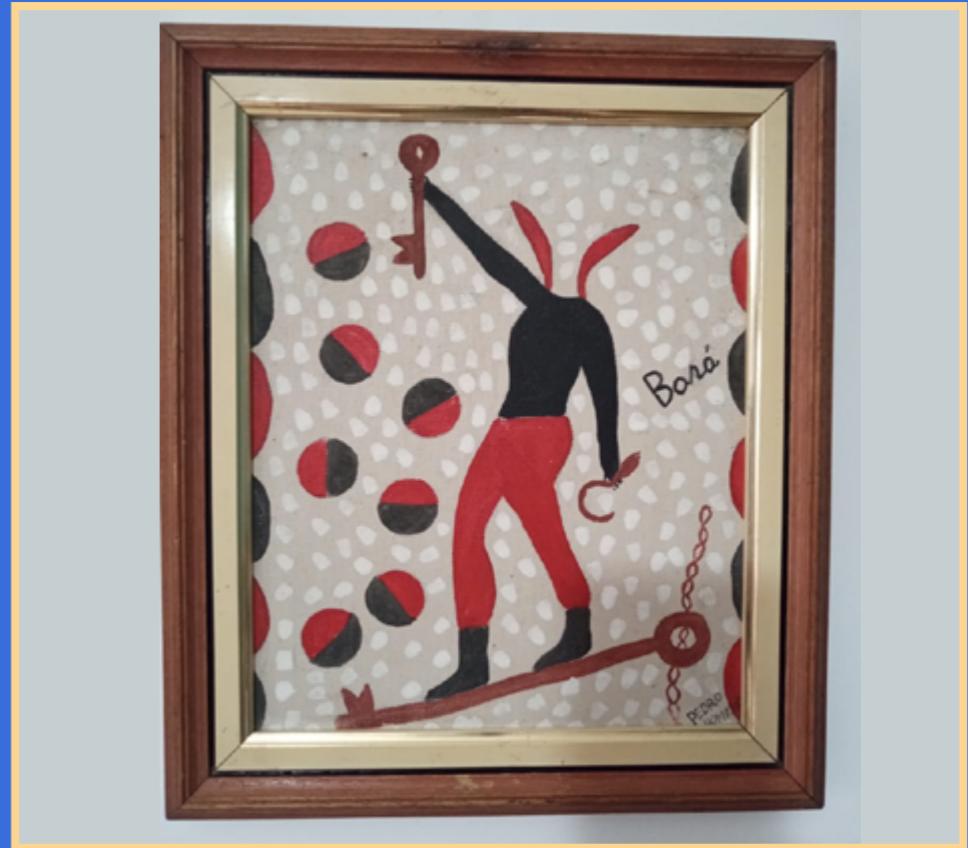
-  Avenida Júlio de Castilhos, 318 CEP: 95.020-576
Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Caxias do Sul (RS)
-  (54) 3901-1318
-  arquivohistorico@caxias.rs.gov.br
-  [Site institucional: https://sites.google.com/view/arquivohistoricojsa](https://sites.google.com/view/arquivohistoricojsa)
[Plataforma de pesquisa online: https://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/](https://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/)
-  [@arquivohistoricojsa](https://www.instagram.com/@arquivohistoricojsa)
-  <https://www.facebook.com/ArquivoHistoricoMunicipalJoaoSpadariAdami/>
-  <https://www.youtube.com/@AHMJSIA>

Capoeira Park | Acervo Pedro Homero

Pedro Homero nasceu em Porto Alegre, em 26 de março de 1936, e destacou-se como artista plástico, músico e articulador da cultura negra na cidade. Teve forte atuação político-social, participou do 1º Fórum Social Mundial em 2001 e foi um dos articuladores da Frente Negra de Artes, além de contribuir para a criação da lei que instituiu o 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. Faleceu em 2005, deixando um legado reconhecido e preservado por pessoas ligadas à sua trajetória, como sua sobrinha Priscila Homero e o capoeira Cássio Tambor.

A missão do trabalho atual de preservação é dar visibilidade à biografia de Pedro Homero como um dos principais artistas e ativistas da cultura negra no Rio Grande do Sul e no Brasil. A Capoeira Park busca tornar seu legado mais conhecido, ressaltando sua contribuição artística e sua atuação na luta pelos direitos sociais e civis da população negra.

O acervo reúne pinturas, a gravação do álbum "O Assunto é Violão", registros de sua participação em festivais da canção, materiais de colaboração com artistas como Lupicínia Rodrigues e a publicação "Orixás: Pintura e Poesia" (1995), produzida com o poeta Silveira de Oliveira. O conjunto evidencia a diversidade de sua produção e a relevância de sua atuação cultural, social e política.



Bará, Pedro Homero. Imagem: Cássio TamborBar



Rua da Hidráulica, 900 - Cecília, Viamão - RS, 94475-81401016-040



[@capoeirapark](#)

Clube 24 de Agosto

O Clube 24 de Agosto é um clube social negro fundado em 1918 em Jaguarão, na fronteira Brasil-Uruguai. Instituição centenária, é um importante espaço de sociabilidade, cultura e resistência da população negra no sul do país. Em 2007, sua sede foi leiloada por dívidas com o ECAD, desencadeando uma forte mobilização pela preservação do espaço. Em reconhecimento, o Clube foi declarado Patrimônio Cultural do RS em 2012. Após intensa luta judicial, em 2016, a penhora da sede foi anulada, sendo reconhecida a existência de "enfiteuse", sendo o bem declarado de interesse público e impenhorável. Nesse contexto de resistência, foi fundado, em 2014, o Acervo do Clube 24 de Agosto, com o intuito de salvaguardar e difundir a sua história e dos protagonismos negros de Jaguarão.

O Acervo preserva, valoriza e comunica a memória do Clube e das comunidades negras locais, atuando como espaço de pesquisa, educação e resistência, fortalecendo a identidade afro-gaúcha. Desde sua criação, o Acervo conta com a parceria do curso de História da Universidade Federal do Pampa, atualmente a partir do Grupo de Estudos Sobre Escravidão e Pós-Abolição (GEESPA), que colaboram na pesquisa, higienização, catalogação e digitalização do material, em trabalho coletivo entre diretoria, comunidade e universidade.

O acervo reúne mais de 600 fotografias, além de livros de atas, ofícios, recortes de jornais, fichas e carteirinhas de sócios, contratos de bandas e objetos do Clube. Também incorpora acervos de outras organizações e personalidades negras da cidade, como os extintos Clube Recreativo Gaúcho (1932) e o Clube Suburbanos (1962), o Bloco O Negrão e parte do acervo pessoal de Dona Mocinha, destacada carnavalesca de Jaguarão. O conjunto documental foi catalogado na plataforma Tainacan e está disponível no seguinte endereço: <https://acervoclube24.com.br/#>. Além da preservação, o Acervo promove exposições, ações educativas antirracistas e projetos permanentes em escolas, como a Oficina dos Territórios Negros (criada em 2011).



Foto ampla, do espaço do acervo, que, além do acervo, conta com armários e estantes de metais, mesa, cadeiras, e computadores. Acervo do Clube 24 de Agosto.

 R. Augusto Leivas, 217 - Jaguarão - RS, 96300-00001016-040

 acervoclube24deagosto@gmail.com

 <https://acervoclube24.com.br/>

 @pontodecultura24

 https://www.youtube.com/@clubesocial24deagosto38/videos?app=desktop&view=0&sort=dd&shelf_id=2

Museu Afro-Brasil-Sul – MABSul

O Museu Afro-Brasil-Sul (MABSul), órgão suplementar do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, foi criado em 2020 para atuar como espaço de referência na preservação da memória afro-brasileira na região Sul do país. Desde sua fundação, tem ampliado suas redes de colaboração, especialmente com NEABI's de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, fortalecendo ações conjuntas voltadas à valorização das identidades negras.

Sua missão é identificar, preservar, divulgar e tornar acessível, preferencialmente em ambiente digital, o patrimônio material e imaterial relacionado às expressões culturais afro-brasileiras do Sul do Brasil. O museu busca ainda fomentar a aplicação da Lei 11.645/08 por meio da produção de conteúdos educativos e pela articulação com coletivos negros, clubes sociais, instituições culturais e órgãos públicos.

O acervo do MABSul reúne diversas coleções temáticas – Arte, Carnaval, Culinária, Clubes Sociais, Educação, Figuras Notáveis, Quilombos, Técnicas Ancestrais e Religiosidade – constituindo um amplo espaço virtual de consulta e pesquisa. Além das coleções, conta com um Banco de Referências de acesso livre, composto por artigos, dissertações, teses e livros, contribuindo para a difusão do conhecimento e para a salvaguarda dos saberes e fazeres do povo negro na região.

MUSEU 
AFRO-BRASIL-SUL

Logotipo do MABSul

-  R. Gomes Carneiro, nº 1, Sala 210 A - Pelotas - RS, 96010-61001016-040
-  mabsul@ufpel.edu.br
-  <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/museuafrobrasilsul/>
-  [@museuafrobrasilsul](https://www.instagram.com/@museuafrobrasilsul)
-  <https://pt-br.facebook.com/museuafrobrasilsul/>
-  <https://www.youtube.com/channel/UCnDIX9t-DCtuiUWVL2MR3rw>

Museu Treze de Maio

O Museu Treze de Maio é um museu comunitário localizado em Santa Maria, Rio Grande do Sul, e tem sua origem no antigo Clube Social Negro Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, fundado em 1903 por trabalhadoras e trabalhadores negros no período pós-abolição. O clube funcionou como importante espaço de sociabilidade, afirmação cultural e enfrentamento do racismo estrutural que impunha segregação à população negra. Seu auge ocorreu entre as décadas de 1940 e 1980, mas o espaço entrou em decadência nos anos 1990, encerrando suas atividades. Em 2001, o "Treze", como é conhecido pela comunidade, foi reativado por pesquisadores negros descendentes dos antigos sócios, que, a partir de princípios da museologia social, reabriram o espaço como Museu em 2003.

Tem como missão preservar, valorizar e difundir a memória da comunidade negra santa-mariense, promovendo o reconhecimento das trajetórias de resistência, organização e produção cultural afro-brasileira. A instituição atua como espaço de educação patrimonial, debate público, fortalecimento comunitário e continuidade das tradições culturais negras, contribuindo para o combate ao racismo e para a promoção de direitos culturais.

O acervo do Museu é composto por documentos e registros produzidos ao longo da história do Clube, incluindo atas, ofícios, carteirinhas de sócios, fotografias, objetos e materiais relacionados às práticas culturais e às atividades sociais.



Painel acervo do Museu Treze de Maio. "Somos começo, meio e começo".
Artista: Rusha.

 R. Silva Jardim, 1407 – Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria – RS, 97010-49001016-040

 (55) 8427-4287 | (55) 3226-6082

 contato@museutrezedemaio.com

 <https://museutrezedemaio.com/>

 [@museutrezedemaio](https://www.instagram.com/museutrezedemaio)

VIELAS Espaço Cultural | Museu de Arte Regina Rodrigues Machado

O Graffitour é um passeio artístico e cultural realizado pelo VIELAS Espaço Cultural no bairro Euzébio Beltrão de Queiroz, em Caxias do Sul (RS), conhecido como Zona do Cemitério e historicamente marcado por altos índices de violência urbana e vulnerabilidades sociais. A iniciativa surgiu a partir das ações do VIELAS, que, desde 2022, promove intervenções urbanas que ressignificam o território e ampliam o reconhecimento do bairro pelo poder público. Em agosto de 2025, o percurso passou a integrar o Museu de Arte Regina Rodrigues Machado (MARM), reconhecido como museu de território pelo Ministério da Cultura / IBRAM (Código Identificador nº 313662), fortalecendo a proposta de um museu a céu aberto.

A missão do Graffitour é evidenciar a realidade periférica e estimular a compreensão da arte urbana e da cultura local como instrumentos de transformação social, valorizando narrativas que rompem com estigmas associados à periferia. Destina-se a visitantes interessados em graffiti, arte urbana, cultura periférica, turismo comunitário e educação patrimonial, compreendendo o território como espaço de memória e criação coletiva. O projeto busca democratizar o acesso à cultura, incentivar a participação social e fortalecer vínculos comunitários, ampliando repertórios estéticos e políticos sobre a cidade.

O acervo do MARM é composto por mais de 70 obras distribuídas em muros e residências do bairro, incluindo produções em Graffiti, Muralismo, Lambe-Lambe e Arte Tridimensional, que foram catalogadas e integram um catálogo digital, lançado em Dezembro de 2025, que permite consulta pública e amplia as formas de comunicação e fruição do acervo. Vencedor do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade em 2025, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Graffitour consolida-se como prática de educação patrimonial do MARM, gerando pertencimento territorial e novas possibilidades de desenvolvimento local, reafirmando o papel da arte na construção de memórias e na produção de alternativas de vida e expressão para a comunidade.



Mural "Dona Regina: memória, afeto e ancestralidade"
Autoria: Rusha Silva (Santa Maria/RS). Data: Novembro/2025. Técnica: Lambe-lambe.

- Rua Vinte de Setembro, 3459 - CEP 95.020-055 - bairro Euzébio Beltrão de Queiroz - Caxias do Sul (RS)
- vielas.espacocultural@gmail.com
- [Plataforma MuseusBR](#)
[Catálogo online](#)
[Graffitour online](#)
- [@vielasespacocultural](#)
- <https://www.facebook.com/VielasEspacoCultural/>

GLOSSÁRIO

Utilizamos definições reconhecidas na literatura científica e para efeito deste documento considera-se:

Acervo: A palavra acervo vem do latim *acervus* e significa um conjunto de bens ou propriedades que pertencem a várias pessoas. Um acervo pode ser formado e valorizado por diferentes motivos – como tradição, herança ou simplesmente pela acumulação ao longo do tempo. Ele é mantido e cuidado por alguém ou por uma instituição. Além disso, um acervo pode reunir diversas coleções, que são organizadas a partir de processos de documentação, pesquisa, conservação e/ou curadoria (DOMINO-ICOM DOCUMENTATION, 2025).

Acessibilidade: Condição que garante a todas as pessoas a possibilidade de acesso, uso, compreensão e fruição de espaços, serviços, produtos, informações e conteúdos (físicos ou digitais) com segurança, autonomia e dignidade. Tipos de Acessibilidade: Física, Comunicacional, Atitudinal e Universal.

Acessibilidade Atitudinal: Refere-se às atitudes, valores e comportamentos que favorecem o respeito à diversidade e a inclusão de todas as pessoas.

Acessibilidade Comunicacional: Garantia de acesso à informação e à comunicação em suas

múltiplas formas. Inclui o uso de recursos como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), legendas, audiodescrição, comunicação alternativa, textos em linguagem simples, braile e formatos digitais acessíveis.

Acessibilidade Física: Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaços, mobiliário, equipamento urbano, serviços e produtos.

Acessibilidade Universal: O acesso, a participação, o entendimento e o convívio entre todas as pessoas devem considerar as esferas: física, intelectual, cognitiva e atitudinal.

Acondicionamento: Processo de acondicionar, ou seja, guardar em embalagem, e proteger itens de um acervo, como documentos, objetos históricos ou obras de arte, de forma a garantir sua conservação. Isso envolve a utilização de materiais de embalagem adequados e técnicas que minimizem os riscos de danos físicos, químicos e biológicos.

Afroturismo: Afroturismo é uma forma de praticar turismo a partir de roteiros e experiências que apresentam a história e a cultura da afrodiáspora. Este segmento turístico tem como objetivo a valorização da cultura, patrimônios e saberes, conectando pessoas à história de contribuição da população afrodescendente no mundo. Protagonizado por pes-

soas negras, o Afroturismo no Brasil é uma ferramenta educativa, capaz de promover de maneira antirracista a valorização da herança africana e da cultura afro-brasileira na formação da sociedade brasileira, gerando economia para a população negra não só na cadeia do turismo, mas também em diversos segmentos da economia criativa, comunidades tradicionais e produção associada ao turismo (MTUR, 2025).

Armazenamento: Processo de guardar e preservar documentos, objetos ou informações que compõem um patrimônio para conservar, acessar e disseminar posteriormente.

Armazenamento Digital: Guarda de documentos digitais em dispositivos de memória não volátil.

Arquivo: Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte.

Arquivo corrente: Conjunto de documentos, em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes pela entidade que o produziu, a quem compete a sua administração.

Arquivo intermediário: Conjunto de documentos originários de arquivos correntes com uso

pouco frequente, que aguarda destinação.

Arquivo nato digital: São os arquivos que já “nasceram” digitais, que podem ser imagens, vídeos, documentos ou outras tipologias de arquivo.

Arquivo permanente: Conjunto de documentos que deixam de ter valor previsível para seus produtores por questões administrativas, legais e financeiras, e que são conservados permanentemente por possuírem valor histórico de testemunho.

Audiodescrição: Recurso de acessibilidade que permite que as pessoas com deficiência visual possam assistir e entender melhor filmes, peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas e demais manifestações e recursos visuais, por meio da tradução de imagens em textos descritivos.

Autenticidade: Credibilidade de um documento como documento, isto é, a qualidade de um documento ser o que diz ser e de estar livre de adulteração.

Autodescrição: Informações sobre o indivíduo que as pessoas sem deficiência visual absorvem visualmente. Quando realizada por todos numa reunião ou conferência, dá às pessoas cegas ou com baixa visão presentes uma sensação de diversidade ou falta de diversidade de quem fala, num painel ou na sala em geral.

Ação Educativa: Ação que produz interfaces entre os diferentes processos museais, tais como a pesquisa, a conservação, a preservação e a comunicação, prevenindo a dissociação entre meios e fins nas ações museais e contribuindo para a integração entre museu e sociedade.

Bens Culturais (materiais e imateriais): Todos os bens culturais e naturais que se transformam em testemunhos materiais e imateriais da trajetória do homem sobre o seu território (BRASIL, 2013).

Bibliografia: Listagem de citações de livros, artigos de revistas ou outros materiais que estejam diretamente relacionados com um determinado assunto, e que é normalmente encontrada no final dos livros ou revistas.

Biblioteca: Coleção organizada de livros e de publicações em série e impressos ou de quaisquer documentos gráficos ou audiovisuais disponíveis para o empréstimo, consulta ou estudo, criado com determinados fins de utilidade pública ou privada.

Biblioteconomia: Ciência que estuda a organização, gestão e disseminação da informação, independente do suporte (livros, documentos, mídias digitais). Teoria, atividades e técnicas relativas à organização e gestão de bibliotecas, assim como à aplicação de legislação sobre elas.

Centro Cultural: Espaço destinado para a promoção de diferentes programações e manifestações artísticas e culturais, como festivais, shows, peças de teatro, exposições, cinema, circo, literatura, palestras, cursos, etc.

Centro de Memória: É uma área de uma instituição cujo objetivo é reunir, organizar, identificar, conservar e produzir conteúdo e disseminar a documentação histórica para os públicos interno e externo. Ecoando os valores das instituições, os Centros de Memória geram produtos e serviços, dialogando

com o campo da gestão do conhecimento, da comunicação e da cultura organizacional (ITAÚ CULTURAL, 2013).

Centro de Referência e Pesquisa: É o setor de uma instituição que estuda, organiza e divulga informações sobre o seu acervo. Ele reúne e compartilha conhecimentos, promove pesquisas, articula ações educativas e culturais e cria espaços de troca entre especialistas e público, fortalecendo a compreensão e o uso do patrimônio preservado.

Classificação: Organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano de classificação, código de classificação ou quadro de arranjo. Análise e identificação do conteúdo de documentos, seleção da categoria de assunto sob a qual serão recuperados, podendo lhes atribuir códigos.

Coleção: Um conjunto de bens materiais ou imateriais – como obras, objetos, ideias, amostras, documentos ou relatos – que uma pessoa ou instituição reuniu, organizou, escolheu e preservou em um lugar seguro. Esse conjunto pode ser reunido a partir de critérios como temática, época, autoria, estilo, classificação ou procedência, e costuma ser compartilhado ou apresentado para um público, fazendo parte de uma coleção pública ou privada (DESVALLES; MAIRESSE, 2013).

Comunidades: Grupo de pessoas que compartilham interesses, territórios, valores culturais, experiências em comum, senso de pertencimento, seja em um espaço físico delimitado ou em um ambiente virtual. Ela se caracteriza pela interação e colaboração entre seus membros, buscando objetivos e propósitos em comum.

Comunidades e Povos Tradicionais de Terreiro e Comunidades e Povos Tradicionais de Matriz Africana:

Apresentam um patrimônio de diversidade linguística, ritual, sagrada, social, econômica e política baseada em fundamentos, princípios, cosmovisões, ritualidades e interações que mantêm e reelaboram a identidade africana e afro-brasileira. Para esses povos e comunidades, a memória dos ancestrais e antepassados é muito importante (BRASIL, 2024).

Comunidades quilombolas: os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

Conservação: Conjunto de ações realizadas direta ou indiretamente sobre os bens culturais, com o objetivo de prevenir ou retardar os processos de deterioração física, química e biológica que afetam os acervos museológicos.

Conservação integrada: Considera a participação da sociedade e demanda o acesso à informação completa, objetiva e suficiente para subsidiar a contribuição cidadã. Requer a promoção de métodos, técnicas e competências para o restauro e a conservação, e o investimento em pesquisa e formação de pessoal qualificado em todos os níveis numa perspectiva multidisciplinar.

Conservação preventiva: Conjunto de medidas e ações definidas de forma multidisciplinar, com o objetivo de evitar e minimizar a deterioração e a perda de valor dos bens culturais. Essas medi-

das são prioritariamente indiretas, não interferindo no material nem na estrutura dos objetos. Engloba ações de pesquisa, documentação, inspeção, monitoramento, gerenciamento ambiental, armazenamento, conservação programada e planos de contingência.

Curadoria de coleções: Processo de tratamento conceitual e técnico de coleções museológicas feito por áreas de especialidades referente às coleções em questão. A curadoria de coleções é uma atividade científica e praticada por especialistas e docentes que atuam em museus, centros de pesquisa e laboratórios.

Curadoria de exposições: Processo de interpretação de áreas diversas do conhecimento com vistas a elaboração de exposições museológicas.

Digitalização: O processo de conversão dos documentos físicos para um formato digital envolve a utilização de softwares e hardwares, que contemplam a autenticidade, fidedignidade, integridade, originalidade e a tipologia de cada acervo em diferentes formatos digitais (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2019; CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2012).

Documentação museológica: Sistema baseado em metodologia e fundamentação teórica da Museologia que busca registrar de distintas formas todas as informações sobre os objetos museológicos, permitindo a sua coleta de informações, sua organização e disponibilização.

Documento: Unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato.

Expografia: Conjunto de técnicas e conhecimentos utilizados para planejar, projetar e executar exposições, seja em museus, galerias ou outros espaços. Envolve a organização espacial, a disposição de objetos, a escolha de materiais, a iluminação, a comunicação visual e outros elementos que visam criar uma experiência significativa para o público.

Função dos Museus: Atuar como espaços de discussão, interação, pesquisa e conhecimento, levando em consideração a produção simbólica e a diversidade cultural, garantindo, ainda, a participação efetiva da sociedade nos processos museais (IBRAM, 2025; BRASIL, 2009).

Gerenciamento de riscos: A gestão de risco oferece ao campo da preservação patrimonial uma metodologia com base no conhecimento técnico e científico, que permite uma visão integrada dos riscos e danos a que estão sujeitos os bens culturais. Fornece subsídios para a otimização da tomada de decisões dirigidas à conservação do patrimônio cultural. Estabelece prioridades de ação e alocação de recursos para mitigar os diversos tipos de risco ao patrimônio cultural.

Gestão: Conjunto de tarefas que procuram garantir a eficiência nos processos de trabalho e a alocação eficaz de todos os recursos disponibilizados pela organização, a fim de que sejam atingidos os objetivos pré-determinados para a preservação dos acervos.

Gestão de documentos de arquivo: Conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando à sua eliminação ou recolhi-

mento. Também chamado de "administração de documentos".

Iniciativa Cultural: Aplica-se a projetos ou ações que visam a promoção de atividades no âmbito da Cultura, e que geralmente integram o campo das Artes e da Educação. Essas iniciativas atuam dentro de um determinado contexto ou sociedade, com o objetivo de fortalecer e valorizar identidades culturais e/ou patrimônios.

Integridade: Estado dos documentos que se encontram completos e não sofreram nenhum tipo de corrupção ou alteração não autorizada nem documentada.

Inventário: Registo detalhado e sistemático de todos os objetos e bens culturais que compõem o acervo de um museu.

Manifestação Cultural: Expressão social, simbólica e artística por meio da qual grupos e comunidades constroem, transmitem e atualizam seus valores, identidades, crenças, memórias e modos de vida.

Memorial: É um espaço de memória que tem como objetivo homenagear, rememorar e/ou refletir sobre personalidades, instituições, grupos sociais, fatos ou acontecimentos relevantes para uma determinada sociedade, geralmente a partir de atividades expositivas e educativas.

Memória: Processo social e cultural por meio do qual indivíduos e coletividades constroem, preservam, interpretam e transmitem suas experiências, identidades, saberes e histórias ao longo do tempo.

Metadados: Dados estruturados que descrevem e permitem encontrar, gerenciar, compreender e/ou preservar documentos ao longo do tempo.

Metodologia: Critérios ou fundamentos utilizados para ensinar um determinado conhecimento. Métodos aos quais uma área de conhecimento se liga ou de que se utiliza, seguindo um processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento em si.

Musealização: Processos científicos das funções museais por meio dos quais se realiza a preservação do patrimônio, a partir das ações de documentação, conservação, pesquisa e comunicação, que no museu esse processo melhor se observa e efetiva (BRITTO; SILVA; PANTOJA, 2024).

Museografia: Atualmente, a museografia é definida como a figura prática ou aplicada da museologia, isto é, o conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais, e particularmente aquilo que concerne à administração do museu, à conservação, à restauração, à segurança e à exposição (DESVALLES; MAIRESSE, 2013).

Museologia: Historicamente conhecida como o campo que estuda os museus, é considerada uma área do conhecimento vinculada às Ciências Sociais Aplicadas, onde teoria e prática possuem uma relação dialógica. Investiga a relação dos seres humanos com os bens culturais e o meio em que estão inseridos, podendo este meio ser o museu ou outros espaços, mas se aplica sobretudo a partir dos processos museológicos.

Museus: Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM-BR, 2022).

Museu Comunitário: se configura como um museu de território onde os espaços são criados e geridos em sistema de cooperação e participação da comunidade com o objetivo de preservar e compartilhar o patrimônio local e fortalecer a identidade coletiva.

Museu de Território: Os museus de território surgem, então, como uma resposta aos museus tradicionais, baseando-se na musealização de um território, com ênfase dada às relações culturais e sociais homem/território, ao valorizar processos naturais e culturais, e não os objetos enquanto produtos da cultura, baseada no tempo social (REIS, 2021).

Museu Integral: Se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais.

Museu Virtual: Espaço que utiliza a internet e tecnologias digitais para apresentar e interagir com o patrimônio cultural, permitindo a pesquisa, conservação, comunicação e exposição do acervo de forma digital, ampliando o acesso e promovendo novas formas de interação com o público.

Obras Raras: Entendem-se por obras raras de acervo bibliográfico, obras dos séculos XV ao XVIII, obras editadas no Brasil até metade do século XIX, edições de tiragem reduzida até 300 exemplares, edições de luxo, como coleções com encadernações em papel artesanal, obras esgotadas, exemplares com anotações manuscritas, incluindo dedicatórias.

Patrimônio Cultural: São bens culturais aos quais atribuímos valor social, memórias coletivas que precisam ser legalmente salvaguardados pelo Município, Estado ou pela União, para serem cultivados, conservados, cuidados e transmitidos para todas as gerações.

Patrimônio digital: Conjunto de objetos digitais que possuem valor suficiente para serem conservados a fim de que possam ser consultados e utilizados no futuro.

Patrimônio material: São bens físicos e tangíveis, como edifícios, monumentos, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos, artefatos, obras de arte, objetos arqueológicos e integrados, pinturas parietais, esculturas e adornos integrados em edificações e objetos históricos.

Patrimônio imaterial: São práticas culturais intangíveis, como tradições, representações, expressões, conhecimentos, técnicas, e modos de fazer

que são transmitidos de geração em geração.

Pesquisa: Processo sistemático de investigação que visa descobrir, interpretar e rever fatos, dados, relações ou leis através da aplicação do método científico

Plano: Conjunto de métodos, atividades, tarefas, ações e medidas, por meio dos quais as metas e os objetivos (de um programa) podem ser alcançados.

Plano de classificação de documentos: Esquema de distribuição de documentos em classes, de acordo com métodos de arquivamento específicos, elaborado a partir do estudo das estruturas e funções de uma instituição e da análise do arquivo por ela produzido. Expressão geralmente adotada em arquivos correntes.

Plano Museológico: O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

Política: Conjunto das ambições, princípios e objetivos que fornece a base para o planejamento e as ações.

Política de acervo: Conjunto de diretrizes e procedimentos que orientam a gestão, preservação e desenvolvimento de uma coleção ou acervo de

uma instituição, seja ela um museu, arquivo, biblioteca ou centro de memória. Essa política define critérios para aquisição, conservação, uso, descarte e acesso ao acervo, garantindo sua integridade e relevância ao longo do tempo.

Ponto de Cultura: Entidades jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, grupos ou coletivos sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvem e articulem atividades culturais em suas comunidades

Ponto de Memória: Podem ser reconhecidos como pontos de memória as iniciativas de entidades, coletivos ou grupos que historicamente não tiveram a oportunidade de narrar e expor suas próprias histórias e patrimônios nos museus, mas que desenvolvem práticas e processos de museologia social e comunitária como uma forma de promoção e difusão da memória social em sua diversidade constitutiva. As entidades ou coletivos culturais podem ser certificados como pontos de memória pelo Ibram.

Pontão de Cultura: Entidades com constituição jurídica, de natureza/finalidade cultural e/ou educativa, que desenvolvem, acompanhem e articulem atividades culturais, em parceria com as redes regionais, identitárias e temáticas de pontos de cultura e outras redes temáticas, que se destinam à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais e à articulação entre os diferentes pontos de cultura que poderão se agrupar em nível estadual e/ou regional ou por áreas temáticas de interesse comum, visando à capacitação, ao mapeamento e a ações conjuntas.

Preservação: Medidas e ações definidas

com o objetivo de salvaguardar os bens culturais e garantir sua integridade e acessibilidade para as gerações presentes e futuras. Inclui ações de identificação, catalogação, descrição, divulgação, conservação e restauração.

Preservação digital: Conjunto de ações gerenciais e técnicas exigidas para superar as mudanças tecnológicas e a fragilidade dos suportes, garantindo o acesso e a interpretação de documentos digitais pelo tempo que for necessário.

Preservação sustentável: Considera que os métodos e técnicas de preservação devem objetivar a eficiência no uso de recursos naturais e a diminuição do impacto ambiental. Valoriza os significados socioculturais do patrimônio cultural e natural e relaciona a conservação da sua materialidade com o seu caráter, suas identidades, valores e crenças construídas ao longo do tempo. Visa nas ações de revitalização e de intervenção a promoção da cidadania, a valorização cultural e étnica e o desenvolvimento sustentável local.

Processo museológico: Programa, projeto ou ação em desenvolvimento ou desenvolvido com fundamentos teóricos e práticos da museologia, que considere o território, o patrimônio cultural e a memória social de comunidades específicas, para produzir conhecimento e desenvolvimento cultural e socioeconômico (BRASIL, 2013).

Quilombo: Atualmente, diz respeito tanto aos territórios de comunidades remanescentes de quilombo seja em território rural ou urbano, quanto conceito político-jurídico, como também no sentido de organização social das comunidades negras sendo

instrumento contemporâneo de luta e transformação das relações raciais e sociais, além de espaço de valorização dos modos de vida e culturas negras (BRASIL, 2003; NASCIMENTO, 2021).

Rede Temática: Pode ser definida como um grupo de indivíduos e/ou instituições que em uma dinâmica de relacionamento colaborativa e com propósitos comuns, se reúnem envolta de determinada temática com intuito de articulação política, discussões e implementações de ações para atingir seus objetivos pautados na temática de fundamento da rede.

Reserva técnica: É o local onde são armazenados e acondicionados os acervos que não estão em exposição, garantindo sua conservação e segurança. É um espaço com monitoramento de temperatura, umidade, iluminação e segurança.

Restauração: Ações realizadas diretamente sobre um bem que perdeu parte de sua significância ou função, devido à deterioração e/ou intervenções anteriores, com o objetivo de possibilitar sua apreciação, uso e fruição. Devem ser realizadas em caráter excepcional e se basear no respeito pelo material preeexistente.

Saberes Ancestrais: Reconhecidos como fonte de conhecimentos, podem ser representados também nas práticas, valores e modos de viver construídos e transmitidos intergeracionalmente entre comunidades e povos num território, especialmente por meio da oralidade.

Salvaguardar: A salvaguarda considera os modos de vida e representações de mundo de coletividades humanas e o princípio do relativismo

cultural de respeito às diferentes configurações culturais e aos valores e referências, que devem ser compreendidos a partir de seus contextos. Por outro lado, também é pautada no reconhecimento da diversidade cultural como definidora da identidade cultural brasileira e procura incluir as referências significativas dessa diversidade (IPHAN, S/D).

Sítios de Memória e Consciência: Os Sítios de Memória e Consciência são espaços dedicados à preservação das narrativas sobre violações de direitos humanos, resistência, luta democrática e processos de reparação no Brasil. Presentes em todas as regiões do país, esses lugares – museus, centros de memória, antigos espaços de represão, casas de cultura, arquivos e iniciativas comunitárias – guardam histórias que ajudam a compreender nosso passado recente e os caminhos para o fortalecimento da democracia. (Ibram, 2025).

Sustentabilidade: Escolhas sobre as formas de produção, consumo, habitação, comunicação, alimentação, transporte e nos relacionamentos entre as pessoas e delas com o ambiente, considerando os valores éticos, solidários e democráticos.

Terreiro: É um espaço tradicional de matriz africana onde se preservam saberes, práticas religiosas, rituais, memória e identidade. Se configura como um território político de pertencimento, transmissão de conhecimentos, convivência, resistência e ligação entre o material, o sagrado e a ancestralidade (SEPPIR, 2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACAM Portinari; Governo do Estado de São Paulo. Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes. Brodowski / São Paulo: Laser Press Gráfica e Editora Ltda. 2010. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.

BIBLIOTECAS AEB. Glossário de termos biblioteconômicos. Disponível em: <https://bibliotecadaesb.webnode.pt/apoio-ao-estudo/glossario-de-termos-bibliotecon%C3%A9micos/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-acesso-a-informacao/legislacao/legis09.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em 13 de nov. 2025.

BRASIL. Decreto nº 8.124 de 17 de outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 out. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm. Acesso em 13 de nov. 2025.

BRASIL. Lei Nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 jul. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d12278.htm. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Decreto Nº 12.278, de 29 de novembro de 2024. Institui a Política Nacional para Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e de Matriz Africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 nov. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d12278.htm. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRITTO, Rosangela Marques de; SILVA, Anna Paula da; PANTOJA, Silvia Raquel de Souza. A PRESERVAÇÃO DO ACERVO DO ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS A PARTIR DO INVENTÁRIO.. In: Anais do 33º Encontro Nacional da ANPAP – Vidas. Anais... João Pessoa (PB) UFPB, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/33-encontro-nacional-da-anpap-vidas-421945/844779-A-PRESERVACAO-DO-ACERVO-DO-ESPA%C3%8DO-CULTURAL-CASA-DAS-ONZE-JANELAS-A-PARTIR-DO-INVENTARIO>. Acesso em: 27 nov. 2025.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira; CUNHA, Murilo Bastos da. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). Resolução Nº 37, de 19 de dezembro de 2012. Aprova as Diretrizes para a Presunção de Autenticidade de Documentos Arquivísticos Digitais. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, Edição nº 245, 20 dez. 2012. Seção 1. 10 p. Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/legislacao-arquivistica/resolucoes-do-conarq/resolucao-no-37-de-19-de-dezembro-de-2012>. Acesso em: 28 fev. 2017.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DOMINO-ICOM DOCUMENTATION. DOCUMENTACIÓN EN LOS MUSEOS DE IBERO-AMÉRICA: 2^a Encuesta – Glosario. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Manual de digitalização. Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT, 2019. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/manual_de-digitalizacao-da-fiocruz-2019. 11 nov. 2025.

IBRAM. Plano Nacional Setorial de Museus 2025-2035. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2025-a-2035.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2025.

ICOM-BR. Nova Definição de Museu. 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 13 nov. 2025

IPAC-BA. Conceitos gerais. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/ipac/patrimonio-cultural/conceitos-gerais>. Acesso em: 26 nov. 2025.

IPHAN. Instrumentos de Salvaguarda. S/D. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/418>. Acesso em: 02 dez. 2025.

ITAÚ CULTURAL. Centros de Memória: manual básico para implantação. São Paulo: Itaú Cultural/Centro de Memória, Documentação e Referência Itaú Cultural, 2013. Disponível em: https://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/11/CM_web.pdf. Acesso em: 29 nov. 2025.

MDS. Grupos tradicionais e específicos. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cadastro_unico/_filipeta_cadunico_periodo_eleitoral.pdf. Acesso em: 26 nov. 2025.

MINC. Glossário. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/politicas-do-setor-museal/politica-nacional-de-educacao-museal-pnem/conheca-a-pnem/glossario>. Acesso em: 26 nov. 2025.

MTUR. Guia do Afroturismo no Brasil: Roteiros e Experiências da Cultura Afro-Brasileira. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obrae-e-atividades/afroturismo/guia_afroturismo_mtur.pdf. Acesso em: 29 nov. 2025.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. RATTs, Alex (Org.). 1^a ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

REIS, Gabriele Alves. Os museus de território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural. Revista CPC, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 31, p. 69-94, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v16i31p69-94. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/175062>. Acesso em: 02 dez. 2025.

SANTOS, Maria Célia T. M. Museu e educação: conceitos e métodos. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, v. 31 (jan/jun). Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras. 2002.

SECULT-MG. Caderno de diretrizes museológicas I. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU. Belo Horizonte: SECULT/Superintendência de Museus, 2006.

SEPPIR. Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana: Cartilha. Brasília: Ministério da Justiça e da Cidadania, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. 2016. Disponível em: <https://repositorio.sistemas.mpba.mp.br/bitstream/123456789/459/1/Povos%20e%20Comunidades%20Tradicionais%20de%20Matriz%20Africana.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador
Felício Ramuth

Secretaria de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas
Marilia Marton

Secretário Executivo
Marcelo Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete
Vicenzo Carone

Chefe da Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais
Marina Sequentto Pereira

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural
Mariana de Souza Rolim

Coordenadora de Museus

Renata Araújo

Chefe da Divisão de Planejamento e Gestão Museológica
Mirian Midori Peres Yagui

Chefe da Divisão Técnica Museológica

Luana Gonçalves Viera da Silva

Equipe Técnica

Angelita Soraia Fantagussi, Camila Michelle Gonçalves de Lima, Dayane Rosalina Ribeiro, Eleonora Maria Fincato Fleury, Gustavo Nascimento Paes, Henry Silva Castelli, Lázaro Henrique Reis Almeida, Luciana Nemes Xavier, Marcos Antônio Nogueira da Silva, Rafaela Almeida e Silva, Regiane Lima Justino, Reinaldo de Carvalho Bueno Júnior, Roberta Martins Silva, Tayna da Silva Rios, Thiago Brandão Xavier e Thiago Fernandes de Moura.

GUIA DA REDE DE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS 2026

Organização

Aline Carvalho | Ilê Axé Inginoquê Omorossí – IAIO
Graciele Karine Siqueira | Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC/UFC
Janderson Brasil Paiva | Museu Afro Brasil Emanoel Araujo
Nascilene Ramos | Museu do Café
Renata Pante | Museu da Pessoa
Silvia Raquel de Souza Pantoja | Rede Museologia Kilombola

Identidade visual da Rede de Acervos Afro-brasileiros

Erik Allan

Diagramação

Ana Clara Schuller

Bibliotecária

Janaina França de Melo | Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

Revisão

Renier Vasconcelos | Programa de Voluntariado Museu Afro Brasil

REDE DE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS

NORTE

Amapá

Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau
Padre Paulo Matias

Pará

Rede Museologia Kilombola
Silvia Raquel de Souza Pantoja

NORDESTE

Alagoas

Família Húndésô
Doté Elias

Bahia

Casa de Oxumarê
Daniela Estrela
Pai Tinho

Ilê Axé Inginoquê Omorossí – IAIO
Aline Carvalho

Ilê Axé Opô Aganju

Felipe Valente Lasserre Silva
Henrique Júlio Vieira

Memorial Mãe Menininha de Gantois
Tanira Fontoura**Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – MAFRO/UFBA**
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha**Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira – MUNCAB**
Cintia Santos de Souza
Jamile dos Santos Coelho**Museu Pai Dadá**
Adauto Poeta
Roberta Roveri
Waha Macy**Projeto Ewé Lati Wòsàn: Folha para Curar Museu Digital**
Daniela Moreira**ZUMVÍ Arquivo Afro Fotográfico**
José Carlos Ferreira dos Santos Filho**Ceará****Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados**
Éden Barbosa**Museu Arthur Ramos | Casa de José de Alencar**
Leandro Bulhões
Márcia Pereira de Oliveira**Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC/UFC**
Graciele Karine Siqueira**Museu do Ceará**
Paula Virgínia**Maranhão****Cafua das Mercês | Museu do Negro**
Amélia Cunha**Museu Afro Digital do Maranhão – MAD/MA**
Marilande Martins Abreu
Wellington B. dos Santos**Rio Grande do Norte****Casa Afropoty Sociedade Afrocentrada - CASA**
Cláudia Íngrid Campos Paiva Moreira
Stéphanie Campos Paiva Moreira**CENTRO OESTE****Distrito Federal****Instituto Memorial Lélia Gonzalez**
Vinícius Sena**Mato Grosso****Voluntariado**
José Batista Franco Júnior**SUDESTE****Espírito Santo****Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo – MAPES**

André Sopon Pereira
Lucas Martins da Silva

Minas Gerais**Acervo Fotográfico Nagôgrafia**
Vitú de Souza**CENPRE - Centro de Preservação da Memória Negra de Juiz de Fora e Região**
Giane Elisa Sales de Almeida**Rio de Janeiro****Acervo Fotográfico Maria Buzanovsky**
Maria Buzanovsky**Ilê Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira**

Mestre Paulão Kikongo

Ilê da Oxum Apara – ACIOA

Oyábunmi Silvana
Cátia Regina Correia

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO

Clícea Maria Augusto de Miranda

Memorial Cristóvão Lopes dos Anjos | Àsé Olorokè Ilê Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman
Robson Bento Outeiro**Memorial Oxum | Egbe Ilê Iya Omidaye Ase Obalayo**
Arethuza Doria
Mãe Márcia de Oxum**Museu Nacional/UFRJ**
Michele de Barcelos Agostinho
Paula de Aguiar Silva Azevedo**Rede Museologia Kilombola**
Isabel Gomes**Voluntariado**
Emanuele Rosa**São Paulo****Asè Alaketù Ilè Ogun**
Ìyálórisà Emanuela de Sàngó
Edilson Aparecido Moraes**Associação Beneficente Cultural e Religiosa Casa de Culto Afro Brasileiro Ilê Asé Sobo Oba Àrirá**
Marcelo Ruiz de Jesus Moderno
(Babalorisá Marcelo de Ologunédé)
Rogerio Correia da Silva

Baixada do Glicério Viva Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental
Rosseline Tavares

Casa Mário de Andrade
Arthur Major
Mariana Hangai

Casa Museu Ema Klabin
Talitha Dester

Casa Sueli Carneiro
Ionara Lourenço

Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira SP/PR - EAACONE
Letícia França
Tânia Heloisa de Moraes

Fundo Milton Santos | Instituto de Estudos Brasileiros da USP – IEB
Elisabete Marins Ribas
Matheus de Souza Pedroso

Ilê Axé Omo Ajunsun
Ialorixá Mara de Ogum

Ilé Ìyá Òdò Àsé Aláàfin Òyó
Mãe Nâna de Yemanjá

Museu Afro Brasil Emanoel Araujo
Erick Santos
Estela Maria Olímpio
Janderson Brasil Paiva

Museu da Cidade de São Paulo
Brenda Alves Marques
Brune Bonifácio

Museu da Pessoa
Renata Pante

Museu das Favelas
Claudia Onorato
Danieli Leite

Museu do Café
Nascilene Ramos

Museu dos Aflitos
Lucas Almeida
Júlia Garcia dos Santos

Museu Itamar Assumpção
Anelis Assumpção

Pavilhão das Culturas Brasileiras – PACUBRA
Emília Maria de Sá
Vera Toledo Piza

Quilombo Urbano Negra Visão | Memorial Negro de Atibaia
Silvana Cotrim

Voluntariado
Marjorie Luz

SUL

Rio Grande do Sul

Capoeira Park | Coleção Pedro Homero
Cássio Guimarães Pereira

Museu Afro-Brasil-Sul MAB-Sul
Felipe da Silva Martins
Rosemar Gomes Lemos

Santa Catarina

Voluntariado
Thainá Castro

AGRADECIMENTOS

Fernanda Correira | Fotógrafa
Jessyca Ferreira Alves | Fotógrafa
Melissa Oliveira da Cruz | Designer
Robson da Silva Chatas | Assistente de Produção
Stefany Santos Matos | Assistente de Produção
Pela contribuição na realização do 2º Encontro da Rede de Acervos Afro-brasileiros, a partir do Programa de Voluntariado Museu Afro Brasil 2025.

Nos acompanhe nas redes sociais:



[@acervosafrbrasileiros](#)



[Playlist 1º Encontro da Rede de Acervos Afro-brasileiros](#)

[Playlist 2º Encontro da Rede de Acervos Afro-brasileiros](#)

Os textos e imagens que compõem o Guia da Rede de Acervos Afro-Brasileiros 2026 foram enviados, revisados e aprovados pelas iniciativas apresentadas.

As iniciativas presentes nos Guias da Rede de Acervos Afro-brasileiros 2024 e 2026 se inscreveram a partir de chamamentos públicos divulgados pelas redes sociais da Rede e do Museu Afro Brasil Emanoel Araujo. Em 2027, pretendemos ampliar o processo a partir de mapeamentos regionais promovendo a inserção de mais iniciativas.

